

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

JOCÉLIA DA SILVA BORTOLI

**“CASO ISABELLA”:
REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO
MIDIÁTICO**

**São Leopoldo
2011**

JOCÉLIA DA SILVA BORTOLI

**“CASO ISABELLA”:
REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO
MIDIÁTICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira

**São Leopoldo
2011**

B739c Bortoli, Jocélia da Silva
“Caso Isabella”: repetição e diferença na construção do acontecimento midiático / por
Jocélia da Silva Bortoli. -- São Leopoldo, 2011.

166 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2011.

Orientação: Prof. Dr. Jairo Ferreira, Ciências da Comunicação.

1.Jornalismo. 2.Telejornalismo. 3.Telejornalismo – Repetição. 4.Mediatização.
5.Notícias de morte – Nardoni, Isabella de Oliveira. I.Ferreira, Jairo. II.Título.

CDU 070
070:654.197

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

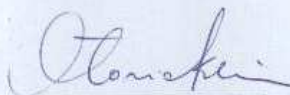
JOCÉLIA DA SILVA BORTOLI

**"CASO ISABELLA": REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DO
ACONTECIMENTO MIDIÁTICO**

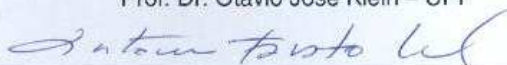
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 31 de agosto de 2011

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Otavio José Klein – UPF



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

Dedico este trabalho para quem fez e faz parte da minha trajetória e para pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam à comunicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À família que incentivou e compreendeu os momentos de ausência por causa da pesquisa.

À doutoranda deste Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Eloísa Joseane da Cunha Klein, que cedeu acervo particular com as gravações dos telejornais do caso em questão.

Ao meu orientador, Jairo Ferreira, pelas orientações e, em especial, pelas desconstruções durante o processo.

Aos professores Antônio Fausto Neto e Beatriz Alcaraz Marocco, pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos professores que contribuíram com discussões e ensinamentos ao longo desta trajetória no Mestrado: Christa Lisolete Berger Ramos Kuschick, José Luiz Warren Jardim Braga e Pedro Gilberto Gomes.

Ao professor Pedro Luiz Osório, que acompanhou meu estágio em docência e colaborou na arte de compartilhar o saber em sala de aula.

Às amigas-colegas: Aline Weschenfelder, muito obrigada pelo apoio na reta final; Daiana Martins e Maria Joana Chiodelli Chaise; e ao amigo-colega, Carlos Renan Samuel Sanchotene, que se tornaram especiais durante este percurso.

À Rosana Cabral Zucolo, uma das primeiras a me despertar para o fascinante mundo da pesquisa.

À equipe de profissionais da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Procad/Capes), que oportunizou minha troca de experiência junto ao Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Às professoras e aos professores da Universidade Federal de Goiás: Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, que contribuiu criticamente para esta pesquisa; e pela acolhida na instituição e constante apoio de: Goiamérico Felício Carneiro dos Santos, Luiz Antônio Signates Freitas, Magno Luz Medeiros da Silva e Maria de Fátima Garbelini.

Às colegas da Universidade Federal de Goiás: Carolina Abbadia de Melo, Conceição de Maria Ferreira Silva, Mariana de Oliveira Freitas, Patrícia da Veiga Borges, Tatiani Carilly Oliveira Andrade, Tatiane Dias Pimentel e Silvânia de Cássia Lima; e ao colega, Leon Eugênio Monteio Rabelo.

Ao Benôni Rossi, ao Fabio Milman, à Mônica Rossi e ao Rafael Da Cás Maffini, que foram compreensivos para que eu pudesse finalizar este trabalho.

“[...] O acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que se ‘tornam’, no quadro de uma transação, embora o seu ‘tornar’ seja muito diferente [...]”.

Quéré (2005, p. 68)

RESUMO

A pesquisa como questões norteadoras: em quê medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância, e diferença – são reproduzidos e transformados nos processos de construção do acontecimento midiático? Como as operações técnico-discursivas de redundância ou repetição e da diferença incidem sobre o fazer do ofício jornalístico? O que há de singular nas operações técnico-discursivas nos telejornais considerando os seus concorrentes, no âmbito do invariante referencial “Caso Isabella”? Metodologicamente, realizamos pesquisa teórica sobre a repetição ou redundância e diferença, acontecimento midiático, operações técnicas em telejornalismo e midiatização, envolvendo os conceitos de circulação e dispositivo. Em termos empíricos, mapeia as operações técnico-discursivas do telejornalismo exibido do “Caso Isabella” no dia 18 de abril de 2008. O trabalho relaciona as operações técnico-discursivas com o acontecimento social e midiático e identifica analogias e diferenças nas operações técnico-discursivas comparando Jornal Nacional, Jornal da Globo, Jornal da Record, Jornal da Band, RedeTV News e Jornal do SBT a partir de um invariante referencial. Observamos as incidências da repetição ou da redundância e da diferença nos telejornais em análise técnico-discursiva, identificando as operações técnicas como lugares de inscrição - formatos compartilhados entre os telejornais - de uma problemática da linguagem.

Palavras-chave: Acontecimento midiático. Telejornais. Repetição. Diferença. Midiatização.

ABSTRACT

Research as guiding questions: to what extent the phenomena of language - repetition or redundancy, and difference - are reproduced and transformed in the process of building the media event? As the techno-discursive operations of redundancy or repetition and difference do focus on the craft of journalism? What's unique operations and technical discourse on the evening news considering its competitors, within the frame-invariant "If Isabella"? Methodologically, we conduct theoretical research on redundancy or repetition and difference, media event, technical operations in broadcast journalism and media coverage, involving the concepts of movement and device. Empirically, maps the operations of the technical discourse of television news show "If Isabella" on April 18, 2008. The work relates the operations with the technical and discursive social and media event and identifies similarities and differences in technical-discursive operations comparing Jornal Nacional, Jornal da Globo, Jornal da Record, Journal of Band RedeTV News and Jornal do SBT from an invariant reference. Observed incidences of repetition or redundancy and the difference in the newscast technical-discursive analysis in identifying the technical operations such as registration places - shared between the TV news formats - a problem of language.

Keywords: Media events. Television news. Repetition. Difference. Media coverage.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tempo do acontecimento nos telejornais	56
Quadro 2 - Operações técnicas em telejornalismo	57
Quadro 3 - Fases do acontecimento no Jornal Nacional	59
Quadro 4 - Vídeo e áudio do <i>off1</i> da quarta reportagem do Jornal Nacional	67
Quadro 5 - Fases do acontecimento no Jornal da Globo	69
Quadro 6 - Fases do acontecimento no Jornal da Record.....	74
Quadro 7 - Fases do acontecimento no Jornal da Band.....	82
Quadro 8 - Fases do acontecimento no RedeTV News	87
Quadro 9 - Fases do acontecimento no Jornal do SBT.....	95
Quadro 10 - Fases do acontecimento nos telejornais	105

LISTA DE SIGLAS

C – Cabeça

CH – Chamada

JB – Jornal da Band

JG – Jornal da Globo

JN – Jornal Nacional

JR- Jornal da Record

JSBT – Jornal do SBT

M- Manchete

R – Reportagem

RTVN – RedeTV News

S – *Stand up*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PERGUNTAS E PROPOSIÇÕES: EM BUSCA DE UM PROBLEMA E HIPÓTESES SOBRE A MUDIATIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO.....	15
1.1.1 O Percurso de Perguntas	15
1.1.2 O Percurso de Hipóteses	16
1.1.3 Objetivos de Pesquisa.....	18
2 APORTES TEÓRICOS E CONCEITUAIS	20
2.1 SOBRE A REDUNDÂNCIA	20
2.1.1 Da Redundância à Diferença	25
2.1.2 Derrida: Diferença, Diferência e Diferença.....	30
2.2 ACONTECIMENTO MUDIÁTICO	34
2.2.1 Acontecimento Jornalístico.....	34
2.2.2 Linguagens Jornalísticas.....	38
2.3 CONTEXTOS TEÓRICOS SOBRE A MUDIATIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO .	40
2.3.1 O Acontecimento Enquanto Construção.....	43
2.3.2 O Social, o Tecnológico e a Linguagem Enquanto Dispositivo	45
2.3.3 O Telejornal como Dispositivo: o Ângulo das Operações Técnicas.....	46
2.4 A ESTRUTURA TÉCNICA DO TELEJORNAL E NOSSAS PERGUNTAS	48
3 PERCURSO METODOLÓGICO	51
3.1 APROPRIAÇÕES METODOLÓGICAS APLICADAS AO OBJETO.....	53
3.2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS	54
3.3 CATEGORIAS DE APROPRIAÇÃO DOS MATERIAIS RECORTADOS.....	56
4 ANÁLISES EMPÍRICAS	58
4.1 JORNAL NACIONAL.....	59
4.1.1 Primeira Fase: Manchete.....	60
4.1.2 Segunda Fase: <i>Stand up</i> e Reportagens	61
4.1.3 Terceira Fase: Reportagens e <i>Stand up</i>	64
4.2 JORNAL DA GLOBO	68
4.2.1 Primeira Fase: Comentário Seguido de Manchete.....	69
4.2.2 Segunda Fase: Reportagens e <i>Stand up</i>	70
4.2.3 Terceira Fase: <i>Stand up</i>	72
4.2.4 Quarta Fase: <i>Stand up</i>	72
4.3 JORNAL DA RECORD.....	73
4.3.1 Primeira e Segunda Fase: Manchete e Reportagens	74
4.3.2 Segunda Fase: Reportagem e <i>Stand up</i>	77
4.3.3 Terceira Fase: Reportagem	81
4.4 JORNAL DA BAND.....	82
4.4.1 Primeira Fase: Manchete.....	82
4.4.2 Segunda Fase: Reportagens e <i>Stand up</i>	83
4.4.3 Terceira Fase: <i>Stand up</i> e Reportagem.....	85
4.5 REDETV NEWS	87
4.5.1 Primeira Fase: Manchete.....	88
4.5.2 Segunda Fase: Reportagens e <i>Stand up</i>	88
4.5.3 Terceira Fase: Reportagens e <i>Stand up</i>	93
4.6 JORNAL DO SBT.....	94
4.6.1 Primeira Fase: Manchete.....	95

4.6.2 Segunda Fase: <i>Stand ups</i> e Reportagens.....	96
4.6.3 Terceira Fase: <i>Stand up</i>.....	102
4.7 ANÁLISES TRANSVERSAIS	103
4.7.1 Fases.....	104
4.7.2 Autorreferência.....	106
4.7.3 Outras Operações Diferenciais.....	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS	115
ANEXO A – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal Nacional de 18/04/08.....	118
ANEXO B – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Globo de 18/04/08.....	127
ANEXO C – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Record de 18/04/08	134
ANEXO D – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Band de 18/04/08	144
ANEXO E – Transcrição de áudio e vídeo do RedeTV News de 18/04/08.....	150
ANEXO F – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal do SBT de 18/04/08.....	159

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a construção do acontecimento midiático nos telejornais brasileiros numa das edições – 18 de abril de 2008 – que teve como gancho central um crime contra uma criança paulista de cinco anos. O nosso primeiro contato com o objeto de estudo se deu naquele ano, ao observarmos de maneira muito preliminar que existiam indícios de que a morte de Isabella de Oliveira Nardoni causou um processo atípico de produção e construção do acontecimento, fazendo com que o tema permanecesse na mídia por aproximadamente 60 dias ininterruptos.

No dia 29 de março, às 23h30, Isabella foi jogada do sexto andar do edifício que seu pai morava atraindo a atenção dos vizinhos num primeiro momento, e em seguida, dos veículos de comunicação. Já no outro dia, o “Caso Isabella¹” começou a mobilizar o país, e os telejornais com seus processos construtivos de informação jornalística sinalizavam a intenção de prolongamento do acontecimento. Isso ocorreu na mídia como um todo e nos diferentes formatos que a informação jornalística pode ser trabalhada, ou seja, nas rádios, nos jornais, nas revistas, nos portais e nas redes sociais.

Para compreendermos a construção do acontecimento midiático, adotamos o procedimento metodológico do estudo empírico no Jornal Nacional, Jornal da Globo, Jornal da Record, Jornal da Band, RedeTV News e Jornal do SBT. O olhar empírico nos materiais sinalizou intensa repetição ou redundância² das informações ao vivo numa constante busca para que o repetir ou redundar se desse por operações técnicas diferenciadas. Essa constatação nos deu orientações para que fôssemos buscar referenciais teóricos que dessem consistência e permitissem elaborações pertinentes ao objeto de estudo.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos: Introdução, Aportes Teóricos e Conceituais, Percurso Metodológico, Análises Empíricas e Considerações Finais. No Capítulo 2 – Aportes Teóricos e Conceituais – constam formulações teóricas a respeito da repetição ou da redundância e da diferença, conforme os conceitos de Babo-Lança (2008), Caiafa (1999, 2004), Charaudeau (2006), Derrida (1991, 1995), Gomes, M. (2004), González Requena (1995), Mouillaud e Porto (2002), Paternostro (1999), Pignatari (2003), Rezende (2000) e Temer (2001, 2009). Esse capítulo ainda trata do referencial teórico acerca do acontecimento nas visões de Mouillaud e Porto (2002), Quéré (2005), Rebelo (2005, 2006), Rodrigues (1993), Santos (2005), Traquina (2005) e Verón (1980, 1995, 1997a, 1997b, 2004).

¹ O “Caso Isabella” foi uma denominação da própria mídia.

² Utilizamos repetição ou redundância com significado equivalente.

O Capítulo 2 possui referencial teórico do acontecimento midiaticizado, considerando apontamentos de Braga (2006a, 2006b), Ferreira (2007, 2010), Gomes, P. (2004, 2006), Luhmann (2005), Mouillaud e Porto (2002), Sodré (2002) e Verón (1980, 1995, 1997a, 1997b, 2004). O capítulo foi desenvolvido também com referencial teórico sobre a relação do dispositivo telejornalismo e midiatização ao partirmos de Klein (2008) que aborda o tema e recupera autores que discutem essa temática. Por fim, pincelamos perguntas às voltas do nosso objeto e percorremos conceitos da estrutura técnica do telejornal com conceitos Cunha (1990), Curado (2002), Maciel (1995), Paternostro (1999) e Prado (1996).

No Capítulo 3 – Percurso Metodológico – inicialmente, nos perguntamos em que medida os telejornais acionavam protocolos e regras do fazer jornalístico, em seu sentido canônico. Essa pergunta preliminar orientou o contato com os materiais empíricos e teóricos. No contato com os materiais e os contextos teóricos, nos dirigimos para uma postura crítica do fazer jornalístico nos telejornais. Ao considerarmos os observáveis e os contextos teóricos, adotamos o caminho de entender a problemática da redundância ou repetição no telejornalismo. Ou seja, nos deslocamos do tema geral relacionado às regras do fazer jornalístico para o tema específico da redundância ou repetição nos telejornais, na medida em que os materiais nos convidaram para essa hipótese - de que o fazer jornalístico opera com a redundância ou repetição-, e os contextos teóricos mobilizados também indicavam essa possibilidade.

Desde a morte de Isabella de Oliveira Nardoni, em 29 de março de 2008, até a prisão preventiva do casal – Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá - em 8 de maio do mesmo ano, o caso esteve presente na mídia por cerca de dois meses. Diante de um período vasto de coleta de materiais, o corpus definido desta pesquisa engloba gravações do “Caso Isabella” de seis telejornais do dia 18 de abril de 2008. Analisamos os programas desse dia porque a menina completaria seis anos e porque a polícia marcou para esse dia o segundo depoimento do casal, com base em laudos periciais, o que produziu uma cobertura simultânea nos telejornais analisados. A construção do acontecimento nos telejornais pautou-se pelas homenagens a Isabella, por causa da data, e pelos depoimentos do pai e da madrasta que, ao final, acabaram indiciados pela polícia. Os telejornais e outros programas televisivos gravados em 2008 resultaram em acervo particular composto por 35 DVDs³. A idéia era trabalharmos

³ Para que, futuramente, possamos dar continuidade ao desvendamento do “Caso Isabella”, gravamos os telejornais na semana de 22 a 26 de março de 2010, que terminou com a condenação do casal. O acervo particular resultou num total de 12 horas de gravações dos mesmos telejornais, com a inclusão ainda do Fala Brasil da Record, Jornal Hoje da Globo, e SBT Brasil do SBT exibido às 19h30. Adotamos esse procedimento porque nossa intenção é analisar um telejornal por dia em cada emissora. Devido ao choque de horários, ampliamos as gravações para que não corrêssemos o risco de perdermos material.

com um telejornal por emissora, porém, incluímos dois programas da Rede Globo – Jornal Nacional e Jornal da Globo, por possuírem elementos pertinentes ao nosso objeto.

No Capítulo 4 – Análises Empíricas – fizemos analogias particularizadas demonstrando a construção de cada telejornal naquela edição. Posteriormente, apontamos as transversalidades entre os programas, com as estratégias repetitivas e diferenciadas das construções, o que nos permitiu que chegássemos a conclusões a respeito do nosso objeto de estudo. No Capítulo 5 – Considerações Finais – retomamos os principais passos no desenvolvimento desta pesquisa e expomos nossas conclusões.

1.1 PERGUNTAS E PROPOSIÇÕES: EM BUSCA DE UM PROBLEMA E HIPÓTESES SOBRE A MEDIATIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Num primeiro momento, o trabalho se desenvolveu em movimentos ascendentes e descendentes (FERREIRA, 2010) entre materiais empíricos eleitos para investigação e contextos teóricos. As sucessivas aproximações permitiram a seleção de um conjunto de perguntas e respostas provisórias, que são as hipóteses. Abordaremos o percurso das nossas perguntas, de nossas hipóteses e de nossos objetivos que compõem a problematização deste trabalho. Procuramos esclarecer os movimentos com a concentração do antes e do depois ao exame de qualificação.

1.1.1 O Percurso de Perguntas

O percurso de perguntas do nosso objeto de estudo foi desenvolvido em dois momentos. Um deles compreende-se antes do exame de qualificação, e o outro, depois. Até a qualificação percebemos que estávamos com perguntas genéricas em torno do tema escolhido sem formulações que dessem conta dos anseios da pesquisa. Constatada a fragilidade em torno das perguntas, procuramos revê-las para que pudéssemos chegar a formulações pertinentes na construção do objeto.

Os primeiros questionamentos que fizemos na tentativa de descoberta do nosso objeto de estudo eram sobre quais foram os critérios adotados para a cobertura do acontecimento, e se eles estariam associados a outros que não são essencialmente jornalísticos, como a ficção? Isso porque o fazer jornalístico do acontecimento Isabella de Oliveira Nardoni parecia ter se dissipado em outras práticas que não eram da esfera jornalística.

Posterior à fase de qualificação, em um trabalho reelaborativo passamos a nos perguntar:

- a) em que medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância e diferença – são reproduzidos e transformados nos processos de construção do acontecimento midiático?;
- b) como as operações técnico-discursivas de redundância ou repetição e da diferença incidem sobre os valores do fazer do ofício?;
- c) o que há de singular nas operações técnico-discursivas nos telejornais, considerando o invariante referencial “Caso Isabella”?

Ao considerarmos os observáveis e os contextos teóricos, adotamos o caminho de entender a problemática da redundância ou repetição no telejornalismo, e a possível diferença. Fizemos deslocamentos do tema geral relacionado às regras do fazer jornalístico para o tema específico da redundância ou repetição e da diferença nos telejornais, na medida em que os materiais nos convidaram para essa hipótese - de que o fazer jornalístico opera com a redundância ou repetição na busca da diferença, e os contextos teóricos mobilizados também indicavam essa possibilidade.

1.1.2 O Percurso de Hipóteses

Da mesma maneira como ocorreu com as perguntas iniciais, as hipóteses também tiveram dois momentos definidos durante a pesquisa – o antes e o depois – do exame de qualificação. Na fase de qualificação a hipótese eixo da pesquisa estava associada à possibilidade dos telejornais terem se valido não apenas de critérios intra, mas extramediáticos na construção do acontecimento, desencadeando processos os quais acreditávamos que fossem extrapolados ou superdimensionados.

As hipóteses específicas eram:

- a) a repetição constante do acontecimento, inclusive, através da contextualização e da reconstituição do crime;
- b) o acontecimento Isabella sobrepondo a todos os outros temas acontecimento, adquirindo *status* superdimensionado por meio de diversas narrativas, não apenas pelo tempo que ocupava, mas que se interpôs em seqüência aos outros;
- c) a ficcionalização do acontecimento articulada com a sua referencialização num mesmo telejornal.

O estudo empírico prévio dava indícios de um processo de transformação para um desvio em relação às práticas jornalísticas canônicas. Tal afirmativa não significa uma crítica ao jornalismo, e sim, uma busca em compreender suas lógicas. A análise empírica dos materiais até a qualificação fez com que trabalhássemos com a hipótese de que a construção do tema pelo jornalismo voltava-se às operações de informação misturada com produções de entretenimento, reforçada pela redundância informativa, num processo de repetição do acontecimento sem oportunizar algo novo para o telespectador. A mistura entre informação e entretenimento possuía presença marcante do ficcional dramatizado e novelizado como já ocorreu em outros acontecimentos construídos pelo telejornalismo. Para melhor visualizarmos essa perspectiva, recordamos o exemplo da cobertura do assassinato da atriz Daniela Perez (SOUZA, 2009), em 1992, que foi construído com narrativas folhetinescas e melodramáticas.

Os casos “Isabella e Daniela Perez” assemelham-se não apenas nesse aspecto, mas também com o jornalismo acionado com vistas ao clamor público diante de temas polêmicos relacionados à morte. No caso de Daniela, ainda ocorreu à afetação de campos (BOURDIEU, 2005) com implicações no direito penal brasileiro.

Essas sinalizações práticas acionadas pelos telejornais com cunho ficcional também no “Caso Isabella” fundamentou-nos para que pudéssemos desenvolver interpretações pertinentes à compreensão da construção do acontecimento midiático. O tom dramático prevaleceu com a exposição de imagens, sobretudo, da própria vítima, da mãe e dos condenados, nas manchetes e nas reportagens desde as leituras de cabeças dos apresentadores nas bancadas até aos desmembramentos dos textos nos *offs* das reportagens.

O mesmo foi encontrado nos depoimentos coletados em sonoras seja por populares que se aglomeraram em frente à delegacia ou à casa do pai de Isabella, por especialistas na investigação de crimes hediondos, e nas passagens de vídeo feitas pelos repórteres sejam elas gravadas ou ao vivo. Além disso, a inexistência de testemunha ocular do acontecimento sustentou o mistério, reforçando a produção do telejornalismo dramático.

Essas reflexões em torno da dramatização e da novelização embora não sejam exploradas nesta pesquisa podem ser relacionadas à prática da problemática da linguagem estabelecida com ciclo redundante ou repetitivo como forma de construir o acontecimento midiático, que é a hipótese central deste estudo. O esgotar do acontecimento midiático significou espichá-lo ao máximo para que o tema agendado estivesse no ar desde o início até o final dos telejornais, seja pelo discurso ou pela repetição excessiva das imagens da menina, da mãe, do pai e da madrasta. Essa prática aparenta ter funcionado com a intenção de criar no telespectador a expectativa de que algo novo estava sendo apresentado com o agendamento do

tema de maneira predominante nos telejornais não apenas pelo tratamento dado na sua construção, mas também, pelo tempo destinado ao mesmo na televisão o qual consensualmente sabe-se que deveria ter sido mais limitado em se tratando de telejornais.

Ao percebermos que estávamos trabalhando com hipóteses abrangentes sem elucidar o acontecimento midiático em nenhum aspecto, optamos por retomá-las com novas proposições:

- a) partimos da percepção de que pode ter sido estabelecido um modelo redundante ou repetitivo nos telejornais ao construir o acontecimento, eliminando uma possível diferença na construção do acontecimento midiático, quando observamos as incidências das operações técnicas no discurso telejornalístico;
- b) as operações técnico-discursivas do telejornalismo, ao comprometer o discurso da diferença, rompem com os valores da objetividade jornalística;
- c) a homogeneidade das operações técnico-discursivas indica um tipo de institucionalização da linguagem, resultante da circulação do acontecimento midiático.

O despertar para a reelaboração dos questionamentos e das proposições teve como marco inicial o exame de qualificação. O nosso objeto de estudo dependia de uma perspectiva específica de pesquisa, que revelasse a produção e a construção do acontecimento até a sua sedimentação como acontecimento midiático. No entanto, antes dessa retomada aos questionamentos com novas formulações, a perspectiva era absolutamente generalista, desconsiderando peculiaridades a serem exploradas no estudo, as quais dependiam de delimitação e recortes.

1.1.3 Objetivos de Pesquisa

Até o exame de qualificação o nosso objetivo geral era desvendar o porquê do tema Isabella, como acontecimento midiático, conseguiu sobressair em relação aos demais temas jornalísticos, durante aproximadamente 60 dias permanentes, em 2008, e retomar as manchetes dos telejornais no período de uma semana, em março de 2010, com o julgamento e a condenação do casal. Ao considerarmos que o “Caso Isabella” é um micro-acontecimento (SANTOS, 2005), tínhamos como objetivo geral desvendar a prática de telejornalismo contrapondo-se à objetividade da informação na esfera do telejornalismo.

Os nossos objetivos específicos até a fase de qualificação debruçavam-se em:

- a) compreender a contribuição da sociedade no processo do eterno retorno ao acontecimento “Caso Isabella” e das operações técnicas dos telejornais destinadas a essa prática;
- b) analisar de que forma as narrativas foram trabalhadas no acontecimento, conferindo a ele o poder de sobreposição aos demais acontecimentos, especialmente, a partir da redundância;
- c) desvendar de que forma foi acionada a ficcionalização do acontecimento no telejornalismo articulada com sua referencialização num mesmo telejornal.

O segundo momento desta pesquisa - após a qualificação e a reelaboração dos questionamentos e das hipóteses – possibilitou que o nosso objetivo geral fosse mapear as operações técnico-discursivas do telejornalismo, a partir do material exibido em 18 de abril de 2008. Os nossos objetivos específicos foram repensados e revelam a intenção de:

- a) relacionar operações técnico-discursivas com o acontecimento midiático;
- b) identificar analogias e diferenças nas operações técnico-discursivas comparando os telejornais, a partir de um invariante referencial.

2 APORTES TEÓRICOS E CONCEITUAIS

Neste capítulo procuramos compreender e nos atermos aos conceitos e às teorias da repetição ou redundância, da diferença, da construção do acontecimento social e midiático, das operações técnicas em telejornalismo e da midiatização na perspectiva da circulação e do dispositivo.

2.1 SOBRE A REDUNDÂNCIA

Numa perspectiva semio-informacional, Pignatari (2003) afirma que a comunicação é uma espécie de processo variável e estatístico condicionado pela interdependência de sinais, através de normas e regras que a relaciona, e ainda, que decidem sobre o seu grau de informação. “As regras sintáticas introduzem *redundância* na mensagem, a fim de que a sua recepção correta fique melhor amparada” (PIGNATARI, 2003, p. 58, grifo do autor). Essas leis e normas dão estrutura ao sistema, permitindo previsões de comportamento ou de ocorrência de sinais e, sobretudo, conferem segurança à informação:

[...] A **redundância** pode ser entendida simplesmente como repetição; é causada por um **excesso de regras que confere à comunicação um certo coeficiente de segurança**, ou seja, comunica a mesma informação mais do que uma única vez e, eventualmente, de modos diferentes. De outro lado, quanto maior a redundância, maior a previsibilidade, isto é, sinal redundante é sinal previsível. A redundância introduz no sistema uma certa capacidade de absorção de ruído e de prevenção do erro: por exemplo, quando queremos certificar-nos do acerto de uma operação aritmética, nós a repetimos. Há sistemas não-redundantes, sistemas integralmente informacionais, que esgotam todas as possibilidades combinatórias da fonte: os sistemas numéricos, por exemplo. Se errarmos um único dígito num cálculo matemático, num número de telefone, numa data ou num endereço – teremos informação errada, pois o sistema não possui margem absorvente de ruído (PIGNATARI, 2003, p. 49, grifo nosso).

Já na perspectiva da crítica à indústria cultural, González Requena (1995, p. 82) diz que: “[...] a banalização do discurso televisivo: a ausência de esforço, de trabalho, no espectador, somada à sucessão de fragmentos tem por contrapartida a tendência a uma absoluta obviedade e redundância na mensagem espetacular [...]”. Essa mesma corrente pode ser vista em Rezende (2000, p. 33), para quem a redundância é “um dos traços mais notáveis da indústria cultural e particularmente da televisão, como recurso indispensável para manter o espectador ligado à programação”. Crescitelli (1995, p. 87 apud REZENDE, 2000) ressalta que nas telenovelas, por exemplo, a repetição de enredo, episódios, situações, caracterizações

de personagens e falas é usada, às vezes, exaustivamente, como estratégia para atrair e conservar a fidelidade do telespectador.

Outra angulação acentua a correlação entre formatos televisivos que atravessariam gêneros diferenciados. Isso é importante para pensar a midiatização por meio de gêneros diferenciados operando com linguagens afins. A construção no telejornalismo faz com que determinados assuntos e/ou focos temáticos estejam sempre na pauta. Cada matéria telejornalística é construída para ser unidade em si mesma, com o impacto de alguns fatos, a seqüencialidade de alguns acontecimentos, além da própria parcialidade dos jornalistas, que, agindo de acordo com diretrizes previamente delimitadas, valores-notícias determinados, tendem a valorizar determinados assuntos, e a não deixarem outros caírem no esquecimento (TEMER, 2001). O construir dos telejornais é realizado de maneira muito próxima ao modelo seqüencial de tramas das telenovelas (TEMER, 2001, p. 272):

A constante repetição de temas e/ou assuntos permite que a matéria jornalística possa ser vista de duas maneiras: enquanto matéria em si – e, portanto, delimitada; ou parte de um processo em andamento. Nesse sentido, determinadas matérias jornalísticas se assemelham a certas histórias seqüenciais, em que cada capítulo ou episódio pode ser visto (e compreendido) em separado, como uma história única, com começo, meio e fim, mas que também fazem parte de uma dinâmica interna – do desenvolvimento da vida dos personagens principais, de uma trama seqüencial.

Temer (2001) nota que a dupla possibilidade de interpretação da matéria jornalística não é estanque. De acordo com o seu estudo, a análise das matérias jornalísticas da Rede Globo mostra que, nas matérias de serviço, predomina o conjunto mais imediato de informação. “Isso também ocorre no material factual, embora nem sempre com a mesma clareza. De fato, quanto mais próximo temporalmente o acontecimento, maior a redundância no conteúdo da matéria” (TEMER, 2001, p. 272).

A pesquisadora aponta que no caso de grandes acidentes - dois em duas semanas estudadas - quando, na ausência de algo novo a dizer, os repórteres repetiam mais de uma vez as mesmas informações. Outra constatação em seu trabalho se refere ao fato de que embora os jornalistas da emissora declarem valorizar as transmissões ao vivo e vejam nelas um parâmetro de qualidade, a análise do material mostra que quase sempre se opta pela segurança das matérias pré-gravadas, deixando as transmissões ao vivo para os momentos em que há poucas chances de imprevistos, ou para as grandes calamidades, quando a transmissão ao vivo torna-se inevitável.

No artigo, “De Tudo um Pouco: o Telejornalismo e a Mistura dos Gêneros”, Temer (2009) faz uma análise das relações de hibridização entre o telejornalismo e os novos gêneros

híbridos que têm surgido na televisão brasileira e, em particular, a contaminação do telejornalismo pela linguagem emocional e pela prestação de serviço; e o uso de recursos de telejornalismo por gêneros nos quais predominam o entretenimento e o humor. O estudo tem como base a análise de conteúdo e o estudo sobre gêneros televisivos a partir de uma revisão dos compromissos do telejornalismo com o interesse público e seus vínculos com o interesse do público.

Paternostro (1999) ao abordar o texto na tevê observa que a repetição de palavras, idéias ou nomes é importante nesse texto para acentuar a retenção e dar clareza à notícia, principalmente porque o telespectador não tem a oportunidade de recorrer novamente ao texto e pode ficar com dúvida quanto à informação. No entanto, ressalta que “a repetição deve ter medida certa, para que não sobre nem falte [...]” (PATERNOSTRO, 1999, p. 113-114). A redundância ainda é apontada por Paternostro (1999) sob outra ótica que é do texto do repórter descrevendo exatamente o que é visto na imagem. “Há casos de redundância, quando o texto descreve exatamente o que se vê. Há casos de paralelismo, quando texto e imagem não se complementam, caminhando lado a lado, de forma independente [...]” (PATERNOSTRO, 1999, p. 72).

Outra definição de redundância que nos fundamenta teoricamente para desenvolvimento do trabalho refere-se à compreensão de Gomes, M. (2004). Ao tentar examinar o caminho da repetição, no campo do jornalismo, ela busca elementos que solidificam a estratificação através:

- a) do isolamento da recorrência dos temas ou da recorrência de pressupostos deslizando sob as temáticas;
- b) das organizações textuais e diagramáticas;
- c) da constância de atores e modelos.

Sobre a relação redundância e comunicação ela defende que:

Mas, no campo da comunicação é sob o nome execrado da redundância que essas operações de repetição são colocadas. O efeito da repulsa à redundância, por qualificá-la negativamente no campo da esterilidade e da pobreza, é ignorá-la enquanto condição da comunicação. Porque só encontramos comunicabilidade num campo comum e já disposto, em relação ao pré-disposto. A comunicação deve necessariamente rebater sobre um campo, rebatimento desde sempre redundante (GOMES, M., 2004, p. 25-26).

Gomes, M. (2004) busca em Deleuze e Guattari a forma de processamento da repetição. “A redundância tem duas formas *frequência e ressonância*, a primeira concernente

à significância da informação, a segunda (EU=EU) concernente à subjetividade da comunicação”, (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 17 apud GOMES, M., 2004, p. 26, grifo do autor). Para a pesquisadora, a observação de Deleuze de que a comunicação só pode funcionar como redundância, desdobrando-se em frequência e ressonância, é feita em referência ao dado prévio, que se só pode ser entendida em relação ao que já está disposto, de antemão, como compreensão de mundo (GOMES, M., 2004).

Gomes, M. (2004) comenta que é a frequência que nos remete a este ponto em que significados batem com significados já delineados, em que a informação incide sobre um quadro ao qual ela se sobrepõe, ou melhor, em que se encaixa. Para ela, a ressonância, por sua vez, é o ponto em que as identificações se absorvem nas identidades, e não acontece a menos que estes pontos possíveis de conexão também estejam anteriormente inscritos e delineados como possíveis, atravessando um campo e outro: o campo da emissão e da recepção.

Segundo a pesquisadora, basta nos determos por alguns instantes no pensamento do que é redundância para percebermos que ela não pode ser efetiva por si própria com única operação implicada no processo do comunicado. “Num primeiro momento, constatamos a necessidade de sua operação sobre um dado prévio, mas algo ainda nos falta no que se refere aos mecanismos para que a repetição se inscreva, a saber no modo de inscrição” (GOMES, M., 2004, p. 26). A pesquisadora explica que para compreendermos esse processo:

Podemos, hoje em dia, certamente falar até cansar, ou seja, repetir que as mulheres devem dedicar-se somente às atividades *do lar*, e não convenceremos ninguém. À possível réplica de que não convenceremos porque as mulheres efetivamente não mais se dedicam somente ao lar, retrucamos que não convencemos porque há um lugar diferentemente designado à mulher, aliás desde o século XIX, lugar socialmente dimensionado à espera de sua possível inserção (GOMES, M., 2004, p. 27, grifo do autor).

Ou seja, há uma inscrição do repetido num espaço discursivo. Em termos midiáticos, há um espaço de possíveis na esfera da discursividade que atravessa produção e recepção. Gomes, M. (2004) considera a repetição ou redundância enquanto frequência no campo de inserção da palavra de ordem, que pode ser capturada via quadriculamento, e a da palavra de ordem com seus conteúdos específicos, que pintam o quadro com sentidos implicitamente apontados. “Neste caso, é preciso ter em mente as bandeiras pelas quais se pauta o jornalismo, elas próprias não são como meros ideais, mas como táticas de redundância reforçando campos” (GOMES, M., 2004, p. 32). A pesquisadora reitera que:

Queremos com isso mostrar que a redundância, *qua* frequência, funciona positivamente na concretização de um aplainamento das diferenças ao manter esse

movimento pelo qual se pensa que uma coisa, um fato ou um objeto, é sempre recuperável em seu modo específico. Funciona como um apagador da diferença, um elemento tranquilizador porque torna administrável um campo, como no caso da palavra *stress* (GOMES, M., 2004, p. 29, grifo do autor).

O estudo de Gomes, M. (2004) tem como objetivo ainda revelar a composição do quadriculado e do quadrículo, sobretudo, a repetição como fundadora do quadriculamento do espaço social, propensa à disciplinabilidade e à operação de ordem como organização e como comando. Com esse critério, Gomes, M. (2004) aponta que aparecerá a sequencialidade e a homogeneização de campo, os focos explícitos, e também os sutis, de inserção de ordem. Para compreensão do quadriculamento, ela observa que basta considerar o modo como os programas começam as frases proferidas por âncora. Gomes, M. (2004) reitera que a lógica da repetição trabalha para o diferimento e opera constantemente o apagamento da diferença.

Trata-se de ver, nos índices que remetem a repetição, à produção da impressão do mesmo, as estratégias pelas quais ela se alça a esse poder de encobrimento de uma potência maior que é a diferença. Trata-se dos métodos com os quais se organizam os enunciados, eles próprios como estratégias disciplinares (GOMES, M., 2004).

O papel dos programas de televisão com essa prática é o de estabelecer a coesão pela constância, mantendo inalterada a estrutura com notícias de exceção ou quando interrompidos pela propaganda eleitoral, por eventos de última hora, por comunicados governamentais ou discursos/declarações presidenciais (GOMES, M., 2004). “Assim, os ganchos prometem continuidade e com isso estabelecem a coesão entre fragmento da estrutura e o fragmento de realidade dos fatos trazidos, para compor um todo” (GOMES, M., 2004, p. 71). Além de promover a coesão na continuidade, o gancho introduzido pela repetição retoma temas anteriores ainda não abordados. “[...] É o estatuto fragmentário que permite aos ganchos operarem por remetência ao bloco seguinte, a lacuna a realizar-se, a completar-se a seguir, operação que instala coesão. Eis a circunstância paradoxal que habita os ganchos” (GOMES, M., 2004, p. 71).

Ao abordar a redundância como frequência, Gomes, M. (2004) ainda mostra que é revelado um desenvolvimento/exploração da notícia por todos os jornais de forma a compor um trajeto transversal da continuidade. “Podemos continuar em sintonia com os fatos mesmo que mudemos de canal televisivo e mesmo se seu desfecho se der semanas depois” (GOMES, M., 2004, p. 77).

A operação de remetência ao programa ou a outros programas da emissora se dá pela auto-referencialidade¹, partindo da prática da redundância como frequência. O anúncio da abordagem de um assunto na programação televisiva – pelo próprio programa noticioso, ou por outro programa, por outra seção do programa – tem forte ligação ao sistema dos ganchos em sua colocação de um “Veja a seguir” ou “Ainda hoje”. A partir da auto-referencialidade emerge o que Gomes, M. (2004) denomina de “informação expandida”, ou seja, que não se encontra ali naquele momento, mas será pormenorizada e esclarecida em outro bloco, em outras vozes, preferencialmente de *experts*, em outros programas a elas dedicados. Esse procedimento, a leveza e a ligeireza das abordagens ficam neutralizadas e o veículo se firma seriamente comprometido com o trabalho de informação. O aspecto da auto-referencialidade solidifica e legitima veículo e programa, como quadrículo dentro do quadriculado (GOMES, M., 2004).

Se retomarmos as colocações iniciais sobre a redundância, sobre a repetição do ponto de vista de formações discursivas já delineadas, temos de considerá-la sob dois aspectos. Primeiramente, o conteúdo já dito só pode instalar-se e fixa-se via repetição, via comunicados que reiteram alguns sentidos. Por outro lado, a repetição, ou a redundância como frequência, trabalha inerte na cristalização destes conteúdos por ela mesma colocados. Desse modo, a comunicação e os comunicados têm que funcionar de duas maneiras: uma que se distende, se desloca, e outra que redobra sobre si mesma: uma que inaugura, outra que eterniza (GOMES, M., 2004).

As considerações de Gomes, M. (2004) apresentadas em “Jornalismo e Filosofia da Comunicação” reforçam que a permissão do vai e vem da redundância e a sua inscrição abarcando passado e futuro, se dá com a homogeneidade construída pelo quadro. A pesquisadora vê repetição como distensão e apropria-se de Deleuze para dar conta de explicar o jogo dos quadros que se atritam, se montam e se desmontam, no jogo do jornalismo por excelência. “[...] Existe uma repetição como potência do conceito: é o ajuste de uma região a outra. E esse ajuste é uma operação indispensável, perpétua, o mundo como colcha de retalhos” (DELEUZE, 1998, p. 184 apud GOMES, M., 2004, p. 135).

2.1.1 Da Redundância à Diferença

Em “Comunicação da Diferença”, Caiafa (2004) discute a redundância, recuperando questões como código e signo. No esquema informativo a comunicação se realiza se uma

¹ Nesta pesquisa, a palavra aparece nas duas formas: auto-referencialidade e autorreferencialidade, dependendo da maneira adotada pelo pesquisador ou pesquisadora sem prejuízo semântico.

mensagem produzida de código comum que reúne emissor e receptor percorrer uma linha reta do primeiro ao segundo. Segundo Caiafa (2004), as interferências, chamadas ruído, são destrutivas, elas interrompem o circuito da comunicação, sendo necessário que o pólo receptor reconheça aquele recorte do código comum para que se cumpra esse circuito. Caiafa (2004) enfatiza que é pela identificação de marcas conhecidas que a comunicação pode se dar. O percurso da mensagem deve ser desimpedido de interferências, deve ser o mais limpo possível. “Ou só admitir impurezas previstas e organizadas: a redundância – para que essas marcas sejam reconhecidas. A redundância é uma repetição controlada que evita o excesso de novidade na informação e permite o reconhecimento da mensagem” (CAIAFA, 2004, p. 48).

A linguagem tende à língua, ao código pré-determinado, pré-estabelecido, e que organiza os atos de comunicação (CAIAFA, 1999). Deleuze e Guattari falam da necessidade de uma “pragmática imanente” para entender as questões da linguagem (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 105-106 apud CAIAFA, 2004), uma perspectiva que lance, desde o início, a linguagem no mundo, estabeleça ou restabeleça esse vínculo problemático entre as palavras e as coisas, fugindo à primazia do código e à autonominação dos fatos de linguagem. A partir de terminologia foucaultiana, Deleuze procura definir o vínculo complexo que une enunciados e visibilidades (DELEUZE, 1991 apud CAIAFA, 2004).

Caiafa (2004) lembra que os enunciados não são frases, mas a linguagem recortada pelo que não é linguagem, pelas práticas sociais, instituições, entre outras. Ao revisitar Deleuze e Guattari (1980 apud GOMES, M. 2004), a autora comenta que eles destacam as visibilidades, que são o campo social também atingido pela intervenção dos enunciados, existindo um “recorte mútuo” entre o que se diz e o que se faz.

Caiafa (2004) observa que se deveria lançar a linguagem desde o início no espaço impuro de diferenças porque tanto quanto se dá com a teoria da informação, nas análises de inspiração estruturalista, a comunicação só pode se dar pelo reconhecimento. Para a autora, o ato de comunicação se torna uma realização mais ou menos passiva da instância que o precede, o código, e que só pode ser concebido num espaço de identidades. Nessa perspectiva, a diferença é concebida “como oposição” e a pesquisadora lembra que os significantes e os significados se opõem na interioridade da língua e é isso que constitui um sistema de signos que se distinguem, que valem negativamente entre si (CAIAFA, 2004). Assim, a *langue* – o código lingüístico, o sistema de signos, conforme definido por Saussure (1995 apud GOMES, M., 2004) – é um conjunto de diferenças que gera as mesmas marcas em todos os falantes e, por fim, é um conjunto de diferenças que gera identidades.

Na compreensão de Caiafa (2004), a comunicação se torna possível pela capacidade de reconhecimento dessas marcas que nos reúnem. A pesquisadora reforça que o ato comunicativo está subordinado à dimensão do código, que por sua vez, se caracteriza por suas regularidades, suas constantes, por aquilo que nele se repete. “[...] Sua margem de variabilidade é mínima, e mesmo a variação tende a ser prevista e posicionada pelo próprio sistema [...]” (CAIAFA, 2004, p. 49).

Caiafa (2004) reforça que informação é sempre novidade, embora novidade autorizada pelas marcas do código comum, e a redundância vem pôr um limite aos excessos do novo para que o circuito se cumpra. Na releitura sobre Deleuze e Guattari (1980 apud CAIAFA, 2004), a linguagem, imbricada nas relações de poder, funciona, antes de tudo, como reverberador de conteúdos dominantes. Conforme Deleuze e Guattari (1980 apud CAIAFA, 2004, p. 50):

[...] Fala-se tendencialmente o mesmo; repetem-se esses conteúdos. E, ao contrário, a informação é mínima o suficiente para fazer passar a redundância. Assim, todo enunciado carrega e efetua pressupostos implícitos de uma ordem política numa dada sociedade. Entre esses pressupostos e os enunciados que os efetua, escrevem Deleuze e Guattari, há um laço de ‘obrigação social’ [...].

A dimensão da palavra de ordem é justamente a relação entre pressupostos e enunciados, ou seja, remete a esse laço. De acordo com Caiafa (2004), os autores afirmam, então, que a linguagem não é, antes de tudo, informativa, mas transmissão de palavras de ordem, o que faz com que Deleuze e Guattari façam coro às análises que se ocupam do aspecto do reconhecimento nos processos comunicativos. “[...] Esse aspecto é, ao mesmo tempo que analisado, denunciado, juntamente com algumas abordagens que se ocupam deles. É por uma artimanha política que a linguagem é repetição [...]” (CAIAFA, 2004, p. 50).

Caiafa (2004) destaca que é uma dimensão interessante da linguagem e da comunicação – conferir certa realidade a mundos possíveis. A linguagem dá realidade ao estranho, a comunicação reúne para distrair os conversadores de si mesmos, para trazê-los mais perto de estranhos mundos. A pesquisadora também enfatiza que a comunicação se dá por uma “operação de diferença”, efetuada pela concreção de um possível que me é estranho, por uma dimensão em que não me reconheço, mas que, ao contrário, me tira um pouco de mim (CAIAFA, 2004). Embora as situações de comunicação sejam diversas, e haja muitas formas de pacificar esse aspecto de estranhamento, ele é uma força ativa nos processos de comunicação. Nesse caso, a pesquisadora explica que é porque encontramos as mesmas marcas que conversamos, embora, evidentemente, partilhemos um código comum, não é o

conhecido que tem força interpeladora, que atrai o interlocutor e possibilita a comunicação. “[...] É, sim, o que difere, o que varia – não absolutamente, mas no jogo das diferenças e repetições das linguagens e das experiências” (CAIAFA, 2004, p. 52).

Bakhtin e Volochínov (2002 apud CAIAFA, 2004) produziram um pensamento da diferença que ressoa a algumas afirmações de Deleuze. Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Bakhtin e Volochínov, estudam o que denominam “as condições de comunicação sócio-verbal”. Caiafa (2004) comenta que é constante ali a afirmação de que os fenômenos comunicacionais se recortam de um fluxo, de “uma corrente de comunicação ininterrupta”, que é social, envolve uma “situação extralingüística” e remete a interação verbal para um contexto social mais amplo. Ainda a respeito de Bakhtin e Volochínov, Caiafa (2004, p. 53), salienta que:

Outra afirmação importante é que é preciso considerar a interação concreta, em exercício num dado momento e num campo social. Essas posições ajudam a delinear a dimensão da diferença na comunicação. Os autores escrevem que, para quem fala uma língua, o que importa não é o sistema de formas normativas per se. O locutor não lida com a noção de sistema de regras. Ele utiliza as formas normativas num dado contexto concreto. Ele está, portanto, muito mais atento às vicissitudes nesse contexto do que a constantes estipuladas previamente que possibilitariam um reconhecimento.

O essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 93 apud CAIAFA, 2004). Caiafa (2004) enfatiza que o receptor percebe a novidade da forma verbal e o diferente na comunicação. “Decodificamos, compreendemos não só pela conformidade à norma, pelo reconhecimento, pela identificação do que nos é familiar, mas também e sobretudo pela novidade daquela utilização, pela variação do signo naquele contexto concreto” (CAIAFA, 2004, p. 53).

Para Bakhtin e Volochínov, a língua tem um componente de sinalidade, ou seja, de repetição. Mas o que define o signo não é esse componente, e sim a novidade em que ele se absorve e que vai ser a força motriz da comunicação. A partir de Deleuze e Guattari (1980), diríamos que é o componente de variação que é condição central de efetuação da linguagem. No caso das duas perspectivas, observamos que é a própria língua – em certa medida um conjunto de constantes, definida também por seu aspecto de sinal – que oferece, paradoxalmente, a oportunidade da variação, da novidade na linguagem e na comunicação.

Aqui há uma diferença em relação à posição de Barthes. Como vimos, para Barthes os usos criadores da linguagem, como a literatura, envolvem esquivar-se da língua, essa lei que faz da linguagem uma ‘reição generalizada’, uma ‘legislação’. Podemos observar esse ponto com mais clareza pelo contraste com Bakhtin e Volochínov.

Para esses autores, não é por uma luta contra a língua que obtemos a novidade. O próprio signo, embora seja também sinal, realiza-se, antes de tudo, em seu aspecto de variação. Também Deleuze e Guattari produzem um contraste com Barthes. Para eles, a imposição das palavras de ordem pode ser revertida se estas se transformam em ‘senhas’. E é a própria palavra de ordem – essa dimensão de repetição não criadora, de ressonância de pressupostos da ordem social – que trará consigo o seu antídoto (CAIAFA, 2004, p. 54).

Para Deleuze e Guattari (1980 apud CAIAFA, 2004) temos na linguagem antes de tudo, variáveis com mais de um tratamento possível. O tratamento que eles chamam “maior” é aquele que cristaliza essas variáveis em constantes, em que, ao mesmo tempo em que a expressão se cola à regra e ao que obriga a dizer, os conteúdos sociais tendem a seguir a ordem dominante. Aqui vigora a dimensão da palavra de ordem (CAIAFA, 2004).

Ainda há outro tratamento das variáveis, que os autores chamam “menor” ou de “variação contínua”, que envolve um investimento mais forte na variação, em detrimento das constantes. Esse movimento no plano da expressão é inseparável de um recorte transformador do mundo, no plano do conteúdo. Há aqui um investimento no aspecto de mobilidade do signo – poderíamos dizer a partir do texto de Bakhtin e Volochínov –, no aspecto de novidade da linguagem. E, para Deleuze e Guattari, esse aspecto da linguagem é igualmente ouvido. Também para Bakhtin e Volochínov, ele é mesmo o componente mais importante da comunicação (CAIAFA, 2004).

Caiafa (2004) conclui após recuperar Deleuze, Guattari, Barthes, Bakhtin e Volochínov, que não se produz um boicote à língua. Não se trata de dois momentos separados, de dois contendores porque as constantes não poderiam deixar de se fazer acompanhar por uma margem de variabilidade sempre e desde o início. Essa margem já vem, ela se nos oferece no exercício mesmo da linguagem. É preciso fugir da dimensão conservadora da linguagem, que vem com o conjunto de constantes e suas imposições. Mas, na interação comunicacional, o que importa é a mobilidade do signo num contexto concreto. Ora, essa mobilidade não cessa de ameaçar as constantes, a sinalidade do signo, e pôr em cheque o processo de reconhecimento na linguagem. Há uma luta contra a dimensão da palavra de ordem, mas, paradoxalmente, através da “variável-palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 135 apud CAIAFA, 2004).

Segundo Caiafa (2004) em se tratando de linguagem, é a novidade que nos faz falar, comunicamo-nos também e, sobretudo, por esses vetores de mobilidade, ou, utilizando o termo de Deleuze e Guattari, por essas “tensões de fuga”. Caiafa (2004) conclui que uma via interessante se abre para o pensamento comunicacional porque não basta introduzir a diferença a certa altura nos processos comunicacionais. Segundo ela, não escapamos das

abordagens do reconhecimento e da identidade se fazemos dessa diferença um evento extraordinário ou adventício que sobrevém ulteriormente a um esquema identitário.

“O grande passo e o grande esforço é conceber a diferença como primeira, a variação como presente desde o início, imanente aos processos comunicativos. É o novo na enunciação que nos faz entender a fala do outro e que nos faz retorquir” (CAIAFA, 2004, p. 10). Para ela, a ordem da palavra também é um “grito de alarme” para a fuga. “São passagens que construímos quando usamos a linguagem, quando atentamos a esses estranhos e novos mundos que nos chegam pela presença de outrem e pela comunicação” (CAIAFA, 2004, p. 10).

2.1.2 Derrida: Diferença, Diferência e Diferença

Para finalizar as reflexões em torno da repetição ou redundância e da diferença, buscamos as compreensões de Derrida (1991) que desenvolveu seu estudo baseado na filosofia da linguagem. É necessário pontuarmos que o termo *différance* cunhado por Derrida (1991) a partir da palavra francesa *différence* (diferença), mantém a semelhança fônica apesar da diferença gráfica. *Différance* é traduzida por *diferença*, seguindo a forma proposta pelos tradutores Joaquim Torres Costa e Antônio Magalhães de “Margens da Filosofia”. Outras traduções já propostas foram *diferência* e *diferença*.

Para Derrida (1991), tudo no traçado da diferença é estratégico e aventureiro. Por estratégico, ele compreende que nenhuma verdade transcendente e presente - fora do campo da escrita - comanda teologicamente a totalidade do campo. Já aventureiro é esclarecido pelo filósofo francês porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que ela orienta a tática tendo como ponto inicial um desígnio final, um *telos* ou o tema de uma dominação, de um controle e de uma reapropriação última do movimento ou do campo.

A estratégia sem finalidade é apontada por Derrida (1991) como tática cega, errância empírica, se o valor do empirismo não recebesse ele próprio todo o seu sentido da sua oposição à responsabilidade filosófica. “Se há uma certa errância no traçado da diferença, ela não segue mais o traçado da linha do discurso filosófico-lógico do que a do seu reverso simétrico e solidário, o discurso empírico-lógico [...]” (DERRIDA, 1991, p. 37-38).

Com relação à diferença ele pontua que não se trata de palavra e nem conceito porque estrategicamente deve ser pensada e dominada pelos limites estruturais. Para Derrida (1991), a estrutura precisa ser ameaçada *metodicamente* para melhor ser percebida. “[...] Na instância da *ameaça*, no momento em que a eminência do perigo fixa os nossos olhares na abóboda de

uma instituição, na pedra em que resumem a sua possibilidade e a sua fragilidade” (DERRIDA, 1995, p. 16, grifo do autor).

Derrida (1991) observa que o verbo diferir possui dois sentidos - verbo latino *differre* - com sentido que não se trata de uma tradução simples de *diapherien* do grego, o que causa conseqüências na ligação do tema a uma língua particular e a uma língua que é menos filosófica, ou menos originalmente filosófica do que a outra. No entanto, Derrida (1991) salienta que a distribuição do sentido no *diapherin* grego não comporta um dos dois motivos do *differe* latino, que é a temporalização. Nesse sentido, é temporalizar, é recorrer, consciente ou inconscientemente, à mediação temporal e temporalizada de um desvio que suspende a consumação e a satisfação do “desejo” ou da “vontade”, realizando-o de fato de um modo que lhe anula ou modera o efeito (DERRIDA, 1995, p. 38-39).

Para esclarecer a “diferença” como temporalização ou como espaçamento, Derrida entra na esfera da problemática do signo e da escrita:

O signo, diz-se correntemente, coloca-se em lugar da coisa mesma, da coisa presente, ‘coisa’ equivalendo aqui tanto ao sentido como ao referente. O signo representa o presente na sua ausência. Faz às vezes dele. Quando não podemos tomar ou mostrar a coisa, digamos o presente, o ente-presente, quando o presente não se apresenta, então significamos, servimo-nos do subterfúgio de um signo. Significamos. **O signo seria então a presença diferida.** Quer se trate do signo verbal ou escrito, do signo monetário, da delegação eleitoral e da representação política, a circulação dos signos difere o momento em que poderíamos encontrar a coisa mesma, apossarmo-nos dela, consumi-la ou dependê-la, tocá-la, vê-la, ter dela uma intuição presente. Aquilo que eu aqui descrevo para definir, na banalidade dos seus traços, a **significação como diferença da temporalização é a estrutura classicamente determinado do signo:** ela pressupõe que o signo, diferindo a presença, só é pensável *a partir* da presença em que ele diferi e *em vista* da presença inferida que tentamos reapropriarmo-nos. Segundo esta semiologia clássica, a substituição da coisa mesma pelo signo é simultaneamente *secundária* e *provisória*: secundária em relação a uma presença original e perdida de que o signo derivaria; provisória perante esta presença original e ausente em vista da qual **o signo encontrar-se-ia num movimento de mediação** (DERRIDA, 1991, p. 40-41, grifo nosso).

Derrida (1991) coloca-nos que a maioria das investigações semiológicas ou lingüísticas dominantes hoje no campo do pensamento, quer pelos resultados próprios, quer pela função de modelo regulador em que se vêem por todo o lado reconhecidas, remetem genealogicamente a Saussure. Segundo Derrida (1991), é Saussure quem colocou que o “arbitrário do signo” e o caráter “diferencial” dele são princípios da semiologia geral, particularmente da lingüística. “[...] E os dois motivos – arbitrário e diferencial – são como se sabe, aos seus olhos, inseparáveis. Só pode haver arbitrário na medida em que o sistema de signos é constituído por diferenças, não por termos plenos [...]” (DERRIDA, 1991, p. 41-42).

Derrida (1991) ressalta que Saussure é considerado o pai do estruturalismo por ser o fundador da lingüística moderna. O autor procurou, sobretudo, fundamentar o princípio da “arbitrariedade do signo” ao dizer que a união do significante ao significado é arbitrária. Outra compreensão de signo é que ele resulta da associação de um significante com um significado, o que se pode dizer que o “signo lingüístico é arbitrário” (DERRIDA, 1991).

A partir da compreensão baseada em Saussure, Derrida (1991) cita que a idéia de “cadeira” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons c-a-d-e-i-r-a que lhe serve de significante — poderia ser representada igualmente por outra seqüência, não importa qual. Isso comprova que existem diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. Ainda com base em Saussure, Derrida aborda a língua como um sistema no qual o sentido de cada palavra é a diferença entre ela e todas as outras. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (DERRIDA, 1991).

A justificativa da existência de um signo é interna ao sistema, pois o primeiro foi gerado pelo segundo. A priori ao sistema, o signo é arbitrário, mas após a sua criação no sistema e a associação a um conceito, ele se justifica nesse sistema. Quando já admitido que a palavra árvore remete ao conceito árvore, quer dizer que a razão do signo árvore é a diferença entre os outros termos — isto é, não ser os outros, como mesa, cachorro, andar etc. O signo é um dado do sistema que se impõe pela estrutura lingüística (DERRIDA, 1991).

Derrida (1991) notabilizou-se pelo desenvolvimento da teoria da desconstrução, a partir do pensamento de Saussure, levando até as últimas conseqüências o pensamento do filósofo, procurando aplicar as premissas da lingüística moderna em todo universo das ciências e dos seus postulados. O desconstrucionismo admite que a língua é um sistema de diferenças entre signos, da mesma forma que Saussure, mas afirma categoricamente que ela não tem referência a qualquer significado externo. De acordo com o desconstrucionismo, todo o pensamento humano — o que se diz, o que se escreve — é apenas a exploração das possibilidades internas do sistema (DERRIDA, 1991).

Para Saussure (2006 apud DERRIDA, 1991) os elementos da significação funcionam não pela força compacta dos núcleos, mas pela rede de oposições que os distinguem e os relacionam uns com os outros. Nesse caso, arbitrário e diferencial são qualidades correlativas. Derrida explica que o princípio da diferença proposto por Saussure como condição da significação afeta a “totalidade do signo” e, simultaneamente, a face do significado e do significante. “A face do significado é o conceito, o sentido ideal; e o significante é aquilo que Saussure chama a ‘imagem’,

‘marca psíquica’ de um fenômeno material, físico, acústico, por exemplo [...]” (DERRIDA, 1991, p. 42).

Derrida (1991) observa que tudo o que foi dito precedentemente redundava em dizer que na linguagem não há senão diferenças sem termos positivos. Quer se tome em consideração o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons que pré-existiriam ao sistema lingüístico, mas apenas diferenças conceituais ou diferenças fônicas resultantes desse sistema. O que num signo é idéia ou matéria fônica importa menos do que aquilo que há seu redor nos outros signos (DERRIDA, 1991, p. 42).

Ao levar em conta o pensamento de Saussure (2006 apud DERRIDA, 1991) aponta que as diferenças são produzidas, ou melhor, são efeitos produzidos, designando por *diferença* o movimento pelo qual a língua, ou qualquer outro código, qualquer esquema de reenvios² em geral se constitui “historicamente”, como tecido de diferenças. Para isso, o autor ressalta que:

[...] Seria necessário mostrar por que razão os conceitos de produção, como os de constituição e de história, permanecem, deste ponto de vista, cúmplices daquilo que aqui está posto em questão, mas isso levar-me-ia hoje longe demais – em direção à teoria da representação do ‘círculo’ no qual parecemos estar encerrados – e apenas utilizo aqui como muitos outros conceitos, por comodidade estratégica e para atrair a desconstrução do seu sistema ao ponto mais atualmente mais decisivo. Ter-se-á em todo o caso compreendido, pelo próprio círculo em que estamos comprometidos, que a diferença, tal como é escrita aqui, não é mais estática do que genética, mais estrutural do que histórica. Nem menos, e seria não ler, não ler sobretudo o que aqui falha à ética ortográfica, pretender levantar-lhe objeções a partir da mais velha das oposições metafísicas, opondo por exemplo um qualquer ponto de vista generativo a um ponto de vista estruturalista-taxiomista, ou inversamente. Quanto à diferença, o que por certo torna incômodo pensá-la e pouco seguro o seu conforto, estas oposições não têm a menor pertinência (DERRIDA, 1991, p. 44).

Ao valer-se de Saussure (2006 apud DERRIDA, 1991) destaca que ao se referir à diferença semiológica, a língua – que consiste apenas em diferenças - não são apenas funções do sujeito falante, o que implica que o sujeito (identidade a si ou, eventualmente, consciência da identidade a si, consciência de si) está inscrito na língua, é “função” da língua, não se torna sujeito “falante” a não ser conformando a sua fala, mesmo na denominada “criação”, mesmo na denominada “transgressão”, com o sistema de prescrições da língua como sistema de diferenças, ou pelo menos com a lei geral da “diferença”, regendo-se pelo princípio da língua, a qual Saussure (2006 apud DERRIDA, 1991, p. 47) diz ser a “linguagem menos a fala”. A língua é necessária para que a fala seja intelegível e produza todos os seus efeitos.

² Derrida (1991) explica que num código, um signo “reenvia” necessariamente para outro (s) de que é diferente.

A partir desse entendimento é fundamental que o sujeito se torne “falante” entrando em comércio com o sistema das diferenças lingüísticas; ou ainda, o sujeito só se torna *significante* – em geral pela fala ou por outros signos – inscrevendo-se no sistema das diferenças. “Neste sentido, sem dúvida, o sujeito falante ou significante não seria presente a si, enquanto falante ou significante, sem o jogo da diferença lingüística ou semiológica [...]” (DERRIDA, 1991, p. 48).

2.2 ACONTECIMENTO MIDIÁTICO

Os pesquisadores que abordam a relação entre jornalismo e acontecimento se fundamentam em alguns autores. São eles: Babo-Lança (2008), Charaudeau (2006), Mouillaud e Porto (2002), Quéré (2005), Rebelo (2005, 2006), Rodrigues (2003), Santos (2005), Traquina (2005) e Verón (1980, 1995, 1997a, 1997b, 2004). Num primeiro momento, faremos uma abordagem preliminar a partir de alguns textos desses autores.

2.2.1 Acontecimento Jornalístico

O acontecimento é produto do jornalismo e se dá em escalas distintas de intensidade. Diariamente, são midiaticizados para a sociedade inúmeros acontecimentos, porém, cada um deles com especificidade particular no tratamento. Alguns assuntos conseguem a midiaticização ampliada por sua natureza. Já outros temas, justamente por causa de suas origens, não são orquestrados para além de uma nota sem maiores desdobramentos.

Na compreensão de Quéré (2005) o acontecimento possui natureza e características diferenciadas. Para o pesquisador, ao produzir e construir um acontecimento considera-se o objetivo estratégico e trabalha-se o poder hermenêutico de revelar a natureza humana. A perspectiva da história do acontecimento é contada em narrativa e com poder de experiência do acontecimento relacionando presente e passado sempre com uma espécie de “ligação”.

Quéré (2005) reforça o quanto o acontecimento tem que revelar campo problemático, promover a compreensão do sentido do acontecimento e ser construído com poder de esclarecimento para que lhe seja conferido o poder de interpretação. Para explicar o poder hermenêutico como revelador da natureza humana, Arendt (1953 apud QUÉRÉ, 2005, p. 60) define que “o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro ele faz compreender as coisas – tem portanto um poder de revelação”.

O pesquisador francês destaca que a principal origem da compreensão do acontecimento está nele mesmo e elege três dificuldades para que isso ocorra. A primeira delas é a de conseguir integrar as diferentes dimensões na concepção do acontecimento; a outra é de ultrapassar a dualidade conhecimento/ação, e à integração tanto da explicação causal, como do poder hermenêutico do acontecimento na análise da organização dinâmica da experiência; e por último, a dificuldade na descrição de como o acontecimento faz sentido com a atribuição de significação e valores, por sujeitos a fatos que se produziram no mundo. Entre tantas características uma delas dá ao acontecimento o poder com caráter excepcional. Trata-se da necessidade apontada por Quéré (2005) de o acontecimento introduzir algo novo e inédito.

O acontecimento introduz uma descontinuidade, só perceptível num fundo de continuidade. No entanto, apesar de a ocorrência de um acontecimento mudar qualquer coisa ao estado anterior do mundo, nem tudo o que acontece é descontínuo. Certos acontecimentos são esperados ou previstos e quando se produzem são o resultado daquilo que os precedeu. A sua ocorrência faz apesar disso, emergir algo de novo (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Quere (2005) explica que os acontecimentos são inesperados em sua grande parte, e quando produzidos, não estão conectados aos que os procederam nem aos elementos do contexto porque são descontínuos e excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação da conduta ou a do correr as coisas, provocando surpresa e afetando a continuidade da experiência porque a domina. Segundo Quéré (2005), isso permite que seja realizado tudo o que estiver ao alcance para reduzir as descontinuidades e socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos.

O acontecimento esclarece o seu próprio passado e nunca pode ser deduzido dele (ARENDDT, 1980, p. 75 apud QUÉRÉ, 2005). O passado e o futuro servem para interpretar e controlar o presente na concepção conforme aponta Quéré (2005, p. 62):

Mais genericamente, diríamos que os acontecimentos constituem o pivô da temporalização interna da conduta tendo em conta a característica serial desta. Se nada acontecesse no decurso de uma actividade, esta seria desprovida de estrutura temporal. Trata-se, claro, de microacontecimentos.

O poder hermenêutico do acontecimento é atribuído por Quéré (2005) à possibilidade de ser palco de encontro, interação, confrontação, determinação recíproca e termo de uma transação. Para Quéré (2005), os acontecimentos ganham lugar em campos problemáticos e servem pelo seu poder de esclarecimento e discriminação de pivôs de inquéritos que procuram e elaboram soluções. Na sua perspectiva, a revelação do acontecimento dá ao que passou uma

nova conotação, de “coisa” não explicada, que necessita de um sentido e, ao mesmo tempo, inaugura, nesse mesmo jogo, a possibilidade da existência daquilo que ele chama de “futuros possíveis”.

Como lembra Quéré (apud REBELO, 2005), o acontecimento desdobra-se para o passado e para o futuro. Desdobra-se para o passado pelo desfiar de analogias que desencadeia, e alonga-se para o futuro, já que, só posteriormente, é possível avaliar as suas conseqüências e determinar com precisão os contornos das novas situações, por ele criadas ou por ele reveladas (QUÉRÉ apud REBELO, 2005). Com o acontecimento, diz Quéré (2005), algo novo é passível de ser experienciado, incorporado às significações que podem ser “acopladas” às intrigas que compõem as tramas cotidianas dos sujeitos, permeadas por uma série de campos problemáticos, grandes temas que, em seus cruzamentos, constituem a tessitura da vida social, “lócus” de vida desses mesmos sujeitos.

Rebello (2006) afirma que nem todas as ocorrências (ações) são acontecimentos. Para que seja um acontecimento, toda ocorrência, enfatiza o autor, alia-se a seu potencial de atualidade e pregnância. A atualidade relaciona-se à “produção” do acontecimento no nosso espaço e no nosso tempo. Já a pregnância, à capacidade de certa ocorrência provocar uma ruptura no nosso quadro de vida. “A ocorrência tem mais probabilidades de ser considerada um acontecimento quando nos incita a reconstruir esse nosso quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada” (REBELO, 2006, p. 17).

Ao refletir sobre a dimensão temporal do acontecimento, Quéré (2005) lembra a “degradação do acontecimento genuíno” pela mídia, lembrando que muitos autores afirmam estar o dispositivo midiático submetendo o acontecimento a um “presentismo”, enquadrando-o a um “regime de historicidade” distorcido, que faria com que acontecimentos sejam relatados sem que se ofereça ao leitor a possibilidade de integração dos mesmos com suas próprias experiências. Tal operação neutraliza o acontecimento de sua “potência” propriamente hermenêutica (BERGER; TAVARES, 2009).

Apoiado no referencial teórico da Teoria dos Sistemas – principalmente nas reflexões de Luhmann (2005) – Santos (2005) divide os acontecimentos em microacontecimentos, macroacontecimentos e megaacontecimentos. A definição de Santos (2005) com as subdivisões nos insere na circunstância da contextualização do acontecimento. Os microacontecimentos diriam respeito “aos acontecimentos puramente referenciais dos sistemas”, que, portanto, “são acontecimentos que fazem parte de uma série e são relativamente previsíveis no âmbito dos respectivos sistemas” (SANTOS, 2005, p. 81). Esses são aqueles acontecimentos que, no

âmbito jornalístico, teriam pequena repercussão noticiosa, estando ligados ao auto-funcionamento da sociedade em geral.

Os macroacontecimentos dizem respeito a acontecimentos que provocam reações “no meio ambiente dos sistemas”. São acontecimentos que fogem de certa normalidade, que irrompem como “desestabilizadores”. Seriam esses os “acontecimentos mediáticos por excelência”. “O sistema integra o macro-acontecimento através de uma miríade de microacontecimentos posteriores que lhe fazem eco, o reflectem a partir do futuro, o envolvem *a posteriori* numa teia de tecidos e significações” (SANTOS, 2005, p. 81).

Por fim, os megaacontecimentos, também seriam acontecimentos propriamente mediáticos, mas com uma “importância potencializada”. Esse, “maior” que o macroacontecimento, ultrapassa a simples idéia de “irritação” ou “excitação” do sistema. Ultrapassa, inclusive, os sentidos disponíveis e ofertados *a priori* para sua explicação. Nesse tipo de acontecimento, teríamos como representante emblemático e inaugurador o chamado “11 de setembro de 2001”. Santos (2005) acredita que vivemos em uma sociedade dos megaacontecimentos e, além do 11 de Setembro, exemplifica por meio da catástrofe natural do Sudeste Asiático.

O acontecimento trabalhado mais como repercussão do que o acontecimento propriamente dito. A ruptura de quadros de normalidade social, normas, regras e convenções institucionais, constituindo autênticos acontecimentos no sentido de inesperados e imprevisíveis. Quanto à reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional: “o acontecimento é, pela sua própria natureza, aquilo que não é expectável e que nos apanha de surpresa” (BABO-LANÇA, 2008, p. 3).

A pesquisadora afirma que os acontecimentos réplica ou acontecimentos reproduzidos são aqueles que sofrem efeito de repetição anulando o caráter único da ocorrência. “As réplicas geradas segundo estratégias de marketing e de publicidade oferecem a redundância, ao mesmo tempo que, deformam ou invalidam valores éticos, políticos, culturais e provavelmente também estéticos” (BABO-LANÇA, 2008, p. 16).

Babo-Lança (2008) aponta para a existência de acontecimentos com poder de dramatização cênica e de focalização da atenção pública - como tumultos em estádios de futebol, desaparecimentos de crianças, assassinatos, entre outros. Ela sinaliza ainda a existência de acontecimentos experienciados, “nos quais é mais intenso o grau de ligação das significações daquilo que acontece à provação e à vivência na experiência pública dos actores” (BABO-LANÇA, 2008, p. 7).

2.2.2 Linguagens Jornalísticas

“No discurso jornalístico, o acontecimento constitui o referente de que se fala, o efeito de realidade da cadeia dos signos, uma espécie de ponto zero da significação” (RODRIGUES, 1993, p. 27). Rodrigues (1993, p. 27) define como “acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais [...]”. Para Rodrigues (1993), é pela natureza que o acontecimento se situa em escalas de probabilidades de ocorrência. Quanto mais imprevisível o acontecimento, mais provável a sua realização. Um exemplo claro citado pelos pesquisadores da área referente a essa explicação é o 11 de Setembro. Tudo aquilo que pega de surpresa e envolve um grande número de pessoas tem grandes chances de se tornar acontecimento.

Rodrigues (1993) atenta para o registro em excesso do acontecimento, explicando que se trata do funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas excessivas de funcionamento normal nos corpos individuais, coletivos e institucionais. Compondo a prática na construção do acontecimento, está a inversão que é outra forma de registro de noticiabilidade do acontecimento pesquisada por Rodrigues (1993). Ele destaca que ao relatar um acontecimento, “os media”, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo.

A lógica produtiva do acontecimento é percebida por Rodrigues (1993) através da enunciação com regras baseadas em carácter simbólico. “É sempre uma ordem dita em função das dimensões associadas do querer-dizer, do saber-dizer e do poder-dizer. Articula as instâncias enunciativas do sujeito e do objecto da enunciação, individuais ou coletivas, os agentes e os actores” (RODRIGUES, 1993, p. 29-30).

Para Rodrigues (1993), a escolha dos termos, a ordem da apresentação e a seleção dos fatos expostos, pressupõem a existência de juízo de valor fundamentado em critérios. “[...] Os valores de credibilidade, de sinceridade, de clareza, de justeza, de coerência e de correcção, de satisfação e de aceitação são actos inerentes ao discurso, integram o mundo da enunciação e são dele inseparáveis [...]” (RODRIGUES, 1993, p. 31).

Ao olhar para as lógicas de configuração do acontecimento na mídia, incluindo aí seu “dimensionamento” pelos meios, Charaudeau (2006) aponta para um processo de transformação que vai do “acontecimento bruto” ao “processo evenemencial”, o qual diz do reconhecimento, da percepção e da reintegração do acontecimento em uma lógica de significação. Para Charaudeau (2006, p. 101), “o acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de ‘atualidade’, de ‘socialidade’ e de ‘imprevisibilidade’ ”.

Charaudeau (2006) cita a existência de dois tipos de acontecimento, que afetam diretamente, dentro da lógica midiática, sua repercussão: os acontecimentos autogerados (relativos a fenômenos que se desenrolam segundo lógicas de previsibilidade) e os acontecimentos heterogerados (relativos a fenômenos que necessitam de incitações evenemenciais-acidentais para desenvolver-se).

Quanto ao relato do acontecimento, Charaudeau (2006, p. 152) reforça que “relatar o acontecimento tem como consequência construí-lo midiaticamente: no instante mesmo em que ele é relatado, constrói-se uma notícia no espaço temático de uma rubrica”. Grevisse (1993 apud CHARAUDEAU, 2006) usa o termo “meganarrador” para dizer que a instância midiática institui-se num “meganarrador” composto, incluindo a fonte, o jornalista que redige a notícia e a redação que, segundo ele, insere em uma determinada encenação. Charaudeau (2006) acredita que a particularidade do narrador da narrativa midiática suscita dois problemas: o de saber quem é o responsável por tal narrativa e o de saber o que significa o conselho dado aos jornalistas de “pegue o essencial”. Conforme Charaudeau (2006, p. 157):

Sem entrar no detalhe das estratégias particulares que poderiam ser utilizadas com finalidades de captação, evocaremos as operações que o meganarrador é levado a realizar para construir a sua narrativa em dois casos: quando o acontecimento bruto desenrola-se paralelamente à narrativa (*narrativa em simultaneidade*) e quando o acontecimento bruto já se produziu (*narrativa de reconstituição*). (CHARAUDEAU, 2006, p.157, grifo do autor)

Nas constatações de Charaudeau (2006), a instância midiática considera potencialidades de atualidade, de diegese, de causalidade e de dramatização, com escolhas efetuadas a partir de uma série de roteiros possíveis. Isso tudo leva à instituição do “meganarrador”. Para esse pesquisador, o contrato de leitura da mídia – justificativa para a execução de um determinado programa e ligação com o público ao qual se destina - ocorre através de um contrato de informação midiática.

Especificamente, Traquina (2005) dividiu os valores-notícia que servem de linhas guias para a construção do acontecimento em dois processos – seleção e construção do acontecimento. Na seleção, são priorizadas as características de morte, relevância, novidade, tempo, notoriedade, proximidade, notabilidade, conflito, inesperado e infração. No processo de construção, predominam as características de simplificação, amplitude/visibilidade, personalização, dramatização e consonância. Os valores-notícia permitem o funcionamento de: “linhas-guia para apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 78).

2.3 CONTEXTOS TEÓRICOS SOBRE A MIDIATIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Gomes, P. (2006) define que a midiatização é a reconfiguração de uma ecologia comunicacional ou um bios midiático. “[...] A midiatização é a chave da hermenêutica para a compreensão e a interpretação da realidade. Nesse sentido a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais” (GOMES, P., 2006, p. 121).

Gomes, P. (2006) vê a midiatização como um novo modo de estar no mundo, porém na perspectiva de superar a idéia da mediação. Afirma que o palco e a platéia se juntaram numa coisa só e que tudo passa a ser palco, do qual todos participamos. Sendo assim, a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora ampliado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais. Gomes, P. (2006) vê isso como algo tão imperioso que a posição, antes então revolucionária, do palco à platéia³ perde seu sentido e é superada porque existe um teatro de arena, onde não mais se fala de palco e de platéia. Gomes, P. (2006) ressalta que agora é impossível pensar uma realidade sem palco, uma vez que ele abarcou tudo. “[...] As pessoas não distinguem mais a sua vida separada do palco, sem ele. Se um aspecto ou fato não é midiatizado, parece não existir” (GOMES, P., 2006, p. 121).

Sodré (2002) vê a midiatização como uma “tendência à virtualização ou telerealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. Para Sodré (2002), a midiatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “tecnointeração”, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium.

Por causa disso, Sodré (2002) avalia que se trata de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação, isto é, por um regime posto quase que exclusivamente a serviço da lei estrutural do valor, do capital, e que constitui propriamente uma nova tecnologia societal empenhada num outro tipo de hegemonia ético- política.

A midiatização traz, segundo Sodré (2002), um novo modo de estar no mundo, reconfigura a vida das pessoas e o espaço público. A mídia passa a ser o espaço público onde se realizam os debates que outrora aconteciam na política do Estado ou na sociedade civil.

³ Conceituação de Mata (1992 apud GOMES, P., 2006).

Surge, assim, o *éthos* midiaticizado, uma ambiência afetiva e sensorial que se institui pela repetição e que chega a confundir-se com a própria vida (SODRÉ, 2002).

A midiaticização parece contemplar um jogo de duplicidade entre quem joga e aquele que estipula as regras. Esse jogo tem riscos para ambos como, por exemplo, a autorreferencialidade que é destacada por Luhmann (2005) como a capacidade dos meios em auto-operar o processo de produção da realidade. Nesse caso, é preciso lembrar que o controle na publicização desses conteúdos continua sob a responsabilidade das instituições.

A sociedade está em um momento de envolvimento midiático intenso o que pode ser indicativo de prática social exercida. No “Caso Isabella”, muitas delas fizeram parte do processo produtivo midiático não apenas em meios tradicionais, mas no ambiente *online*. Ainda hoje, é possível encontrarmos comunidades no *Orkut* que podem ser consideradas exemplos desse processo interacional e que se manifestam acerca do caso, ou simplesmente, usam as comunidades para propagarem outros assuntos.

Ao abordar o processo interacional, Braga (2006a) rompe com o modelo tradicional de emissor e receptor através de um canal que tem como ponte os meios de comunicação e nos apresenta um terceiro sistema de processos midiáticos na sociedade, que é o sistema de interação social sobre a mídia ou sistema de resposta social.

Propomos, assim, desenvolver a constatação de *um terceiro sistema de processos midiáticos*, na sociedade, que completa a processualidade de midiaticização social geral, fazendo-a efetivamente funcionar como *comunicação*. Esse terceiro sistema corresponde a *atividades de resposta* produtiva e direcionada da sociedade em interação com os processos midiáticos. Denominados esse terceiro componente da processualidade midiática ‘sistema de interação social sobre a mídia’ ou, mais sinteticamente, ‘sistema de resposta social’ (BRAGA, 2006a, p. 22, grifo do autor).

A “mediaticização” como um processo interacional de referência soma-se a um conjunto de reformulações sócio-tecnológicas de passagem dos processos “mediáticos” à condição de processualidade interacional. “Um processo interacional ‘de referência’, em determinado âmbito ‘dá o tom’ aos processos submissos – que funcionam ou passam a funcionar segundo suas lógicas” (BRAGA, 2006b, p. 2).

Braga (2006b) elucida que um processo interacional de referência não corresponde a anular outros processos, mas sim a funcionar como organizador principal da sociedade, tornando-se os principais direcionadores na construção da realidade social. Uma das implicações desse processo reconhecida por Braga (2006b) está ligada à incompletude, que além de estrutural, relaciona-se a riscos de deformação da realidade constituída por seus processos. Outra problemática é de que com a “mediaticização” parecem desaparecer as

habituais separações de campos de significação como entretenimento e aprendizagem - educação; política e vida privada; economia e afetos; essências e aparências; cultura e diversão.

Outros fatores que corroboram com a incompletude do sistema de resposta social são a indefinição de sub-universos, ou setores sociais, em que a realidade possa ser apreendida e constituída de modo suficientemente “estável” para viabilizar comutações eficientes; a dificuldade de percepção de papéis sociais; a ausência de claras articulações de subsunção; o fato de a “mediatização” não ter gerado ainda modos sustentáveis, relevantes, flexíveis, produtivos e generalizadores de socialização; e finalmente, os problemas de circulação, retorno e resposta social (BRAGA, 2006b).

Porém, apesar de avançarem significativamente, os conceitos de mediação ainda esbarram em entraves como estabelece a definição: “Um conceito em formação que se encontra em meio aos resquícios dos conhecimentos fundadores das teorias de comunicação e naqueles que não estão reunidos nas fronteiras clássicas destes estudos” (FAUSTO NETO, 2006, p. 1). Para Fausto Neto (2006), definir mediação é observar que existe uma nova natureza sócio-organizacional passando da linearidade para a descontinuidade, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades. “Porém a mediação vai além do ambiente e do seu próprio ‘modo de ser’, e se constitui a partir de formas e de operações sócio-técnicas, organizando-se e funcionando com bases em dispositivos e operações constituídas de materialidades e imaterialidades [...]” (FAUSTO NETO, 2006, p. 9).

Fausto Neto (2006) acredita que estamos diante de uma nova forma de organização e produção social, onde o capital já não estaria mais a serviço das estruturas, mas dos fluxos e da informação. Com a intensificação das tecnologias voltadas para processos de conexões e fluxos, é inevitável que o estatuto dos meios se transforme em uma complexidade maior, já que não são mais apenas mediadores (FAUSTO NETO, 2006).

Inegavelmente, a revolução tecnológica propulsionou a instauração do fenômeno da mediação, no entanto, apenas com a tecnologia ela não se constituiria. Barbero (2004, p. 36) para reforçar a idéia de que:

Se a revolução tecnológica deixou de ser uma questão dos meios, para decididamente passar a ser uma questão de fins, é por que estamos ante a configuração de um ecossistema comunicativo conformado não só por novas máquinas ou meios, senão por novas linguagens, sensibilidades, saberes e escrituras, pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipográfica, e pela reintegração da imagem no campo da produção do conhecimento. O que estamos vivendo [...] é a

reconfiguração das mediações que constituem seus modos de interpelação dos sujeitos e a representação dos vínculos que dão coesão à sociedade.

Uma espécie de sistema regulador que através de suas próprias auto-operações realiza o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro simbólico o que altera substancialmente o estatuto da enunciação midiático-jornalística. Com essa compreensão, Fausto Neto (2007), diz que o acontecimento midiaticizado não depende mais tanto das fontes e de outras transações discursivas, mas, sim, especialmente, do investimento do trabalho de enunciação, que se transforma num acontecimento (FAUSTO NETO, 2007).

2.3.1 O Acontecimento Enquanto Construção

Para Verón (1997b), a midiaticização envolve os meios de comunicação social como dispositivos tecnológicos de produção/reprodução de mensagens, porém associados a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção de tais mensagens. A midiaticização engloba, portanto, os meios (instituições midiáticas), as instituições não midiáticas na sociedade e também atores individuais. É na relação que se estabelece entre os meios, as instituições e os atores que podemos compreender a midiaticização.

Para Verón (1997b), cada suporte de mídia possui uma gramática de produção, que diz respeito às condições de produção e ao conjunto de regras instituídas para o seu funcionamento. Cada meio possui uma processualidade de funcionamento, que é o que marca os seus textos. Diz Verón (2004, p. 94) que “um conhecimento detalhado dos mecanismos técnicos da fabricação é um elemento indispensável para bem compreender o que será encontrado na superfície do texto”.

Esses mecanismos técnicos dizem respeito a uma estrutura de funcionamento muito bem organizada e hierarquizada. No processo de midiaticização a realidade passa a ser representada, não apresentada ao telespectador. Isso ocorre especialmente quando nos acontecimentos midiaticizados são apagadas as imagens testemunhais, que são os índices do acontecimento real. Os “fatos são uma coisa, as opiniões e as interpretações da mídia são uma outra” (VERÓN, 2004, p. 170).

Verón (2004) lembra que o discurso televisivo, de início, acompanhou o modelo clássico da imprensa escrita, que tinha o seu foco voltado para a informação, porém o discurso, tanto da imprensa quanto da televisão, sofreu transformações que vão além da informação, prevalecendo hoje os procedimentos de fundo semântico. Até as imagens, em

muitas situações, perdem o seu peso referencial (indicial), evocando o campo semântico designado pelo texto que as acompanha e tornando-se imagens icônicas, que participam do discurso, reforçando, assim, estereótipos presentes na recepção.

No entendimento de Verón (2004) o processo que ocorre na produção midiática transforma a informação sobre um acontecimento em outra coisa, que não é mais somente informação. Isso acontece especialmente pela qualificação do acontecimento, que se manifesta por meio de operações nas imagens que as transformam de imagens testemunhais em imagens icônicas, da voz testemunhal dos sujeitos do acontecimento em interpretações realizadas pelos agentes midiáticos no processo de produção.

Diante da qualificação do acontecimento, Verón (2004) mostra-nos que a midiatização é o resultado de operações tecnológicas de imagens e operações lingüísticas, o que faz com que uma não possa ser compreendida sem a outra. Assim, a televisão pode ser vista como um aparato tecnológico ao qual se encontram associadas determinadas condições de produção, mas também operações de linguagem que produzem e fazem circular para a recepção os seus produtos midiáticos. A midiatização que interessa para este estudo é o processo de produção e circulação dos produtos do telejornalismo em instituições midiáticas.

A dimensão construída do acontecimento midiático aparece ainda na fala de Verón (1995) sobre a cobertura do acidente nuclear de *Three Mile Island*, ocorrido nos Estados Unidos em março de 1979. A construção apontada pelo autor é de problematização do fazer jornalístico em sua “produção elaborativa” sobre o tempo cotidiano, esmiuçando, na cobertura jornalística, as lógicas existentes para lidar com a perturbação destes frente à “normalidade” do dia-a-dia e seus graus de “novidade” e “noticiabilidade” quando inseridos numa cadeia de sentidos institucionalizada e discursivamente elaborada – o Jornalismo (VERÓN, 1995).

Verón (1980) atenta para o fato de que o sistema produtivo de um acontecimento apresentado pela mídia está ligado ao sentido que o veículo quer passar ao seu público e a um mundo construído pela linguagem. “[...] Toda a linguagem constrói um ‘mundo’, quer seja ele proposto como imaginário ou como real, como abstrato ou como concreto, como significante ou como ‘puramente material’. A esse ‘mundo’ chamaremos *a ordem das representações*” (VERÓN, 1980, p. 179, grifo do autor).

Para Verón (1997a), as estruturas da comunicação não podem determinar-se senão pela diferença: a característica de uma mensagem se evidencia quando a comparamos com outra mensagem, reais ou possíveis. O autor acredita que esse seja o único caminho para reconstruir as operações mediante as quais as diferentes mensagens foram construídas.

Mouillaud e Porto (2002) preocupam-se com a questão temporal e espacial dos acontecimentos, que segundo eles, “[...] explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível. Mas põem em ressonância os sentidos que nela são inscritos” (MOUILLAUD; PORTO, 2002, p. 50). Como apontam os autores, os acontecimentos devem ser vistos como também pertencentes a processos de informação anteriores a eles, existentes na dinâmica espaço-temporal da sociedade, sendo, uma vez na mídia, componentes de um ciclo ininterrupto de transformações, a informação. “Os acontecimentos da mídia podem ser considerados como o terminal e a parte emergente de um processo de informação que começou bem antes no espaço e no tempo” (MOUILLAUD; PORTO, 2002, p. 65).

Por isso, para a sua apreensão, o acontecimento é enquadrado, jornalisticamente, por meio de uma série de fragmentos, pequenas “cenas jornalísticas”, que apontam, no caso da mídia, para a não sujeição da mesma (uma não passividade) frente às formas e lógicas dos acontecimentos, que lhe seriam anteriores. Ocorrendo, do resultado dessa operação, pela dupla face da informação (o visível e o oculto), uma construção de sentido que não se esgotaria também na materialidade do jornal.

2.3.2 O Social, o Tecnológico e a Linguagem Enquanto Dispositivo

O dispositivo midiático configurando-se a partir de um modelo triádico nas relações entre o social, o tecnológico e a linguagem é o foco da compreensão de Ferreira (2007) para a midiatização. Segundo ele, os processos sociais e de comunicação incidem sobre as materializações e, de forma circular, retroagem sobre os processos sociais e processos de comunicação anteriores, requisitando novos esquemas de subjetividade, de ação e acomodação histórica e social (FERREIRA, 2007, p. 10).

Ferreira (2007) acredita que para compreendermos a midiatização precisamos superar as várias ideologias em jogo na análise do conceito, superando os limites da tecnologia. Além disso, o autor observa que o campo acadêmico também está em construção no que se atém a midiatização, refletindo o fenômeno, que pode ser decifrado, no seu entendimento, através do conceito de campo de Bourdieu (2005).

Além disso, o pesquisador observa que há necessidade da análise da mídia com base nas mediações históricas e sociais; nas mediações sociais transformadas pela mídia, e na mídia transformada pelas mediações sociais. “São essas relações que chamamos de processos

midiáticos. Investigar os processos significa inscrever os dispositivos midiáticos na produção, consumo, e circulação sociais de suas obras” (FERREIRA, 2007, p. 137).

Ferreira (2007) sugere relações e intersecções entre dispositivos, processos sociais e processos de comunicação. Nesse sentido, a mídia deixa de ser somente um meio; no nosso caso, o telejornalismo deixa de ser somente representacional. A mídia, mas também o jornalismo, e no caso desta pesquisa, o telejornalismo, torna-se um dispositivo. Ferreira (2007) partiu dos estudos de Peraya, que apresentam uma perspectiva teórica que ultrapassa a unidimensionalidade do dispositivo midiático, ou seja, acrescentam um passo importante numa perspectiva mais ampla. Sua proposta para os dispositivos midiáticos é triádica, colocando em destaque a sociedade, a tecnologia e a linguagem (FERREIRA, 2007).

O dispositivo aparece como um lugar das interações entre os três universos: uma tecnologia, um sistema de relações sociais, um sistema de representações. Conforme Ferreira (2007), a proposta de Peraya é limitada, pois destaca as diversas dimensões, mas ainda num sentido de fechamento, visto que não reconhece que as operações que se dão no interior de cada uma das dimensões já são uma presença relacional das outras dimensões.

Por outro lado, Ferreira (2007) afirma que, imersos em processos macro-sociais, a televisão não pode ser explicada por um materialismo simplista, como sendo determinada por um fator, como, por exemplo, o econômico, pois muitas outras dimensões estão em jogo. Para Ferreira (2007), vários sistemas operam, isso é, na perspectiva luhmaniana, se comunicam entre si através de acoplamentos e que constituem o que denominamos de “dispositivo”. Este, situado no campo comunicacional, pode articular entre os diversos sistemas, ou dimensões, a parcela de cada um para compreender o que acontece no campo comunicacional, especialmente na televisão e no telejornalismo.

2.3.3 O Telejornal como Dispositivo: o Ângulo das Operações Técnicas

A mídia tem a capacidade de transformar a sociedade com os produtos que faz circular. Na contramão, também é possível compreendermos que a mídia também passa por um mecanismo de transformação forçada pela própria midiatização. As mudanças tanto para a mídia quanto para a sociedade acontecem numa via dupla, sobrepondo-se a circulação.

Em sua tese “A midiatização no telejornalismo em rede: as reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os indígenas caingangues no Rio Grande do Sul”, Klein (2008), procurou entender a midiatização como operações de mídia, cuja compreensão se dá em relação a dois âmbitos sociais: à sociedade e seus processos, que ocupam lugar de espectadora

diante da mídia, e à própria mídia e processos de comunicação ou midiáticos, onde acontece a ação por meio de sujeitos e de diversas dimensões produtivas em interação no processo de produção telejornalístico.

A midiatização é compreendida como o resultado de um conjunto de condições sociais do contexto onde ela se processa. As condições sociais de produção determinam em grande parte o produto e os sentidos que carregam (FOUQUIER; VERÓN, 1985 apud KLEIN, 2008). Fouquier e Verón (1985 apud KLEIN, 2008) afirmam que de operações diferentes realizadas nesses espaços de produção surge o produto final, que é o programa de televisão que veicula temas científicos para os franceses. A conclusão a que chegam é que as operações realizadas em diferentes espaços de construção levam o discurso científico a modificações significativas, quando é transferido para a televisão. Em razão disso, eles concluem que não se trata de uma tradução, nem de uma traição, mas, sim, da construção de outro discurso. Fouquier e Verón (1985, p. 95 apud KLEIN, 2008) reiteram que o discurso científico original passa por construção radicalmente diferente ao passar pelo processo de produção televisiva, nesse caso, não se trata mais de um discurso científico, mas um “divertimento científico na televisão”.

Fouquier e Verón (1985 apud KLEIN, 2008), destacam a importância da topologia no processo de produção, ou seja, os lugares ou espaços onde acontecem as operações produtivas, das quais resulta o produto final, que é o programa televisivo. Conforme Fouquier e Verón (1985 apud KLEIN, 2008), a midiatização de um tema processa-se em vários espaços produtivos, onde existem diferentes “níveis de realidade” e onde ocorrem operações que configuram outro discurso, que não é mais o discurso científico. “A produção e a interpretação das mensagens televisuais implicam em uma topologia que comporta quatro níveis ou quatro estratos, que aqui serão chamados de espaços⁴” (FOUQUIER; VERÓN, 1985, p.77 apud KLEIN, 2008, p. 99). Em linhas gerais, os autores consideram esses espaços como correspondentes às funções da comunicação, que são representar, enunciar e narrar.

Klein (2008) observa que o conceito de dispositivo já é largamente utilizado no campo das ciências e, nomeadamente, nas ciências da comunicação. A maioria dos autores nas ciências da comunicação, por um lado, pressupõe a sua origem e não a explicita em suas elaborações; por outro, o conceito é utilizado, sobretudo, na sua forma unidimensional. O pesquisador destaca que na maior parte dos estudos onde aparece, o conceito de dispositivo é confundido como sendo algo estritamente técnico ou tecnológico; em outros, o conceito deixa de ser técnico-tecnológico e aparece como sendo unidimensional, destacando uma das outras

⁴ Os espaços considerados são “espaço- mundo”, “espaço-percurso”, “espaço-mediação” e o “espaço-canal”. Fouquier e Verón (1985, p. 79-81 apud KLEIN, 2008) desenvolvem estudo detalhado sobre cada um deles.

dimensões, ou seja, ora aparece em sua dimensão socioantropológica, ora se destaca como linguagem (KLEIN, 2008).

No entanto, a mídia não se explica somente por meio de sua tecnologia, nem somente pela ação dos sujeitos envolvidos, ou tão-somente pela linguagem específica em cada um dos meios de comunicação, e sim, pelas inter-relações entre essas dimensões. A mídia comporta vários dispositivos, variedade que pode ser definida de acordo com os diversos meios de comunicação existentes, bem como com o interior de cada um desses meios (KLEIN, 2008).

Para Klein (2008), o telejornalismo estava pouco presente nos primórdios da televisão, porém, hoje é objeto de programação 24 horas em alguns canais. O telejornalismo pode ser compreendido como um dispositivo muito importante para a informação, mas que não mais é somente informação, pois também atribui sentidos que vão muito além da informação. A análise da produção de sentido só pode ser realizada compreendendo-se os significados investidos em materiais, que, no caso do telejornal, são principalmente os textos e as imagens.

Na perspectiva de que toda produção de sentido é social, estão aí implicadas questões da ordem cultural, econômica, ideológica e de poder (VERÓN, 1980) para a compreensão dos sentidos apresentados num telejornal. Assim, é impossível compreender os sentidos do telejornal visando somente à análise de conteúdo, ou à compreensão das técnicas e tecnologias utilizadas.

2.4 A ESTRUTURA TÉCNICA DO TELEJORNAL E NOSSAS PERGUNTAS

Há uma discussão do acontecimento que é relativo ao sócio-antropológico: o ponto de corte no aspecto da construção social de sentido está em Quéré (2005). Ao refletir sobre a dimensão temporal do acontecimento, Quéré (2005) lembra a “degradação do acontecimento genuíno” pela mídia, lembrando que muitos autores afirmam estar o dispositivo midiático submetendo o acontecimento a um “presentismo”, enquadrando-o a um “regime de historicidade” distorcido, que faria com que acontecimentos sejam relatados sem que se ofereça ao leitor a possibilidade de integração dos mesmos com suas próprias experiências. Tal operação neutraliza o acontecimento de sua “potência” propriamente hermenêutica.

Interessa-nos a problemática da hermenêutica/compreensão vinculada à midiaticização e a construção discursiva do acontecimento, tendo em vista que um plano da midiaticização é justamente a construção discursiva do acontecimento. Nessa dimensão, o nosso foco específico é a linguagem sob o aspecto: repetição/redundância, “diferença/diferença”. Nesse sentido, lançamos os seguintes questionamentos: em que medida os fenômenos de linguagem

-repetição, redundâncias e diferença- afetam os processos de midiaticização? Os dispositivos midiáticos possuem lugar de construção/inscrição do acontecimento, incluindo os discursos sobre ele? Como o telejornalismo aciona os processos de linguagem na perspectiva da repetição e diferença? Como as operações técnicas em telejornalismo incidem nesses processos de linguagem considerando a redundância, repetição e diferença? O quê há de singular nas incidências da repetição e diferença nos processos de midiaticização?

Para isso, vamos observar a estrutura do telejornal. O texto é uma forma direta de orientar a recepção para a compreensão do que se quer passar, geralmente apresentado na forma do *lead*, trazendo de forma sucinta os relatos e narrativas construídos pelos agentes da instituição midiática. É resultado da participação de vários sujeitos, dos quais se destacam os repórteres e editores de texto. Enquanto o repórter constrói o seu texto na rua e no momento da edição – off – sobre as imagens disponíveis, o editor “escreve o texto que é lido pelo locutor/apresentador ou propõe textos para o âncora do programa. [...] Ele orienta a equipe de reportagem a respeito do enfoque da cobertura. [...] É a ponte entre a reportagem e o telespectador” (CURADO, 2002, p. 52). Portanto, o texto de uma reportagem depende da ação de diversos agentes.

O telejornal é dividido em blocos variados, separados por intervalos comerciais e chamadas para programas da emissora. Os intervalos começam e terminam com as vinhetas do telejornal. Ao final de cada bloco, são veiculadas as chamadas, que são pequenas manchetes relativas às informações principais que serão veiculadas no bloco seguinte (PRADO, 1996, p. 85).

Um conjunto de manchetes dá origem à escalada do telejornal que é composta por frases de impacto dos assuntos que abrem a transmissão, tendo como principal função despertar e manter a atenção, e o interesse do telespectador (CUNHA, 1990). A escalada pode conter *teasers*, que são breves intervenções de um repórter com o objetivo de “aguçar a curiosidade do telespectador” (PRADO, 1996, p. 82-83). Se a matéria for de grande impacto, o *teaser* pode conter imagens, acompanhadas ou não de som ambiente (PATERNOSTRO, 1999).

A cabeça é lida pelo apresentador em quadro no estúdio de televisão e possui semelhança ao *lead* do jornalismo impresso. O *off* ou texto do repórter dá sustentação verbal às imagens do acontecimento que cobrem a narração, devendo ser condizente com as informações visuais que o telespectador vê na tela (MACIEL, 1995, p. 60). O boletim ou *stand up* é a narrativa do repórter no local do acontecimento, podendo ser de abertura, passagem ou encerramento. O *stand up* é uma expressão em inglês que significa a intervenção do repórter por meio de transmissão ao vivo ou gravada, dirigindo-se à câmera para relatar o

acontecimento, concluir um raciocínio ou complementar uma informação que não tem imagem para ilustrar. Além de dar mais “agilidade” ao telejornal, esse recurso tem a função psicológica de mostrar ao público que o repórter está mesmo no local em que transcorre a cobertura (MACIEL, 1995).

Maciel (1995) explica que as sonoras são as entrevistas feitas pelo repórter para completar a reportagem. A nota pé é um texto curto lido pelo apresentador, que fornece ao telespectador, informações complementares para que a última palavra de uma reportagem não fique com os entrevistados, evitando o favorecimento ou parcialidade (MACIEL, 1995). A ordem usual na composição de uma reportagem é *cabeça-off-boletim-sonora-pé*, mas ela varia de acordo com as circunstâncias ou com a linha editorial do telejornal.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo discorreremos o nosso percurso metodológico. Buscamos a compreensão de outras pesquisas para que pudéssemos fazer apropriações metodológicas pertinentes para o nosso objeto de estudo. Metodologicamente, trabalhamos com conceitos e teorias sobre repetição ou redundância, diferença, acontecimento social, acontecimento midiático, operações técnicas em telejornalismo e midiatização por meio da circulação e do dispositivo.

A compreensão de duas pesquisas fez parte da construção metodológica deste estudo. A primeira desenvolvida por Verón (1995) acerca do acidente na central nuclear de *Three Mile Island* (TMI), ocorrido em 28 de março de 1979, na França, e a segunda, por Antônio Fausto Neto (1995) sobre o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello em 1992.

Para mapear o caso, Verón (1995) dividiu seu estudo em três partes. Inicialmente, debruçou-se na análise das informações divulgadas pela agência AFP entre 28 e 30 de março de 1979 nos impressos *Le Fígaro*, *L'Humanité*, *Libération*, *L'Aurore*, *France-Soir* e *Le Monde*. Também compuseram o estudo os telejornais *TF1*, das 13h e 20h; *Antenne2* (A2), das 2h, 13h e 20h; e por último, as emissoras de rádio *RTL*, *France Inter* e *Radio Monte-Carlo*.

O segundo momento da pesquisa de Verón (1995) direcionou-se ao estudo sistemático do comportamento particular de cada meio a partir do material informativo correspondente a 31 de março daquele ano, um dos dias chave do processo. Por fim, a terceira parte consistiu na análise das informações difundidas em jornais semanários entre 1º e 3 de abril em *Le Point*, *L'Express*, *Le Nouvel Observateur* e *Paris-Match*.

A cronologia do começo do acontecimento em 31 de março de 1979, e a análise do discurso midiatizador desde a pré-construção do acontecimento, fez com que Verón constataste a existência de ambigüidade semântica como dificultador do processo objetivo da comunicação jornalística. No que se refere ao estudo dos telejornais, ele também comparou o caso do TMI com acontecimentos secundários que não ganharam manchete ao final dos telejornais. Ao fazer estudo comparativo, ele apontou a dramatização mais pronunciada em *TFI* do que em *A2*. Para melhor visualização dos apontamentos, Verón (1995) descreve trechos da exibição do caso nos telejornais que se apóiam em grafismo televisual para fazer com que o acidente fosse compreendido pelos telespectadores. De

acordo com a análise, tom dramático e inversão na ordem das notícias estiveram mais presentes na emissora de rádio *RTL*.

Algumas das constatações de Verón (1995) revelaram que o caso foi construído com o uso de metáforas e com vários tipos de discurso, desde a publicidade até a música; do discurso político a história; da série para a reportagem; dos programas para crianças aos debates. O pesquisador revelou que diversas linguagens se entrecruzaram e combinaram para a construção do acontecimento que, segundo ele, é provido de singularidade. Entre os tipos de discurso estava o didático, sobretudo, na televisão, que se ocupou na transcrição da linguagem tecnológica para a linguagem informativa.

O telejornal *TF1*, das 20h, de 1º de abril, iniciou-se por um texto em *off*: “*La central nuclear de Middletown. Último recurso, un robot teledirigido para extraer los gases radiactivos. El tema con nuestros especialistas*” (VERÓN, 1995, p. 175). Verón mostrou que o *off* lido pelos apresentadores do telejornal acompanhou a imagem fixa de quatro especialistas dispostas na tela. “Los rostos de los cuatro especialistas que van a intervenir, como los actores de una película ou de una serie, durante la emisión. Nunca se habia visto esto en um informativo de televisión” (VERÓN, 1995, p. 175). A recorrida ao cinematográfico para explicar o caso também fez parte da midiaticização com referência ao filme “El síndrome de China” (VERÓN, 1995).

Outra pesquisa que provocou reflexões, principalmente, a respeito das adoções metodológicas deste estudo foi realizada por Fausto Neto (1995), que procurou descrever as características de uma possível gramática de produção dos telejornais brasileiros ao pesquisar a midiaticização do *impeachment* de Fernando Collor de Mello. Para isso, deteve-se no desvendar do discurso informativo, dos contratos de leitura e do emprego das opiniões tomadas pelo campo jornalístico para tecer a direção semântica dos acontecimentos. O corpus da pesquisa compreendeu o período de maio a setembro de 1992 do Jornal Bandeirantes, TJ Brasil, Jornal Nacional, Momento Econômico, Jornal da Manchete e Jornal da Record.

O estudo de caso com vistas às diferentes estratégias de coberturas do processo e *impeachment* de Collor também foi uma preocupação de Fausto Neto (1995). “Procuramos descrever, dentre outras coisas, como se organiza a teatralização de um dizer sobre a política. Chamamos a atenção para as maneiras de como este poder de dizer se autoneia e, ao mesmo tempo, se auto-referencia” (FAUSTO NETO, 1995, p. 12).

Ao abordar a institucionalização e a legitimação do poder informativo, o pesquisador destaca que no interior do telejornal se desenvolvem conjuntos de operações

enunciativas com a finalidade de instituir a legitimação do dispositivo discursivo pelas vinhetas e chamadas, entre outras operações, que visam o reconhecimento em tempo real no momento em que o telejornal é transmitido (FAUSTO NETO, 1995). No estudo com foco no *impeachment* de Collor, a atoricização centra-se nas figuras dos âncoras:

O processo de referenciação do real e a sua respectiva tematização passam por um jogo interno aos enunciadores, na medida em que é pelo assinalamento dos papéis destes que o discurso informativo produz a questão da credibilidade, como um dos efeitos de sentido (FAUSTO NETO, 1995, p. 17).

Fausto Neto (1995) aponta que o telejornal mostra várias maneiras pelas quais a gramática de produção procura construir vínculo com a recepção por meio da política, no caso em questão. Algumas de suas conclusões elucidam o papel da tevê como dispositivo ativo, segundo protocolos de leituras, os quais não deixam de ser expressões de políticas de linguagens calcadas em um determinado modelo cultural dessas demonstrações. Fausto Neto (1995) atenta que na instância discursiva da tevê, ela age não apenas mediatizando, mas constituindo ela própria um vetor estratégico de organização e funcionamento de fluxos de linguagens e de processos semânticos.

3.1 APROPRIAÇÕES METODOLÓGICAS APLICADAS AO OBJETO

Fausto Neto (1995) e Verón (1995) possuem proximidades metodológicas em suas pesquisas e nos sinalizam direcionamentos pertinentes para o desenvolvimento desta pesquisa. Ambos revelam estratégias discursivas dos telejornais ao mediatizarem, respectivamente, o acidente nuclear e o *impeachment* do Presidente da República, tendo a linguagem como centro do processo construtivo na televisão, que ainda conta com operações técnicas.

O mapeamento realizado no estudo de Verón (1995) nos deu pistas de como poderíamos iniciar o processo de desvendamento do “Caso Isabella”. Uma primeira organização deste estudo ao buscarmos inferências metodológicas em Verón está com a definição de dia chave para estudarmos o caso diante de uma riqueza vastíssima de materiais. O dia 18 de abril de 2008, quando a menina completaria seis anos se não tivesse sido vítima fatal do pai e da madrasta, foi escolhido para o corpus desta pesquisa. Diferentemente de Verón, debruçamo-nos apenas nos produtos dos telejornais. A amplitude da pesquisa do argentino vai além dos telejornais, com a busca pela

compreensão do caso TMI nos jornais, nas rádios e, sobretudo, a partir das agências de notícias.

Outra apropriação metodológica adaptada para a nossa pesquisa partindo do modelo de Verón (1995) se deu com a divisão do estudo da primeira até a quarta fase do acontecimento nos telejornais, levando em consideração a continuidade e a descontinuidade do acontecimento no ar. Verón dividiu as fases de forma atrelada aos formatos variados com que se propôs a pesquisar. Em nosso trabalho, a perspectiva de divisão dos telejornais em fases, e não a diferentes formatos jornalísticos, é uma adaptação à necessidade do nosso objeto. As fases definidas em nossa pesquisa estão divididas entre o início do telejornal, a abordagem do acontecimento nos blocos e o encerramento dos programas no dia delimitado dentro do corpus – 18 de abril de 2008 – data de aniversário de Isabella e quando ocorreu pela segunda vez o depoimento do casal. Ao final dos depoimentos, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá acabaram indiciados pela polícia.

Com relação à pesquisa de Fausto Neto (1995), o rastro metodológico sobre a maneira com que telejornais trabalharam semanticamente para produzir e institucionalizarem os sentidos no caso *impeachment* de Collor, convergem com os caminhos no desenvolver desta pesquisa, especialmente, porque ao adaptarmos a metodologia ao nosso objeto, vamos mapear o acontecimento levando em consideração linguagem e operações técnicas na construção do acontecimento.

3.2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A busca pelo invariante referencial¹ da nossa pesquisa volta-se para a produção e a construção do acontecimento nos telejornais brasileiros com foco na linguagem e nas operações técnicas. Em um período de aproximadamente 60 dias a morte de Isabella de Oliveira Nardoni esteve presente na pauta midiática, o que resultou em grande volume de materiais para serem analisados. A sistematização deste trabalho desenvolveu-se primeiramente com o estudo empírico por meio da exploração dos materiais gravados em 35 DVDs, num período de março a maio. A etapa revelou indícios essenciais para o recorte da pesquisa com a definição de dia chave para o estudo e, sobretudo, para a transformação do objeto empírico em objeto de estudo.

¹ Neste trabalho, estamos analisando as condições de produção, mas não na perspectiva da ideologia (VERÓN, 2004) e, sim, visando à construção de um objeto a partir dos empíricos observados, relacionável às condições de produção descritas.

Com a exploração dos materiais, valorizando o estudo empírico e as revelações em torno do nosso objeto, percebemos que a redundância ou a repetição era marcante na construção do acontecimento midiático que teve como corpus seis telejornais com a cobertura do “Caso Isabella”. Para compreendermos essa perspectiva, realizamos a análise técnico-discursiva para identificarmos as operações técnicas como lugar de inscrição da problemática de linguagem. Para isso, fizemos a pesquisa teórica nos valendo das compreensões de Caiafa (1999, 2004), e Derrida (1991, 1995), Gomes, M. (2004), González Requena (1995), Paternostro (1999), Pignatari (2003), Rezende (2000) e Temer (2001, 2009). A partir das compreensões, definimos como critério de análise nos telejornais a redundância ou repetição, e a possível diferença exibida pelos programas.

Na seqüência, também nos valem da pesquisa teórica a respeito do processo de construção do acontecimento ao percorremos as compreensões de Babo-Lança (2006, 2008), Charaudeau (2006), Mouillaud e Porto (2002), Quéré (2005), Rebelo (2005, 2006), Rodrigues (1993), Santos (2005), Traquina (2005) e Verón (1980, 1995, 1997a, 1997b, 2004). O referencial contribui para que fizéssemos reflexões sobre o acontecimento, os valores-notícias e as operações técnico-discursivas do caso.

Em seguida, fizemos a pesquisa teórica partindo do invariante referencial, em torno da midiaticização, concentrando-se nos conceitos de dispositivo e de circulação, com base em Braga (2006a, 2006b), Fausto Neto (1995, 2006, 2007, 2008), Ferreira (2007, 2010), Gomes, P. (2004, 2006), Klein (2008), Luhmann (2005), Sodré (2002) e Verón (1980, 1995, 1997a, 1997b, 2004). Também realizamos pesquisa teórica a respeito de operações técnicas em telejornalismo de acordo com Cunha (1990), Curado (2002), Maciel (1995), Paternostro (1999) e Prado (1996).

A análise dos telejornais contou com a elaboração de micro-perfil de cada um deles acerca do acontecimento midiático “Caso Isabella” e com análises comparativas entre JN, JR, JG, JSBT, JB e RTVN. Com o estudo empírico por meio da exploração dos materiais, fizemos a transcrição de áudio – texto -, e vídeo – imagens, dos telejornais com a descrição de imagens do acontecimento no dia proposto para este estudo, que está em anexo neste trabalho. A etapa revelou indícios essenciais para o recorte da pesquisa e, especialmente, para a transformação do objeto empírico em objeto de estudo.

Numa análise preliminar percebemos que o fator tempo dado ao acontecimento foi intenso. O caso permaneceu cerca de 60 dias na pauta midiática, com cada telejornal destinando vários minutos ao assunto em único dia, o que aguçou ainda mais a necessidade de desvendar a sua produção e construção. Elaboramos um quadro (Quadro 1)

para visualizarmos o tempo de cobertura dos telejornais no período de um único dia, o anúncio do acontecimento na manchete, e o bloco em que foi dado início ao assunto nos telejornais.

Quadro 1 - Tempo do acontecimento nos telejornais

Telejornais	JN	JG ²	JR ³	JB	RTVN	JSBT ⁴
Dia	18/04/09	19/04/09	18/04/09	18/04/09	18/04/09	19/04/09
Tempo	14min15s	7min88s	10min55s	7min58s	12min10s	12min20s
Manchete	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Bloco	Início no 1º	Início no 1º	Início no 1º	Início no 1º	Não identificado	Início no 1º

Fonte: Elaborado pela autora

Ao vermos o Quadro 1, inevitavelmente surge como metodologia a análise de conteúdo. Porém, nosso trabalho não contempla a quantificação de dados com números comparativos em semanas compostas como sugere esse artifício. Dessa maneira, não estaríamos desvendando o nosso objeto que se volta para as articulações das operações técnicas e o discurso como reveladoras do fazer telejornalístico. Procuramos trabalhar com critérios da análise de conteúdo como a pré-análise e a exploração dos materiais (BARDIN, 1977).

Ao nos valermos dos critérios da análise de conteúdo, observamos que o fator tempo exacerbado destinado ao acontecimento, funciona como um indicador de que algo foge do procedimento habitual do campo jornalístico, porém, essa questão não é a principal direcionadora desta pesquisa. Adotamos o procedimento metodológico do mapeamento do caso do JR que naquela ocasião foi ao ar⁵ às 20h10; JN, às 20h15; JB, às 19h20; JSBT, em horário variado entre meia-noite e uma da madrugada; RTVN, às 20h55, e JG, após as 23h40. Alguns telejornais ainda mantêm os mesmos horários para iniciarem suas exibições e outros sofrem alterações devido às necessidades das grades de programação.

3.3 CATEGORIAS DE APROPRIAÇÃO DOS MATERIAIS RECORTADOS

Para que pudéssemos fazer a análise dos materiais, dividimos o acontecimento em fases – da primeira a quarta – no JN, JG, JR, JB, RDTV e JSBT. A adoção desse critério

² O dia é 19/04/08 com a cobertura do dia 18 porque o JG é exibido após a meia noite.

³ Gravação feita com um único aparelho receptor, por isso não gravamos a escalada do JR.

⁴ O dia é 19/04/08 com a cobertura do dia 18 porque o JSBT é exibido a partir da meia noite.

⁵ Os horários seguem às grades das emissoras que estão sujeitas a alterações.

surgiu durante a exploração dos materiais enquanto desenvolvíamos estudo empírico. As fases estão relacionadas às operações técnicas descritas no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Operações técnicas em telejornalismo

OPERAÇÃO TÉCNICA	CONCEITOS	DESCRIÇÃO
MANCHETE (M)	Frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem a transmissão.	A manchete serve para chamar a atenção do telespectador. Várias delas formam escalada.
STAND UP (S)	Narrativa do repórter no local do acontecimento ao vivo ou gravada.	Função psicológica de mostrar ao público que o repórter está mesmo no local da cobertura.
REPORTAGEM (R)	Cabeça+OFF+Passagem+Sonora+Pé	A ordem varia dependendo das circunstâncias e da intenção na produção do acontecimento.
CABEÇA (C)	Lida pelo apresentador em quadro no estúdio de televisão.	Semelhante ao <i>lead</i> do jornalismo impresso.
OFF	Sustenta verbalmente às imagens do acontecimento que cobrem a narração.	Narração e informações visuais têm que ser condizentes.
PASSAGEM (P)	Ligação dos trechos da reportagem.	Serve para mostrar que o repórter esteve no local.
SONORA	Trechos da entrevista.	Completam a reportagem.
PÉ	Complementa a reportagem.	Evita que a última palavra seja do entrevistado.
CHAMADA (CH)	Pequenas manchetes ao final de cada bloco do assunto a ser abordado no próximo bloco. Também serve para introduzir o <i>stand up</i> do repórter.	Chama a atenção do telespectador e enfatiza a entrada ao vivo ou gravada do repórter.

Fonte: Elaborado pela autora

Essa divisão possibilitou a constatação da forma com que os procedimentos do fazer telejornalismo são conectados ou interrompidos na exibição do acontecimento pelos telejornais. A adoção de menos fases no telejornal significava que era enfatizada a continuidade do assunto, num processo de concentração do acontecimento em um único bloco do telejornal, tornando-o ainda mais redundante ou repetitivo seja pela seqüência de reportagens ou pelas entradas ao vivo dos repórteres. Já a ruptura da concentração do acontecimento, propiciou espaço para outros acontecimentos de interesse público, revelando um processo de descontinuidade.

O acontecimento era retomado com a entrada ao vivo do repórter ou com mais uma das reportagens preparadas para aquela edição de cada um dos telejornais exibidos. Contudo, a finalização do assunto foi retardada ao máximo pelos telejornais, fazendo com que o mesmo estivesse sempre no ar, o que gerou no telespectador a ilusão de que estava sendo noticiado algo novo. Isso se comprova, principalmente, ao observarmos que tanto o início quanto o encerramento dos telejornais se deu com o “Caso Isabella” no ar.

4 ANÁLISES EMPÍRICAS

Para que pudéssemos realizar as análises empíricas dos telejornais, organizamos o trabalho em três movimentos. O primeiro movimento consistiu na compreensão das relações técnico-discursivas no âmbito do acontecimento midiático. Partimos da pergunta: em que medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância e a diferença são reproduzidos e transformados nos processos de construção do acontecimento midiático?

A partir desse primeiro questionamento, para elaborarmos a nossa proposição, ao observarmos as incidências das operações técnicas¹ no discurso telejornalístico, partimos da percepção de que pode ter sido estabelecido um modelo repetitivo ou redundante nos telejornais, eliminando uma possível diferença na construção do acontecimento midiático. Em razão disso, estabelecemos como objetivo mapear uma coleção de operações técnico-discursivas do telejornalismo a partir do material exibido de 18 de abril de 2008 como análises de caso. Entretanto, buscamos, para superar o risco da tautologia, a diferença.

O segundo movimento, derivado do primeiro, foi construído a partir da seguinte pergunta orientadora: como as operações técnico-discursivas de repetição ou redundância e da diferença incidiram na construção do acontecimento midiático? A proposição estabelecida é de que as operações técnico-discursivas do telejornalismo, ao comprometer o discurso da diferença, romperam com os valores da objetividade jornalística. Nesse sentido, o nosso objetivo deteve-se em relacionar operações técnico-discursivas com a construção do acontecimento midiático no campo jornalístico.

O terceiro movimento volta-se às análises transversais, para que sejam compreendidas as relações entre operações técnico-discursivas e circulação. A pergunta norteadora é: o que há de singular nas operações técnico-discursivas nos telejornais considerando o invariante referencial “Caso Isabella”? A proposição é de que a homogeneidade das operações técnico-discursivas indica institucionalização da linguagem, resultante da circulação do acontecimento midiático. O objetivo deste movimento é identificar analogias e diferenças nas operações técnico-discursivas, comparando diversos telejornais a partir de um invariante referencial.

¹ Para que possamos entender as operações técnicas em jogo, ver Quadro 1, p. 56.

4.1 JORNAL NACIONAL

Na edição do dia 18 de abril de 2008, o Jornal Nacional (JN)² destinou em torno de 14m15s ao “Caso Isabella”, que foi abordado no primeiro e no último bloco do programa. Há uma seqüência ao tema, porém, existem interrupções, configurando o que definimos com o critério da continuidade e descontinuidade do assunto no telejornal.

A construção do acontecimento midiático foi distribuída na **primeira fase** com a manchete principal da escalada, tornando-se o primeiro elemento a compor o micro-perfil do JN. Posterior à manchete há descontinuidade do acontecimento com a leitura de outras manchetes pelos apresentadores. Finalizada essa etapa com a exibição da vinheta do programa, iniciou-se a **segunda fase** do acontecimento midiático, que teve a chamada ao vivo de William Bonner da repórter Carla Modena, que se encontrava em frente à delegacia onde o casal estava depondo. A continuidade dessa segunda etapa foi dada com a leitura da cabeça³ da primeira reportagem e sua exibição. Emendada a ela, ocorreu leitura de cabeça da segunda reportagem sobre o acontecimento e sua exposição. Ao término da segunda reportagem, a segunda fase foi interrompida com a abordagem do telejornal para outros acontecimentos.

Após o quadro descontínuo, na **terceira fase**, o quadro contínuo foi retomado com as cabeças da terceira e da quarta reportagem, marcando a terceira fase do acontecimento. Para finalizar, a fase contou com a chamada ao vivo mais uma vez de Carla pelos apresentadores (Quadro 3).

Quadro 3 - Fases do acontecimento no Jornal Nacional

JN
PRIMEIRA FASE Manchete = indiciamento do casal.
SEGUNDA FASE Chamada do primeiro <i>stand up</i> = depoimentos. Cabeça da primeira reportagem = deslocamento do casal até a delegacia e mobilização das pessoas. Cabeça da segunda reportagem = alterações na rotina da delegacia e chegada do casal.
TERCEIRA FASE Cabeça da terceira reportagem = homenagens no dia do aniversário de Isabella. Cabeça da quarta reportagem = detalhes exclusivos dos laudos. Chamada do segundo <i>stand up</i> = continuidade dos depoimentos.

Fonte: Elaborado pela autora

² A primeira edição do Jornal Nacional entrou no ar no dia 1º de setembro de 1969, com apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira. Hoje, o telejornal é exibido de segunda-feira a sábado, das 8h15 às 8h55. A bancada do JN é dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner.

³ De acordo com Pedro Maciel (1995), a cabeça é lida pelo apresentador em quadro no estúdio de televisão. Essa operação técnica é semelhante ao *lead*.

As descrições e comentários a seguir, tendo como referência, as questões e proposições que orientam essa investigação são feitas na seqüência, seguindo o roteiro das fases.

4.1.1 Primeira Fase: Manchete

O “Caso Isabella” foi mancheteado no telejornal se inscrevendo no que denominamos de primeira fase do acontecimento midiático. As frases da manchete dependiam umas das outras para que tivessem sentido completo. Isso somente foi possível pela intertextualidade, por isso, o formato foi de “jogral”. Se não fosse assim, não haveria sentido, pois as incompletudes das frases fundem-se para dar completude à informação, conforme podemos observar abaixo:

William Bonner: *“decisão da polícia de São Paulo”.*

Imagens: *fechada em Bonner.*

Fátima Bernardes: *“indiciar o pai e a madrasta de Isabella pelo assassinato”.*

Imagens: *fechada em Fátima.*

Bonner: *“nossos repórteres mostram como o trabalho da polícia levou a este desfecho”.*

Imagens: *fechada em Bonner.*

Fátima: *“a operação montada para que os dois prestassem depoimento na delegacia”.*

Imagens: *fechada em Fátima e de Alexandre Nardoni saindo da viatura da polícia na delegacia.*

Bonner: *“e as homenagens à Isabella no dia em que teria completado seis anos”.*

Imagens: *fechada em Bonner.*

Fátima e Bonner: *apresentam outras manchetes.*

Vinheta.

O movimento do telejornal ao iniciar a exibição do acontecimento focou-se na tentativa de trazer, na manchete, algo novo ao vivo. Esse foco – presente em dizeres no início (“Bonner: decisão da polícia de São Paulo. Fátima: indiciar o pai e a madrasta de Isabella pelo assassinato”), é o núcleo da linguagem repetitiva no conjunto do telejornal.

O conteúdo informado pela jornalista revela uma processualidade da linguagem trabalhada para processos midiáticos que, em nossa pesquisa tem o telejornalismo como objeto no caso relacionado ao formato “jogral”, frases com um tipo de dizer que se preenchem pela intertextualidade da própria manchete.

4.1.2 Segunda Fase: *Stand up* e Reportagens

Após a vinheta, Bonner chama o primeiro *stand up* que aconteceu, de acordo com nossa definição, já na segunda fase. Ou seja, o tema também foi o assunto de abertura do telejornal na segunda fase do programa. Bonner leu a cabeça repetindo a informação da manchete: “Boa noite! Esta sexta-feira foi decisiva para a conclusão do inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni”. O apresentador chamou a repórter Carla Modena para o primeiro *stand up*:

Bonner – Cabeça: *“boa noite! Esta sexta-feira foi decisiva para a conclusão do inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni. A polícia decidiu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato. O casal prestou novos depoimentos em uma delegacia de São Paulo. E é para lá que nos vamos ao vivo com a repórter Carla Modena. Boa noite, Carla!”*

Imagens: *fechada em Bonner com tela dividida entre ele e a repórter.*

Stand up1 – Carla Modena – São Paulo: *“boa noite Bonner! Terminou há pouco o interrogatório de Alexandre Nardoni que durou oito horas. Ele foi indiciado por homicídio doloso, quando há a intenção de matar. E começou agora há pouco, o interrogatório de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella. Não há previsão para o término. A expectativa é que entre pela madrugada, e a polícia já adiantou que ela também vai sair daqui já indiciada pela morte da Isabella. Bonner”*.

Imagens: *repórter em frente à delegacia; cartaz de pessoa que estava no local com a frase: “Isabella, o Brasil clama por justiça”*.

O conteúdo dito no *stand up* não foi além do andamento do interrogatório e do indiciamento como já tinha sido dito na manchete. A repetição é uma forma de ligar o que vem antes – manchete - e depois - *stand up*, dizendo ao receptor: “estamos falando do mesmo tema”. Entretanto, observamos nos fragmentos repetição de determinados enunciados - operadores semânticos - dentro de uma diferente configuração discursiva. Ao serviço do que está diferença? Observa-se um trabalho de localização do acontecimento no espaço e no tempo, precisando, ações e interações do acontecimento, *just in time*, relativamente ao momento de acionamento do dispositivo televisivo, em suas interações com os receptores.

Na última imagem, o acontecimento ganha nova proporções, com novas inscrições dos receptores, presentes na cena do mesmo, indicando a ocorrência de comunicação midiática, na

medida em que mobilizados pelo discurso televisivo, em seu formato jornalístico, pediram presença como protagonistas: “Isabella, o Brasil clama por justiça”.

Esse é o acontecimento midiático, porque produzido pela circulação. Nesse momento, a repetição é um *link* que articula diferenças, que ao contrário do que propúnhamos inicialmente, não foram apagadas. Ela foi produzida no deslocamento da manchete para o *stand up*, mas, simultaneamente, viabilizada pelas tecnologias de comunicação *just in time*. Essa percepção nos permite pensar criticamente que estávamos tornando com naturalização processos que devem ser analisados.

Assim que Carla encerrou o primeiro *stand up*, Bonner apresentou a cabeça da primeira reportagem que abordou o tumulto e a falta de segurança para que o casal saísse de casa rumo à delegacia:

Bonner – Cabeça: *“a ida de Alexandre Nardoni e Anna Jatobá para a delegacia foi tumultuada e atrasada por falta de segurança. Muita gente estava em frente à casa da família na zona norte de São Paulo. Jornalistas e curiosos. E o casal só saiu depois de receber proteção da polícia”.*

Imagem: *fechada em Bonner.*

A reportagem feita por José Roberto Burnier informou acerca das pessoas que permaneceram na frente da casa dos pais de Nardoni e da delegacia para ver o deslocamento do casal e a estrutura organizada pela polícia para que os dois se deslocassem com segurança. Mais uma vez, observamos indícios da circulação: nesse momento, a instituição midiática julga seus efeitos (mobilização dos receptores), chamando “à ordem” outra instituição (a policial).

As imagens eram de policiais; jornalistas; curiosos; seguranças contratados pela família; motoqueiros de madrugada, passando pelo local; homens algemados pela polícia e revistados porque passaram pelo local fazendo barulho de madrugada e tentaram pichar o muro da casa dos pais de Nardoni; detenção de dois pichadores, que escreviam frases de justiça no muro; viatura da polícia saindo; rapaz completando a palavra justiça na parede assim que a polícia se afasta; parede com cartaz escrito: “Amor a Isabella. Queremos justiça”; faixa segurada por pessoas em cima de um muro; casa do pai de Alexandre; pessoas em frente da casa com cartazes; advogados chegando ao portão e pedras na garagem.

A sonora com o advogado de defesa do casal, Ricardo Martins, trazia que: “existem leis regulamentares neste país. Nós devemos observá-las. Jamais fazermos um julgamento

antecipado. Até que se prove ao contrário”. A exibição da entrevista do advogado foi uma tentativa de contraponto ao acontecimento midiático, tendo em vista a mobilização das pessoas e o esquema da polícia para que o casal chegasse até a delegacia com segurança, pois estavam sob responsabilidade do Estado.

O mesmo aconteceu na sonora do também advogado de defesa, Marco Pólo Levorin, que declarava: “a expectativa nossa é de um depoimento tranqüilo, né! Que possam transmitir tudo aquilo que já foi falado, quando do acontecimento dos fatos. Nós estamos tranqüilos”. No *off* da primeira reportagem constava que:

Reportagem 1 - off3 - áudio: “a delegada que cuida das investigações só conseguiu chegar com escolta. Por volta das onze horas, um grupo de policiais saiu da casa da família Nardoni. Logo atrás vieram Alexandre e Anna Carolina Jatobá. Eles desceram à escada, abraçados aos advogados. A madrasta de Isabella chorava. O casal teve que ser protegido com escudos a caminho do carro do Grupo de Operações Especiais. Pedras foram jogadas. Uma garrafa de plástico atingiu o veículo. Pessoas concentradas em frente à casa Nardoni protestavam. Escoltados por carros da polícia, o casal seguiu para a delegacia. Ao chegar, novo tumulto e correria. O primeiro a entrar foi Alexandre, cercado por policiais com coletes à prova de balas. Ele olhou para a multidão. Depois foi a vez de Anna Carolina Jatobá. No carro em que eles chegaram às marcas do protesto na hora em que saíram de casa. Um policial ficou ferido no rosto. O advogado Antônio Nardoni, pai de Alexandre, apareceu em seguida. Pessoas cantaram parabéns para Isabella que completaria hoje seis anos de idade. O nono distrito estava protegido por um número de policial civil e militar maior que o habitual. Só entrava na rua quem tinha autorização. Agentes de trânsito monitoravam os cruzamentos próximos. Os jornalistas foram mantidos no outro lado da rua. Se instalaram em pontos estratégicos para acompanhar toda a movimentação. A entrada desta casa virou estúdio de uma emissora de rádio. Havia até banheiros químicos e uma tenda de plástico. Entre os curiosos, gente que percorreu longas distâncias”. (grifo nosso)

O “havia até banheiros químicos e uma tenda de plástico” do *off* revela a construção do acontecimento pelo seu entorno, uma maneira de dar continuidade ao tema, mas também uma diferença. O trecho do texto: “pessoas cantaram parabéns para Isabella que completaria hoje seis anos de idade” apresenta conotação emocional na construção do *off*, produzindo deslocamentos em relação ao acontecimento-representado para seus efeitos decorrentes do processo de circulação, através de uma narrativa em cena, em que protagonistas diversos

operam em uma trama especificamente midiática, com discursos sobre o acontecimento em andamento.

A segunda reportagem já começa com as mesmas imagens aéreas dos policiais na delegacia escoltando o casal. O JN buscou a diferença na cobertura ao tentar explicar por meio de desenhos como estavam acontecendo os depoimentos. Na passagem, César Galvão informou que Alexandre Nardoni respondeu a 50 questões. Uma foto do rosto dele foi mostrada no canto esquerdo do televisor com as principais perguntas realizadas pela polícia.

Após o término da reportagem, Bonner em nota simples disse: “ainda nesta edição você vai ver o que levou a polícia a decisão de indiciar Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá por assassinato, e as homenagens à Isabella, no dia em que ela completaria seis anos”. A continuidade do acontecimento midiático sobre o tema na segunda fase foi quebrada com a eclosão da construção de outros temas como acontecimento midiáticos.

4.1.3 Terceira Fase: Reportagens e *Stand up*

A terceira fase do acontecimento começa com a reportagem do JN construída acerca das homenagens na escola que Isabella estudou, e a personalização⁴ da mãe, sem o registro de sua visita ao cemitério e a emoção com depoimento de outra criança dizendo “eu fiz um desenho bem bonito para ela”. Podemos verificar isso na transcrição abaixo:

Reportagem3 - Passagem – César Menezes – áudio: “Ana Carolina Oliveira veio visitar o túmulo da filha às oito da manhã. Neste momento, o cemitério foi fechado e a mãe de Isabella pode ficar a sós para fazer a sua homenagem. Depois que ela saiu e os portões foram reabertos, as visitas continuaram”.

Imagens: atrás do repórter no cemitério, pessoas em volta da lápide. A imagem é aberta para pessoas que colocam flores na lápide.

Off2: “pessoas comuns comovidas com a história da menina que elas só conhecem por fotografias”.

Imagens: mulher colocando flores na lápide e outras em volta; fechada no rosto de mulher chorando, e novamente fechada em outra mulher colocando flores na lápide.

Enquete1: “o que eu trouxe hoje foi para simbolizar a alegria que ela era. Imagem: entrevistada com lápide ao fundo e pessoas em volta”.

⁴ Um dos valores-notícia definidos por Nelson Traquina (2005).

Off3 - áudio: “Denise trouxe uma bonequinha. Essa menina que também se chama Isabella e tem seis anos desenhou um rosto de menina sorrindo”.

Imagens: bonequinha colocada na lápide; menina chamada Isabella vendo desenho na mão e colocando sobre a lápide.

Enquete2: “eu fiz um desenho bem bonito para ela”.

Imagem: fotografia de Isabella.

Na terceira fase, a reportagem teve ainda a mensagem na íntegra da mãe no *Orkut*, e a missa realizada na noite anterior pelo Padre Marcelo Rossi, com a participação do Bispo e da família de Isabella com ganchos trabalhados pela linguagem emocional textual e de imagens da mãe chorando, das fotografias dela e da filha numa tentativa de explicação de como as duas conviviam. O repórter César Menezes procurou explicar a origem da mensagem da mãe:

Reportagem3- Off4 - áudio: “as homenagens começaram na noite de ontem. Isabella foi lembrada várias vezes numa missa. A mãe se emocionou. Na página de relacionamentos que tem na internet, Ana Carolina divulgou uma mensagem inspirada num poema inglês no começo do século passado, foi mais uma homenagem em memória da filha. ‘A morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável. O que é esta morte senão um acidente desprezível. Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da visão? Estou simplesmente a sua espera, como num intervalo, bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem!’”.

Imagens: Bispo; padre Marcelo Rossi; fechada no rosto da mãe chorando; fotografias de Ana Carolina com a filha sorrindo, do rosto de Isabella sorrindo, e de Isabella e a mãe fantasiadas de caipiras; fotografia de Isabella e imagem da página na internet com três imagens delas sobrepostas com poema escrito na tela.

Nessa fase, de forma autorreferente, Fátima apresentou a cabeça da quarta reportagem a respeito do caso, dizendo que as provas recolhidas pela perícia no prédio dos Nardoni foram fundamentais para o indiciamento do pai de Isabella por homicídio e complementou “os repórteres Maurício Ferraz e César Tralli conseguiram obter **detalhes exclusivos** (grifo nosso) dos laudos. As informações técnicas dos peritos levaram a polícia concluir que o casal está

diretamente envolvido na morte da criança”. A construção do *off* que compõem a reportagem foi a seguinte:

Reportagem4-Off1-áudio: *“foi uma noite interminável no Instituto de Criminalística de São Paulo. Peritos passaram a madrugada visitando os laudos para orientar o interrogatório. Tudo cercado de sigilo para surpreender com provas técnicas a madrasta e o pai de Isabella durante os depoimentos à polícia. Uma pane nos computadores atrasou os trabalhos, mas de manhã, os peritos deram a missão por concluída. São três laudos: um sobre o corpo da menina, outro da Criminalística sobre a imagem apreendida no prédio da frente que mostra o carro dos Nardoni entrando na garagem. A cena é importante para se estabelecer quanto tempo se passou entre a chegada da família e a queda de Isabella, e o mais complexo, o laudo sobre o cenário do crime feito pelo Núcleo de Crimes contra a Pessoa. Algumas informações novas vindas da perícia, não foi encontrado sangue de Isabella na roupa da madrasta, nem na roupa do pai. Havia sangue da menina na sola do calçado de Anna Carolina. O rastro de sangue de Isabella ia da porta de entrada do apartamento até o quarto dos meninos de onde ela foi jogada pela janela”.*

Imagens: *começam aberta no corredor do Instituto de Criminalística e fecha até uma porta interna do instituto; fachada do local; Alexandre e Anna chegando à delegacia; Alexandre através de uma janela, esperando Anna Carolina depor; fachada do Instituto de Criminalística; desenho escrito “Laudo do IML”; carro de Alexandre na garagem em três ângulos – frente e duas laterais, escrito “Laudo sobre imagem do carro”; fotografia do quarto do irmão de Isabella, escrito “Laudo sobre o cenário do crime”; desenho camisa de Alexandre escrito “Não havia sangue de Isabella, nem na roupa da madrasta, nem na roupa do pai”; desenho de calçado de Anna Carolina, escrito “Havia sangue de Isabella na sola do calçado da madrasta”; recurso em movimento da porta de entrada até o quarto dos meninos em preto e branco com o sangue em vermelho.*

Fausto Neto (2008) estuda a autorreferencialidade no jornalismo a partir da perspectiva da midiatização. Para explicar tal conjuntura, ele aborda a passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade midiatizada”. Na sociedade dos meios o jornalista estaria numa condição de “fala intermediária”, cabendo ao mesmo um “compromisso de objetividade”, tendo seu ato de fala apagado, ou pelo menos, mantendo suas marcas opacas. Já na sociedade midiatizada tal opacidade daria lugar a um espaço que serve para explicitar sua atuação através de uma “postura enunciativa autorreferencial” (FAUSTO NETO, 2008).

Para que melhor possamos visualizar a construção do acontecimento midiático no JN, elaboramos o quadro abaixo (Quadro 4) da quarta reportagem com a descrição de vídeo e áudio do *off1* da quarta reportagem:

Quadro 4 - Vídeo e áudio do *off1* da quarta reportagem do Jornal Nacional

Reportagem4	Áudio - Texto
<p style="text-align: center;">Vídeo - Imagens</p> <p>a) Primeiro, imagem aberta no corredor do Instituto de Criminalística, e depois, fecha até uma porta interna do instituto; fachada do local; Alexandre e Anna chegando à delegacia; Alexandre através de uma janela, esperando Anna Carolina depor; fachada do Instituto de Criminalística;</p> <p>b) desenho escrito “Laudo do IML”; carro de Alexandre na garagem em três ângulos – frente e duas laterais, escrito “Laudo sobre imagem do carro”; fotografia do quarto do irmão de Isabella, escrito “Laudo sobre o cenário do crime”;</p> <p>c) desenho camisa de Alexandre escrito “Não havia sangue de Isabella, nem na roupa da madrastra, nem na roupa do pai”;</p> <p>d) desenho de calçado de Anna Carolina, escrito, “Havia sangue de Isabella na sola do calçado da madrastra”;</p> <p>e) recurso em movimento da porta de entrada até o quarto dos meninos em preto e branco com o sangue em vermelho.</p>	<p>a) Foi uma noite interminável no Instituto de Criminalística de São Paulo. Peritos passaram a madrugada visitando os laudos para orientar o interrogatório. Tudo cercado de sigilo para surpreender com provas técnicas a madrastra e o pai de Isabella durante os depoimentos à polícia. Uma pane nos computadores atrasou os trabalhos, mas de manhã, os peritos deram a missão por concluída.</p> <p>b) São três laudos: um sobre o corpo da menina, outro da Criminalística sobre a imagem apreendida no prédio da frente que mostra o carro dos Nardoni entrando na garagem. A cena é importante para se estabelecer quanto tempo se passou entre a chegada da família e a queda de Isabella, e o mais complexo, o laudo sobre o cenário do crime feito pelo Núcleo de Crimes contra a Pessoa.</p> <p>c) Algumas informações novas vindas da perícia, não foi encontrado sangue de Isabella na roupa da madrastra, nem na roupa do pai.</p> <p>d) Havia sangue da menina na sola do calçado de Anna Carolina.</p> <p>e) O rastro de sangue de Isabella ia da porta de entrada do apartamento até o quarto dos meninos de onde ela foi jogada pela janela.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

A exclusividade destacada pela apresentadora reforçou a idéia de auto-referenciar o JN, o que está relacionado à credibilidade do telejornal com acesso exclusivo a algo que apenas a polícia sabia. Isso é um indício do esforço informacional, de distinção, da instituição perante os seus públicos e concorrentes. Demarca também uma diferença. Tralli também contribuiu com esse processo ao citar em seu *off* que “os laudos do Instituto de Criminalística são assinados por quatro peritos e, segundo fontes consultadas pelo Jornal Nacional, esses laudos indicam que Alexandre Nardoni, o pai de Isabella jogou a menina pela janela do sexto

andar”. O repórter reforçou a construção à credibilidade da informação apurada pelo telejornal.

O encerramento da terceira fase se deu com Carla Modena com o segundo *stand up*, com a mesma informação do primeiro *stand up*, redundando que o depoimento de Anna Jatobá continuava e Alexandre esperava a mulher. Ao final do telejornal, os apresentadores não anunciaram a telenovela, mas convidaram para que apurações **exclusivas dos seus repórteres** (grifo nosso) fossem conferidas no Jornal da Globo. A diferença está em redundar em espaços e tempos diferenciados do dispositivo, e não numa proposta de cobertura que realmente se diferenciasse das demais.

4.2 JORNAL DA GLOBO

O tempo total de exibição sobre o “Caso Isabella” pelo Jornal da Globo (JG)⁵ foi de 7m88s. Ao total, duas reportagens e dois *stand ups* deram conta de informar o acontecimento. A mensagem no *Orkut* não foi reproduzida pelo JG, o que evidenciou uma estratégia de gancho diferente em relação aos demais telejornais.

Na primeira fase, o micro-perfil do telejornal revela primeiro um comentário, depois a manchete. Essa foi a relação técnico-discursiva distinta com o acontecimento adotada para iniciar o “Caso Isabella” na primeira fase do telejornal. Na **segunda fase**, a inversão temática em relação ao JN também é evidente (os temas “laudos” antecedem o de “depoimentos”, indicando que “o que acontece por último, vem primeiro”, registro da distribuição do tempo no discurso jornalístico).

O diferencial do JG se deu com a preocupação de maneira mais compacta na explicação dos laudos por meio do grafismo televisual. O primeiro *stand up* deveria ter ocorrido logo após a primeira reportagem, mas não foi possível devido a problemas de áudio. Exibiu-se a segunda reportagem que abordou o trajeto de casa para a delegacia do casal com a movimentação dos policiais, curiosos e jornalistas, intensificando a continuidade do acontecimento midiático.

A continuidade do “Caso Isabella” foi quebrada com outros acontecimentos. Na **terceira fase**, tornou-se possível a primeira entrada ao vivo da mesma repórter do JN, Carla Modena, que repetiu que continuava o depoimento de Anna Carolina Jatobá e que a polícia não descartava a acareação. Christianne disse que em seguida voltariam com novas

⁵ O Jornal da Globo (JG) é exibido por volta da meia noite pelos apresentadores Christianne Pelajo e William Waack. A exibição ocorre de segunda à sexta-feira. A reestréia da fase atual do telejornal aconteceu em 1982, pois a primeira edição do programa ocorreu em 1979.

informações. Outros acontecimentos foram informados. A **quarta fase** aconteceu depois de momentos descontínuos com a informação de outros acontecimentos com a entrada ao vivo da repórter novamente para o segundo *stand up*. Conforme o Quadro 5:

Quadro 5 - Fases do acontecimento no Jornal da Globo

JG
PRIMEIRA FASE Comentário seguido de manchete = indiciamento com base em laudos periciais.
SEGUNDA FASE Cabeças da primeira reportagem e reportagem = indiciamento do casal com base em laudos periciais. Chamada para o primeiro <i>stand up</i> = não realizada por problemas técnicos com o áudio. Cabeça da segunda reportagem e reportagem = deslocamento do casal até a delegacia, mobilização das pessoas e depoimentos.
TERCEIRA FASE Chamada e <i>stand up</i> 1= depoimentos de Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni e possível acareação.
QUARTA FASE Chamada e <i>stand up</i> 2 = depoimentos de Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni e possível acareação.

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida, iremos nos ater às descrições e aos comentários acerca da construção do acontecimento midiático pelo telejornal. Para isso, seguimos ao roteiro das fases para que pudéssemos fazer referências às questões e às proposições que orientam essa investigação.

4.2.1 Primeira Fase: Comentário Seguido de Manchete

O acontecimento foi noticiado pelo telejornal com um texto de abertura comentado por William Waack, questionando o que levaria alguém a matar, quando deveria cuidar. O modelo faz parte da estrutura de abertura do telejornal e o “Caso Isabella” não alterou o padrão.

Christiane Pelajo: “boa noite!”

William Waack: “boa noite! Comentário: a polícia paulista acredita ter resolvido o crime o qual foi vítima a menina Isabella Nardoni que hoje faria 6 anos. Indiciou por homicídio o pai e a madrasta da vítima. É difícil entender o que leva alguém a matar uma criança. Mas é fácil entender a imensa comoção em torno do Caso Isabella. É o horror que toma conta de todos nós de imaginar que uma criança, conforme suspeita a polícia, vira a vítima de quem ela mais depende e gosta”.

Manchete- Christiane: “e o grande destaque hoje do Jornal da Globo é o laudo que traz detalhes surpreendentes sobre a morte de Isabella. Novas peças. Nossos repórteres têm acesso ao laudo dos peritos do Instituto de Criminalista de São Paulo e eles concluíram que

havia sangue de Isabella Nardoni em três pontos do carro do pai e as marcas no pescoço da menina são compatíveis com as mãos de Anna Carolina Jatobá”.

Imagens: *superintendência da Polícia Técnico-Científica; fachada edifício London; foto de corpo inteiro de Isabella; recortes do carro em dois ângulos; outra foto fechada no rosto de Isabella sorrindo; Anna Jatobá correndo para fugir das câmeras e fotógrafos.*

Vinheta.

Outras manchetes.

A prática do JG de ser iniciado com comentário sobre o acontecimento principal é usual. A manchete marcou a primeira fase do acontecimento e foi dada somente após o comentário. Mas a manchete, aqui, compõe um enunciado que rompe com o formato “jogral”. A continuidade do caso foi quebrada com outras manchetes. A auto-referência para apuração dos repórteres da emissora foi mantida a exemplo do que foi realizado no JN: “nossos repórteres têm acesso ao laudo dos peritos do Instituto de Criminalista de São Paulo e eles concluíram [...]”.

4.2.2 Segunda Fase: Reportagens e Stand up

Logo após a manchete principal quebrada por outros acontecimentos, iniciou-se a segunda fase do “Caso Isabella” no JG com cabeças da primeira reportagem sobre indiciamento do casal com base em laudos periciais. A cabeça foi dividida em dois enunciados distribuídos entre os dois apresentadores:

Waack: *“foi a partir do conjunto de laudos técnicos **obtidos com exclusividade por nossos repórteres** que a polícia resolveu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato da menina Isabella Nardoni que hoje faria seis anos de idade”.* (grifo nosso)

Christiane – *“a polícia tinha informações sobre manchas de sangue no carro da família que preferiu esconder até hoje. Dia em que o pai e a madrasta foram depor. Foi uma maneira de confundir a defesa do casal. A reportagem é de Maurício Ferraz”.* (grifo nosso)

Aqui temos um dispositivo distinto: a cabeça é “dividida” em dois enunciados, distribuídos entre os dois apresentadores. Na primeira reportagem persiste o processo autorreferencial para as apurações feitas pela equipe do JG. No *off2*, é possível constatar os detalhes dos laudos e a simulação. Uma tentativa de compreensão do acontecimento

mediático, ou mais precisamente, do poder hermenêutico de revelar a sua natureza como pondera Quéré (2005) ao definir as características de acontecimento.

Reportagem1 - Off2: “os peritos fizeram ainda uma simulação. Um homem com a mesma altura de Alexandre jogou uma boneca pelo buraco de uma rede de proteção. A rede deixou marcas na camiseta que o outro homem usava. Marcas do mesmo tipo foram encontradas na camiseta de Alexandre Nardoni. No quarto de onde Isabella foi jogada havia três pegadas. Todas de Alexandre Nardoni. Pela simulação da perícia. Ele subiu na cama das crianças e se desequilibrou. Os peritos também afirmam que a única forma de entrar no prédio sem ser visto seria escalando o muro. Mas eles não acharam sinal algum de invasão e descartam a possibilidade de uma terceira pessoa na cena do crime, além do casal. Os pingos de sangue de Isabella faziam um caminho da porta de entrada do apartamento até o quarto de onde Isabella foi arremessada. Quando o sangue pingou, Isabella estava a uma distância entre 1m20 e 1m30 do chão. Os peritos consideraram que a menina ferida, era carregada por alguém que tem a altura compatível com a de Alexandre Nardoni, o pai. Os peritos afirmam ainda que a fralda suja de sangue de Isabella encontrada no apartamento já havia sido usada dentro do carro. Tanto a fralda como a toalha suja de sangue foram lavadas no mesmo dia, mas o sangue deixou vestígio. Os peritos concluíram também que as marcas deixadas no pescoço de Isabella são compatíveis com o tamanho das mãos de Ana Jatobá, a madrastra”.

Imagens: desenho de boneca sendo arremessada pela janela e Alexandre no térreo do edifício ao lado de um policial, apontando para cima; foto do quarto de onde Isabella foi jogada, aproximando as pegadas sob o colchão; imagem de baixo para cima do prédio, portão de entrada e muro; viatura da polícia em frente ao portão de entrada do prédio; movimento de baixo para cima do edifício; recurso gráfico dentro do apartamento com pingos de sangue em vermelho, reconstituindo o momento em que Isabella era carregada, pingando sangue da entrada até o seu quarto. Desenho de homem segurando Isabella com a medida da altura da testa da menina até o chão com 1m20 e 1m30. Laudo dos peritos com desenho escrito “Fralda com sangue tinha sido usada no carro”; mesma imagem do laudo escrito “Fralda e toalha foram lavadas”. Fotografia de Isabella de corpo inteiro; fusão dessa fotografia com outra de rosto sorrindo. Anna Carolina Jatobá na delegacia ao lado de advogado e policial.

Posterior, ocorreu a chamada para o *stand up* da repórter, mas por problemas técnicos de áudio ela não conseguiu fazê-lo. O impedimento da entrada ao vivo da jornalista revela que

a tecnologia acabou por comprometer a técnica. A alternativa foi exibir a segunda reportagem com o gancho da estrutura montada pela polícia para o deslocamento do pai e da madrasta até o distrito policial e a mobilização das pessoas.

As duas reportagens da segunda fase exibiram a reconstituição em detalhes do que teria acontecido na noite do crime com base nos laudos periciais. Para isso, o grafismo televisual com desenhos e frases abordou a cronologia do crime, marcando a construção do acontecimento midiático, o que fez da estratégia construtiva do “Caso Isabella” um diferencial no telejornal, sobretudo, ao considerarmos a tecnologia como operadora do balanceamento entre operação técnica e linguagem do acontecimento midiático.

4.2.3 Terceira Fase: *Stand up*

A terceira fase ocorreu com o primeiro *stand up* com a mesma repórter – Carla Modena – que também fez duas entradas ao vivo durante o JN.

Stand up1 - Carla Modena: “Anna Carolina Jatobá **continua** depondo há quase quatro horas, enquanto isso Alexandre Nardoni na sala dos investigadores, aguarda o fim do depoimento da mulher, conversando com policiais e assistindo televisão. De acordo com a secretaria de Segurança Pública, não está descartada a hipótese de acareação entre os dois. Policiais que acompanharam o depoimento dele disseram que Alexandre Nardoni demonstrou frieza. Muitos curiosos vieram à delegacia hoje acompanhar o movimento. Muita gente permanece aqui aguardando a saída do casal. *Christiane*”. (grifo nosso)

Imagens: fachada da delegacia e pessoas que permaneceram no local.

O *stand up* de Carla sem novidade repetiu a informação já dita em reportagens acerca da mobilização das pessoas e sobre a continuação do depoimento da madrasta com previsão da polícia de que prosseguisse até a madrugada. A continuidade do acontecimento foi interrompida com outros assuntos midiáticos.

4.2.4 Quarta Fase: *Stand up*

Na quarta fase, Carla foi chamada para o segundo *stand up*, ou seja, repete-se a estratégia do ao vivo. No entanto, ela declarou mais uma vez que o depoimento de Anna continuava e que, de acordo com policiais, Nardoni demonstrou frieza ao depor sem trazer novidades do caso.

Chamada para stand up- Waack: “o pai e a madrasta da menina Isabella ainda estão na delegacia em São Paulo e de lá fala ao vivo a repórter Carla Modena. Carla!”

Stand up2: “William a Secretaria de Segurança Pública prevê que o depoimento de Anna Carolina Jatobá termine entre 2 e 3 da manhã. Depois disso não está descartada a hipótese de acareação. A polícia está usando a estratégia de incentivar o casal a falar para ver se eles caem em contradição. Muitas das perguntas feitas a Alexandre Nardoni, estão sendo repetidas agora a Anna Carolina e os dois vão sair daqui indiciados por homicídio doloso – quando há a intenção de matar. Christiane!”

Christiane: “obrigada Carla!”

Outros acontecimentos.

Em seguida, o telejornal foi encerrado. As operações técnicas do JG diferenciam-se, principalmente, ao considerarmos o modelo de comentário com manchete e a maior exploração dos laudos por meio do grafismo televisual. Mesmo assim, a construção do acontecimento midiático mantém um formato que se repete durante o programa, especialmente, por meio do *stand up* com a informação do depoimento sem algo realmente novo. Porém, percebemos diversos indícios de uma distinção, o que nos permite pensar que redundância e diferença são dimensões constituidoras do dispositivo telejornalístico.

4.3 JORNAL DA RECORD

O micro-perfil do Jornal da Record (JR)⁶ inicia-se na **primeira fase** com a manchete do “Caso Isabella”, a qual não conseguimos obtê-la porque as gravações foram feitas com um único aparelho receptor. Naquela edição, a apresentação do telejornal foi de Adriana Araújo e Celso Freitas. Ao total, o telejornal destinou aproximadamente 10m55s ao assunto.

Na **segunda fase**, foram exibidas três reportagens acentuando a continuidade da exibição do acontecimento midiático pela emissora. A redundância da informação e das imagens foi reforçada nos nove *offs* da segunda reportagem com a gravação feita por cinegrafista amador, configurando-se como o grande diferencial do telejornal na abordagem do “Caso Isabella”. A fase foi encerrada com chamada para a exibição do único *stand up* da repórter em frente à casa dos pais de Alexandre Nardoni.

⁶ O Jornal da Record estreou, em 1972, sob a apresentação de Ricardo Carvalho. Atualmente, tem como âncoras Celso Freitas e Ana Paula Padrão, que entram no ar de segunda a sexta-feira, das 8h15 às 21h15. No sábado, o horário do JR é das 18h15 às 19h15.

Na **terceira fase**, a quarta reportagem foi construída pela própria apresentadora nas ruas, um diferencial na construção do acontecimento midiático entre os telejornais estudados. A operação é diferente, mas a apresentadora aborda o acontecimento novamente sob o ângulo repetitivo da mobilização e da tentativa de explicação do por que das pessoas terem se comovido com Isabella. A continuidade do acontecimento foi interrompida com outros assuntos, porém, o encerramento do telejornal se deu com a última reportagem acerca do tema, marcando a terceira e última fase do acontecimento no JR. As fases do acontecimento são reveladas no Quadro 6.

Quadro 6 - Fases do acontecimento no Jornal da Record

JR
PRIMEIRA FASE Manchete = não obtida porque gravação foi com único aparelho receptor.
SEGUNDA FASE Cabeças e primeira reportagem = deslocamento do casal até a delegacia e mobilização das pessoas. Cabeças e segunda reportagem = cenas exclusivas gravadas por cinegrafista amador minutos após a queda de Isabella. Cabeças e terceira reportagem = homenagens no dia do aniversário de Isabella e mensagem de Ana de Oliveira no <i>Orkut</i> . Chamada para <i>stand up</i> em frente à casa da família Nardoni.
TERCEIRA FASE Cabeças e quarta reportagem = tentativa de compreensão do caso com depoimentos da população e de especialistas.

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o que nos propusemos em nossa investigação, a seguir iremos nos deter às descrições e analogias da construção do acontecimento midiático no JR, tendo como objeto o “Caso Isabella”. Para isso, seguimos ao roteiro das fases que nos permitem fazer referências às questões e às proposições que orientam essa investigação.

4.3.1 Primeira e Segunda Fase: Manchete e Reportagens

A abordagem do JR sobre o “Caso Isabella”, no dia 18 de abril de 2008, começou na manchete⁷, dando início à primeira fase do caso no telejornal. A apresentação de mais manchetes, e a vinheta do programa, encerraram a primeira fase do acontecimento. Na segunda fase, foram concentradas três reportagens e mais uma entrada ao vivo da repórter, revelando a continuidade do tema no programa. As cabeças da primeira reportagem eram:

⁷ Não foi possível obter a manchete porque as gravações ocorreram com um único aparelho receptor.

Adriana Araújo - Cabeça1 da primeira reportagem: “o depoimento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá exigiu um esquema especial montado pela polícia”.

Imagens: apresentadora na bancada. Ao fundo, em seu lado esquerdo, uma fotografia de Isabella sorrindo sobreposta a um fundo com conjunto de cores, parecendo um arco-íris.

Celso Freitas - Cabeça2: “a área da delegacia que centraliza as investigações foi cercada, e a rua em frente, fechada para o trânsito. Uma multidão foi ver de perto como seria o dia do casal”.

Imagens: apresentador na bancada, aparecendo ao fundo à redação do telejornal.

Off1: “o resultado de um interrogatório é sempre imprevisível. Mas do lado de fora da delegacia aconteceu o que já se imaginava. Uma multidão de jornalistas e curiosos”.

Imagens: de policiais e viaturas; rapaz vendo monitor de imagens; multidão com movimento de câmera para o muro com pessoas, segurando cartazes; policiais e viatura; carro de imprensa e jornalistas; cinegrafistas em laje; mulheres em frente ao distrito; gritos; policiais ao lado de viatura.

Enquete1: “vim para cá de Santa Catarina. É curiosidade, né. Eu vi tanta gente olhando. Acho bonito assim. A gente vê o que precisa fazer né”.

Imagem: entrevistado sem identificação do nome.

Enquanto Adriana lia a cabeça, era exibida a sua imagem na bancada no canto direito para quem assistia. No outro lado, esquerdo na tela para o telespectador, exibiu-se uma fotografia de Isabella sorrindo sobreposta a um fundo colorido. Também foi exibida a imagem de Freitas na bancada durante a sua leitura de cabeça, porém, ao seu fundo aparecia a redação do telejornal. A construção do acontecimento com a identificação de um selo é uma marca de diferença do telejornal.

Posterior as cabeças, exibiu-se a primeira reportagem com o “*off1*: o resultado de um interrogatório é sempre imprevisível. Mas do lado de fora da delegacia aconteceu o que já se imaginava. Uma multidão de jornalistas e curiosos”. As imagens eram de policiais e viaturas; cinegrafista vendo imagens gravadas em monitor; movimento de câmera para o muro mostrando as pessoas, segurando cartazes; pela segunda vez, imagens de policiais e viatura; carro de imprensa e jornalistas; cinegrafistas em laje; mulheres em frente ao distrito; áudio com gritos e imagens de policiais ao lado de viatura.

O iniciar do telejornal demonstra elementos para que possamos compreender as relações técnico-discursivas do acontecimento midiático. Já no *off1* deu-se início ao processo

de repetição das imagens, especialmente dos policiais e das viaturas, que foram exibidas três vezes.

Além disso, nessa primeira reportagem feita pelo repórter Lúcio Sturm, prevaleceu construção textual e de imagem do acontecimento para entreter o público: “**Off2: algodão doce, sorvete, pipoca**. O distrito policial se preparou para o **espetáculo**. Banheiros químicos, cadeiras de plástico em frente à entrada principal, e grades de proteção” (grifo nosso). Por outro lado, é feito o registro: “o distrito policial se preparou para o **espetáculo** [...]”, de que o acontecimento se transforma em um acontecimento midiático, pois protagonistas diversos se colocam em cena, “como se” num set de filmagem.

Nessa reportagem encontramos a diluição do acontecimento em entretenimento (TEMER, 2009), comprometendo a objetividade da informação jornalística. Sturm construiu a reportagem “culpando” a polícia pelo “circo”, e não o dispositivo televisivo, difuso, pois não é apenas a Record que está em cena, mas várias, simultâneas, que transformam o acontecimento em acontecimento midiático.

Na sonora do superintendente do Grupo de Operações Especiais, Luiz Antônio Pinheiro, a declaração de que: “o que nos fizemos aqui não é um circo como disseram. Na realidade é um trabalho bem profissional, foi pensado, planejado para ter condição de cada um desempenhar o seu papel”, reitera essa disposição de atores que os protagonistas e cenários conforme instituições e públicos em jogo, incorporando, ao dispositivo, as dimensões da midiaticização.

Numa tentativa de justificar (autorreferencialmente) o enfoque dado em sua reportagem, Sturm entrevistou aos colegas de outros veículos para saber como estava acontecendo a cobertura deles. No *off4*, ele reiterou a proposta de sua reportagem e, principalmente, de que a sociedade também estava atuando com a produção:

Reportagem 1- Off4: “*valia também foto de celular e como num show todos buscavam o melhor ângulo. Mães trouxeram filhos com cartazes. Muitos vieram protestar, principalmente na chegada dos personagens principais: Alexandre e Anna Jatobá. Quem tinha comércio no bairro aproveitou a ocasião*”.

A reportagem de Sturm tematizou também de como esse dispositivo produziu outras economias. Proprietários de espaços adjacentes como lojas, estéticas e outros espaços, foram alugados para as emissoras, para que essas fizessem suas transmissões ao vivo, com uma infra-estrutura no local. Na reportagem, observamos que a função de perito jornalístico

rompeu com o sentido canônico de especialista daquilo que se refere ao acontecimento, para um lugar em que o seu fazer é o acontecimento autorreferência. Mas também se observa que os dispositivos jornalísticos se expandem até o limite em que condensam, em um novo lugar, o acontecimento. A redundância tem, aí, uma função tematizadora, que articula buscas de diferenças no espaço concorrencial entre as instituições midiáticas concorrentes no acontecimento.

4.3.2 Segunda Fase: Reportagem e *Stand up*

A segunda fase do acontecimento midiático no JR foi de intensa continuidade com as outras duas reportagens coladas uma a outra. No *off4* da primeira reportagem, Sturm revelou a mobilização das pessoas que ficaram em frente à delegacia protestando e registrando com celulares. Com isso, encontramos indícios da sociedade midiaticizada, contribuindo com a produção de materiais acerca do acontecimento.

O cidadão que melhor fez esse registro foi Messias de Souza Valdeci que vendeu as imagens para a *Rede Record* dos momentos mais próximos à cena do crime na noite de 29 de março de 2008. O material rendeu a segunda reportagem do dia 18 de abril anunciada por Freitas. Na cabeça lida pelo jornalista evidencia-se a autorreferencialidade, reforçando que se tratava de algo que somente a emissora tinha e que nem a polícia possuía:

Celso Freitas – Reportagem2- Cabeça1: “as cenas que você vai ver agora são exclusivas da Rede Record, mostram muito diálogos e detalhes que nem a polícia conhece”.

Imagem: apresentador em bancada.

Adriana Araújo - Cabeça2: “são trechos de uma gravação de dez minutos feita logo após a queda de Isabella Nardoni”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Reportagem 2-off1: “a câmera é ligada minutos depois de Isabella ser levada pelo resgate. Na primeira cena estão a mãe de Alexandre Nardoni, dona Aparecida e a irmã Cristiane. A melhor amiga dela, Natália e um parente identificado como Júnior. A avó está desesperada”.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci: “mata esse assassino. Covardia. Eles vão pegar. Se pegar, eu quero ele na minha mão”.

Com essa configuração, reforçamos que a midiaticização do acontecimento não aconteceu apenas por causa dos fatores internos dos meios tradicionais, mas dos externos,

representado pelo telespectador que registra o que considera importante. O cinegrafista amador gravou tudo sem ligar a luz da câmera e sem avisar que estava gravando. A situação era de não separação entre palco e platéia⁸, ou da distinção entre informação jornalística e telespectador. Além disso, isso reflete o que defende Fausto Neto (2008) com a passagem da passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade midiaticizada”.

O recurso da cena mais próxima do crime e exclusiva reforçou repetição ou redundância no JR, que exibiu em nove *offs*, um emendado ao outro, o que se passou instantes após a queda de Isabella. Nesse momento, constatamos a continuidade intensificada do acontecimento pelos *offs*, que teve a edição quebrada apenas com a manutenção do áudio original do material gravado por Valdeci. *Off1*: “a câmera é ligada minutos depois de Isabella ser levada pelo resgate. Na primeira cena, estão à mãe de Alexandre Nardoni, dona Aparecida, e a irmã, Cristiane. A melhor amiga dela, Natália, e um parente, identificado como Júnior. A avó está desesperada”.

O áudio original da gravação feita por Valdeci captou o que a mãe de Alexandre Nardoni disse naquela ocasião: “Mata esse assassino. Covardia. Eles vão pegar. Se pegar, eu quero ele na minha mão”. As imagens sem enquadramento exibiam algumas luzes; círculo feito pela edição da emissora em torno do rosto de Aparecida; outro círculo apontando Cristiane, e a amiga, Natália, atrás de Aparecida. Há um círculo em Júnior que permanece de costas, identificado como parente. Cristiane está atrás de Júnior que tenta segurar Aparecida.

As imagens de Valdeci mostravam algumas pessoas na rua em frente ao prédio; um PM conversando com Cristiane e tentando acalmá-la. A câmera fez o movimento de cima para baixo do prédio e mostrou a luz acesa do quarto de onde Isabella foi jogada. As imagens continham pessoas e viatura com giroflex ligado; Cristiane de costas, amiga e mãe juntas; garagem do prédio; várias pessoas na rua; sexto andar do *London* de cima para baixo; e a imagem final de pessoas na rua. As relações técnico-discursivas do acontecimento midiático do início ao final do *off* das imagens evidenciam o processo de repetição da informação e das imagens, mas em torno de enunciados distintos no espaço do micro-mercado discursivo configurado em torno do acontecimento, incluindo uma proximidade com o tempo zero que recorta o acontecimento. Se trata de documentos que mais aproximam o acontecimento midiático do acontecimento, fortalecendo o primeiro relativamente a ocorrência do segundo.

O *off2* mostrava as três caminhando em direção à entrada do prédio e o áudio é da voz de Maria Aparecida: “tem que matar. Que m... de edifício que não tem segurança”. O *off3*:

⁸ Conceituação de Mata (1992 apud GOMES, P., 2006).

“há pelo menos nove carros de polícia no local. Um PM que não é visto na imagem conversa com Cristiane, irmã de Alexandre”. A imagem exibida era de viaturas com o giroflex ligado e o áudio original da gravação feita por Valdeci é de um PM: “todo mundo pegou ela e levou para Santa Casa. Só isso”. Cristiane: “não, meu pai disse: ela morreu”. PM: “não, não é assim. Ninguém vai dar essa notícia por telefone”. Cristiane: “meu pai me ligou moço”. Na imagem de Cristiane havia um círculo para que pudesse ser identificada.

O *off4*: “pouco depois, alguém não identificado pergunta para o policial, se já encontraram o assassino”. O áudio original da gravação não identificada era com a pergunta: “conseguiram pegar?” Um PM respondeu: “a gente ta fazendo varredura no prédio, em tudo. Garagem”. Sem identificação: “mas não achou ainda?” e o PM disse: “por enquanto não. É que é muito andar e o síndico não tem chaves de todos. Têm muitos aí que ta para alugar. Tem 17 só, 18”. No *off5*, um policial buscou informações e um amigo da família se apresentou. O áudio original do PM: “quem que é parente? Uma pessoa que está mais calma para falar comigo? Eu: Rafael. Chega aí Rafael, chega aí para falar comigo”. Na imagem, Rafael se aproximou.

No *off6*: “Aparecida tenta falar com o filho por telefone na frente de um policial militar”. A imagem dela também tinha círculo para que pudesse ser identificada. No *off7*, a informação era: “ela parece lamentar a dor que o filho pode estar sentindo”, e o áudio original da gravação feita por Valdeci: “olha, eu faço qualquer coisa. Meu filho. Meu filho”. A imagem repetida era do *off* anterior. O *off8* finalizou o material exclusivo fornecido pelo cinegrafista amador: “Cristiane, irmã de Alexandre Nardoni e madrinha de Isabella, lembra os últimos momentos que passou ao lado da menina naquele sábado”. O áudio original da gravação do cinegrafista amador era de choro. *Off9*: “era uma menininha. Ela foi de tarde lá. Tava tão feliz. Me abraçou, me beijou”.

A reportagem com o vídeo do cinegrafista amador foi de Thaís Furlan que realizou a sua passagem - uma das operações técnicas em telejornalismo – redundando que se tratava do registro mais próximo do crime em um total de dez minutos gravados sem que ninguém percebesse. O discurso da repórter acentuou o processo de repetição ou redundância da informação. Ao final, novamente repetiu-se o áudio original da gravação de Valdeci com a frase dita pela mãe de Alexandre: “se pegar eu quero ele na minha mão”. A repetição ficou a serviço do diferencial com as imagens exclusivas do instante mais próximo à cena do crime, o que nos faz acreditar que a diferença acabou comprometida pela repetição.

O local da passagem foi o portão de acesso ao *London*, edifício do qual a menina foi jogada do sexto andar. Com relação às imagens sem enquadramento de Valdeci, além de ser

reflexo da midiaticização, em que indivíduos se incorporam na produção, significa a ruptura com padrões de imagem em telejornalismo que prioriza a qualidade e os enquadramentos. Mesmo existindo essa perspectiva, a emissora optou em construir o acontecimento valorizando o registro, independente da qualidade do material e dos ângulos captados.

Dando continuidade ao acontecimento midiático na segunda fase, a terceira reportagem do JR, que se pautou pelos comprovantes de que naquele dia – 18 de abril - estava prevista a festa de aniversário de Isabella associada. O enfoque da reportagem foi de linguagem emotiva com imagens exibidas da visita à lápide de Isabella dos avôs maternos, dos tios e de pessoas que nem a conheciam. Na seqüência, a repórter Cristiana Gomes contou sobre as homenagens de professores e colegas à Isabella, e no *off3*, ela expôs que: “eles fizeram uma oração e cantaram músicas que Isabella gostava”. O áudio original era de crianças e professores cantando: “sentir o que Jesus sentia”. Na imagem, algumas crianças estavam sentadas no chão rezando e, em pé, professores e alunos, que cantavam. A música e as crianças compõem a construção do acontecimento midiático pela linguagem textual e de imagem focadas na emoção. Esse ângulo que se repete na reportagem da Record e do JN – o emotivo – indica que o acontecimento midiático redundava em representar algo que o constitui como resultante das operações das instituições que o retomam como algo que está lá.

A reportagem foi finalizada no *off4* evidenciando a característica de reprodutibilidade (BABO-LANÇA, 2008), personificação⁹ e dramatização da mensagem deixada pela mãe Ana Carolina Oliveira no *Orkut*. Os trechos foram reproduzidos em sua totalidade, como podemos conferir no exemplo que segue:

“A morte não é tudo, não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu. Você é você. E a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos, permanece intocada, imutável, o que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. Chame-me pelo antigo apelido familiar. Fale de mim da maneira que sempre fez. Não mude o tom. Não use nenhum ar solene ou de dor. Ria como sempre fizemos das piadas que desfrutamos juntos. Brinque e sorria. Pense em mim. Reze por mim. Deixe que o meu nome seja uma palavra comum em casa, como foi. Faça com que seja falado sem esforço, sem fantasma ou sombra. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável, o que é esta morte se não um acidente desprezível. Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da

⁹ Traquina (2005) define personificação e dramatização como características pertencentes ao processo de construção do acontecimento.

visão. Estou simplesmente a sua espera, como num intervalo bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem.”

A continuidade ao acontecimento midiático foi dada com o *stand up* da repórter Thaís Furlan em frente à casa do pai de Alexandre Nardoni. Ao vivo, ela mostrou o isolamento do local pela polícia e os seguranças particulares da família. A informação foi de que o casal retornaria para casa depois do depoimento e a tentativa era de fazer com que o acontecimento permanecesse na tela.

4.3.3 Terceira Fase: Reportagem

A terceira fase do acontecimento no telejornal ficou ao cargo da própria apresentadora Adriana Araújo. Ela saiu da bancada e dirigiu-se à rua para coletar as impressões da população, o que reforçou que o acontecimento midiático era atípico à padronização. A abordagem de sua matéria consistiu na explicação de terapeuta sobre a mobilização e dos sentimentos despertados nas pessoas por causa do caso. Constatamos não apenas a perspectiva do tema repetição ou redundância, mas, inclusive da diferença na abordagem do acontecimento com a própria apresentadora coletando impressões do ocorrido pelas ruas, mesmo que o conteúdo explorado por ela tenha sido repetitivo.

O caráter de linguagem emotiva prosseguiu com o sentimento de revolta e de tristeza das pessoas. Essas formas foram adotadas para que pudesse ser mantido o acontecimento no ar, repetindo-o até o final do telejornal. É também uma marca transversal, pois, também no JN, o ápice é ângulo emocional sobre o acontecimento, no sentido de “luto social” perante a perda.

Outro viés da reportagem de Adriana foi o cuidado necessário para que não acontecesse um julgamento antecipado da opinião pública, porém, o encerramento foi com a enquete⁹: “não dá para aceitar. Desculpa fia”. A imagem era de uma senhora chorando que sai caminhando, enxugando lágrimas e abraçada à outra mulher, predominando o caráter emotivo e já de opinião pública a respeito do “Caso Isabella”.

Celso Freitas e Adriana Araújo encerraram o telejornal, convidando aos telespectadores para assistirem aos próximos programas, *Tudo a Ver*, que misturava jornalismo e entretenimento, e a novela, *Amor e Intrigas*. Faz parte da estrutura dos programas televisivos a ruptura de quadros de entretenimento com os de informação jornalística.

4.4 JORNAL DA BAND

O “Caso Isabella” é a principal manchete da escalada na **primeira fase** do acontecimento no Jornal da Band (JB). A **segunda fase** foi composta pela cabeça da reportagem inicial, que teve emendada a ela a segunda reportagem, intensificando a continuidade do acontecimento no ar. A finalização da segunda fase foi com a chamada ao vivo para o primeiro *stand up* de Márcio Campos. Depois da exibição de outros assuntos, aconteceu a **terceira fase** com chamada para o segundo *stand up* e a cabeça da terceira reportagem. As três fases num total de 7min58s revelam o micro-perfil do “Caso Isabella” no telejornal.

Entre os telejornais analisados, o JB não se utiliza da autorreferência na construção do acontecimento midiático em análise, o que fez da estratégia do programa um diferencial, dando a “impressão” que existe certo dever no apurar do acontecimento sem juízo de valor. De acordo com o Quadro 7:

Quadro 7 - Fases do acontecimento no Jornal da Band

JB
PRIMEIRA FASE M = indiciamento do casal.
SEGUNDA FASE Cabeça e primeira reportagem = indiciamento do casal. Segunda reportagem = manifestações de madrugada em frente à casa do pai de Alexandre e saída do casal até a delegacia. Chamada para primeiro <i>stand up</i> = sobre intervalo nos depoimentos.
TERCEIRA FASE Chamada para segundo <i>stand up</i> = possível prisão do casal e continuidade dos depoimentos. Cabeça e terceira reportagem = homenagens no dia do aniversário de Isabella.

Fonte: Elaborado pela autora

As descrições e analogias da construção do acontecimento midiático no JB serão desenvolvidas na seqüência. Para isso, estabelecemos o roteiro das fases que nos permitem fazer referências às questões e às proposições que orientam essa investigação.

4.4.1 Primeira Fase: Manchete

O JB também começou a abordagem ao “Caso Isabella” na primeira fase com manchete na escalada. Ricardo Boechat: “a polícia indicia o pai de Isabella pelo assassinato da filha”. As imagens eram de Nardoni descendo as escadas, escoltado pela polícia e entrando em viatura protegido por escudos. A continuidade do acontecimento foi quebrada com outras manchetes.

4.4.2 Segunda Fase: Reportagens e *Stand up*

Na segunda fase do JB, Ricardo Boechat leu a cabeça da primeira reportagem repetindo a informação do indiciamento: “a polícia indiciou hoje o pai de Isabella Nardoni pelo assassinato da filha. A madrasta também será acusada pelo crime”.

A segunda reportagem foi exibida direto dando continuidade a primeira reportagem sem intervenção dos apresentadores com leitura de cabeça. A perspectiva abordada era sobre a movimentação de madrugada em frente à casa dos pais de Nardoni e o deslocamento do casal até a delegacia. A reportagem teve também informações da segurança montada pela polícia para proteger o casal e da rua para que os jornalistas e curiosos pudessem ficar no local de maneira organizada. Na segunda reportagem do acontecimento, no *off2*, constava que:

Reportagem 2 - Off2: *“por volta de dez da manhã, o casal tentou deixar a casa, mas o tumulto era grande e ele desistiu. Reforço policial teve de ser chamado. A polícia fez um cordão de isolamento e o GOE – Grupo de Operações Especiais protegeu o casal com escudos. A madrasta de Isabella apareceu bastante aflita e chorando. Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá chegaram à delegacia para prestar depoimento por volta das onze e meia. Na rua, muitas pessoas com cartazes gritavam: ‘assassinos’. A rua foi isolada. A imprensa ficou em local restrito. Até banheiro químico foi levado para as pessoas que queriam acompanhar o depoimento. Lugares estratégicos foram disputados. O primeiro a depor foi Alexandre Nardoni acompanhado de três advogados. Amanhã será a vez do pai e da irmã de Alexandre prestar depoimento. Os laudos foram entregues para a polícia na madrugada. O instituto de criminalista concluiu que não havia uma terceira pessoa na cena do crime. Que uma toalha e uma fralda foram usadas para limpar os ferimentos de Isabella antes dela ser jogada do apartamento, que os fragmentos de nylon encontrados na camiseta de Alexandre Nardoni eram da tela de proteção por onde Isabella foi jogada, e que o sangue achado no apartamento era mesmo da menina. O laudo do IML afirma que antes dela ser jogada, ela sofreu uma tentativa de esganadura. Isabella ocorreu em decorrência da queda por politraumatismo. Com o impacto, ela teve uma asfixia agravada e uma embolia pulmonar, quando a circulação de sangue no pulmão é interrompida. Rodrigo Hidalgo de São Paulo para o Jornal da Band”.*

Imagens: *portão da garagem sendo aberto; vários cinegrafistas e curiosos; aérea de tumulto; carro entrando novamente na garagem; pessoas gritando “assassinos”; aérea*

mostrando policiais, isolando o acesso a casa; GOE protegendo casal com escudos; madrasta à frente chorando; viaturas pelas ruas; Alexandre Nardoni escoltado por policiais saindo da viatura, Anna Carolina Jatobá sai atrás dele; pessoas com cartazes gritando na rua: “assassinos”; rua isolada; banheiros químicos; pessoas; câmeras em laje; Alexandre Nardoni entrando na delegacia escoltado por vários policiais; Cristiane e Antônio Nardoni na sacada de casa; peritos na janela e sacada do edifício; jardim do London, quando peritos faziam a simulação da queda; tela de proteção rasgada em desenho; colchão do quarto em que Isabella foi atirada; fotografia da menina; viatura da polícia; boneca caída no jardim; grades do edifício; recurso gráfico percorre as grades do edifício até a imagem de boneca que simula Isabella caída no jardim.

Nesses fragmentos, observamos que o JB opta pela informação utilizando, como o JG, o termo indício e informações sobre os laudos. Na construção do *off* teve repetição das imagens das pessoas com cartazes chamando o casal de “assassinos”. O grafismo televisual do telejornal simulou passo a passo o momento misterioso que resultou na morte de Isabella. Também houve preocupação na construção do acontecimento midiático com a manutenção do áudio original e das imagens das pessoas que gritavam “assassinos”. A continuidade ao caso foi dada com a chamada de Boechat para o primeiro *stand up* no telejornal.

Ricardo Boechat – *“o repórter Márcio tem novas informações sobre o assassinato da menina Isabella. Márcio o depoimento de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella já começou?”*

Imagens: *fechada em Boechat e depois tela divide com rosto dele e do repórter.*

Stand up1 – Márcio Campos: *“olha Boechat, ainda não começou e não tem previsão para início. Agora há pouco, os delegados resolveram fazer uma parada no interrogatório de Alexandre. Já são sete horas e 25 minutos de perguntas e respostas, porém, o cansaço foi maior. Os dois delegados, o promotor e os três advogados pararam conjuntamente com o indiciado para um lanche. A expectativa é que dentro de 30 minutos eles retornem para a sala da delegada e recomecem o interrogatório que não tem hora para terminar. O depoimento de Anna Carolina também deve durar o mesmo tempo. Após o interrogatório dela, a delegada deve fazer uma acareação entre Alexandre e Anna Carolina”.*

Imagens: *repórter e aérea em frente à delegacia.*

Ticiano Villas Boas: *“e ainda nesta edição do jornal, mais informações sobre o Caso Isabella”.*

A informação repassada por Campos no *stand up* foi de que estava sendo feito um intervalo no interrogatório de Alexandre Nardoni e que não tinha começado o depoimento de Anna Jatobá. Ele explicou como estava acontecendo o intervalo e informou da perspectiva da retomada do depoimento. Não houve repetição da informação jornalística.

O telejornal seguiu com outros acontecimentos. Da continuidade, o “Caso Isabella” passou para a descontinuidade na construção do acontecimento midiático que somente foi retomada na terceira fase antes do encerramento do telejornal.

4.4.3 Terceira Fase: *Stand up* e Reportagem

Depois de o JB exibir outros acontecimentos preparados para aquela edição, ocorreu a retomada da continuidade dada ao “Caso Isabella”. Márcio Campos foi chamado para a sua segunda entrada ao vivo por meio do *stand up*:

Boechat: *“vamos conversar com Márcio Campos que está na zona norte de São Paulo, na delegacia que concentra as investigações sobre o assassinato da menina Isabella. Márcio, o pai de Isabella, Alexandre Nardoni ainda está depondo. Ele pode ter a prisão dele decretada novamente ao fim desse depoimento?”*

Imagens: *fechada em Boechat; dividida tela entre Boechat e Campos.*

Stand up2 – Márcio Campos: *“olha Boechat se ele e a madrasta confessarem que cometeram algum crime. A polícia pode sim decretar a prisão e a justiça decretar a prisão do casal. Há uma tentativa de jurisprudência nesse caso. Existe uma análise por parte da polícia. Se após os interrogatórios, a polícia pediria novamente uma prisão temporária. Ainda há uma dúvida porque eles já passaram por uma prisão temporária, e o Tribunal de Justiça ainda não julgou a liminar que os colocou de volta na rua. O depoimento, o interrogatório de Alexandre recomeçou exatamente agora, depois de sete horas e vinte e cinco minutos, todos pararam para um lanche, e agora, retornaram para a sala da delegada, onde permanecem interrogando Alexandre Nardoni. Esse interrogatório ainda não tem horário para terminar. De São Paulo, Márcio Campos para o Jornal da Band”.*

Imagens: *repórter; do alto de uma laje em frente à delegacia; entrada da delegacia com policiais fazendo a segurança; repórter.*

O apresentador já situou o telespectador de que o depoimento continuava e procurou trazer informações em seu questionamento para o repórter de uma possível prisão ou até

confissão do casal. Nesse caso, a repetição da continuação do depoimento não foi negativada na perspectiva da nossa compreensão. Ao contrário, ela mostrou que o repórter ao vivo estava em prontidão realmente para trazer algo novo a quem assistia com informações de hipóteses jurídicas possíveis envolvendo o casal.

Posterior ao segundo *stand up*, a terceira reportagem foi linguagem emocional por causa do aniversário da menina e das homenagens na escola. O *off2* continha caráter emotivo intensificado, principalmente por mostrar as crianças que eram colegas de Isabella: “a primeira escola que Isabella estudou, os amigos organizaram uma oração. No colégio onde estava matriculada, os funcionários não conseguiram conter a emoção”. As imagens começaram fechadas numa menina rezando; aberta em crianças orando sentadas no chão da sala; aberta da fachada do colégio e de fotos de Isabella em cartaz com colegas.

A entrevista com a educadora, Leonora Lisboa Homem, contou como a menina era na escola: “ela vinha, beijava, abraçava”. A imagem era da professora chorando e subindo a escada. O *off3* mostrou a movimentação na casa da mãe de Isabella. A passagem de Fernanda Bak: “a mãe da menina nem dormiu em casa hoje. Passou o dia do aniversário da filha reclusa. Só saiu no início da manhã para visitar o túmulo de Isabella”. Na seqüência, foi reproduzida parcialmente a mensagem da mãe na rede social:

Reportagem3 - Off4: *“a única manifestação de Ana Carolina Oliveira aconteceu pela internet. Neste site de relacionamentos ela publicou um texto em homenagem à filha, dizendo que Isabella será eterna e que a morte não é tudo, não é o final. E os recados na página já ultrapassam cem mil. Quem presta apoio de perto a Ana Carolina é Massataka Ota. Ele também perdeu o filho, Ives Ota, tinha oito anos, quando foi assassinado”.*

Imagens: *fotografia do rosto de Isabella sorrindo em frente piscina; outra fotografia de Isabella; página do Orkut grifada a frase “a antiga vida que vivemos, permanece intocada, imutável”; “A morte não é tudo. Não é o final”; Massataka Ota; fotografia de Ives.*

Nesse *off* observamos fortemente a reprodutibilidade (BABO-LANÇA, 2008) da mensagem da internet para a televisão sem se deter na mensagem pela íntegra como ocorreu nos outros telejornais estudados. O JB foi o que menos usou a mensagem da mãe, detendo-se na característica do grau da experiência (QUÉRÉ, 2005) através de Massataka Ota, que perdeu o filho também em situação de violência contra criança.

O *off6* tratou da resposta que todos esperam do caso e exibiu a imagem de Tainá, de três anos, no colo do avô. A sonora5: “você brincava com Isabella?” “Brincava. Ela ta com o

papai do céu”. O encerramento da reportagem teve a criança que emociona e era muito inocente até mesmo para saber ao certo o que estava acontecendo. Na imagem, o avô ajudou a menina a responder a pergunta da repórter.

4.5 REDETV NEWS

O RedeTV News (RTVN)¹⁰ inicia-se com a manchete sobre o caso na **primeira fase**. O micro-perfil revelou oito reportagens e dois *stand ups* num total aproximado de 12m10s. Na **segunda fase**, a seqüência foi com reportagem, entrada ao vivo e sete reportagens uma emendada à outra. Nessa fase, explorou-se de maneira acentuada a continuidade ao assunto. A terceira fase contou com a cabeça e exibição da oitava reportagem. Por fim, o encerramento da **terceira fase** ocorreu com a chamada para o segundo *stand up*. As fases do acontecimento no RTVN estão no Quadro 8.

Quadro 8 - Fases do acontecimento no RedeTV News

RTVN
PRIMEIRA FASE Manchete = indiciamento do casal.
SEGUNDA FASE Cabeça e primeira reportagem= deslocamento do casal até a delegacia. Chamada para primeiro <i>stand up</i> = sobre depoimentos. Cabeça e segunda reportagem = laudos periciais. Cabeça e terceira reportagem = possíveis punições. Cabeça e quarta reportagem = homenagens no dia do aniversário de Isabella. Cabeça e quinta reportagem = caso de menina morta pelo padrasto. Cabeça e sexta = história semelhante com final diferente ao de Isabella. Cabeça e sétima reportagem = desentendimento entre o casal e explicação de terapeuta.
TERCEIRA FASE Cabeça e oitava reportagem = deslocamento do casal até a delegacia e mobilização. Chamada do segundo <i>stand up</i> = continuidade dos depoimentos e laudos periciais.

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida, iremos nos deter às descrições e analogias da construção do acontecimento midiático no RTVN. Para isso, estabelecemos o roteiro das fases que nos permitem fazer referências às questões e às proposições que orientam essa investigação.

¹⁰ O RedeTV News (RTVN) é o mais novo telejornal da televisão brasileira no sistema de canal aberto analisado nesta pesquisa. Em 22 de agosto de 2008, o programa substituiu o extinto Jornal da TV! Atualmente, o RTVN é apresentado por Augusto Xavier e Rita Lisaukas e vai ao ar às 21h, de segunda-feira a sábado.

4.5.1 Primeira Fase: Manchete

O indiciamento do pai e da madrasta foi manchete no RTVN na primeira fase do telejornal. Depois, foram apresentadas outras manchetes o que revela a descontinuidade ao assunto.

Augusto Xavier: “polícia decide indiciar pai e madrasta por homicídio”.

Imagens: apresentador na bancada; Anna Jatobá saindo da casa do pai de Alexandre abraçada por advogado e protegida por escudo.

Rita Lisauskas: “a decisão leva milhares para as ruas”.

Imagens: apresentadora na bancada; de cima de uma laje da viatura da polícia cercada por curiosos, policiais e jornalistas.

Xavier: “movimentação teve momentos de revolta e de dor”.

Imagens: apresentador na bancada; pessoas protestando e gesticulando os braços para cima.

Rita: “mas também mostrou imagens constrangedoras e apelativas”.

Imagens: apresentadora na bancada; homem fantasiado de árabe com pessoas à volta gesticulando e gritando. Uma delas segura um bolo de aniversário.

Rita: outras manchetes.

Imagem: bancada.

Xavier: “o RedeTV News volta já”.

Imagens: apresentador na bancada.

Vinheta.

O anúncio da manchete dividida entre os dois apresentadores revela o formato de “jogral”, o qual somente dá sentido ao construído quando as duas falas se unem para dar completude à informação. Ao darem a manchete, eram exibidas imagens do que se anunciava. Já na manchete, o RTVN aparentava uma postura mais crítica na construção do acontecimento midiático.

4.5.2 Segunda Fase: Reportagens e *Stand up*

Na segunda fase, a primeira reportagem tratou do indiciamento, depoimento e deslocamento do casal. A construção do acontecimento midiático foi do mais atual para o

menos atual ao considerarmos a cronologia de manhã até a noite, horário de exibição do telejornal. Xavier leu a cabeça: “o Caso Isabella: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá são oficialmente suspeitos pelo crime. No dia dos mais longos depoimentos do pai e da madrasta, a polícia decidiu indiciar o casal por homicídio”. A informação evitou o tom acusatório ou de julgamento antecipado, e a confirmação se deu pela sonora do delegado-chefe, Aldo Galeano.

A passagem de Fernanda Balsalobre era sobre o interrogatório de Alexandre Nardoni e a chegada complicada no distrito policial. As imagens eram à noite da repórter diante das grades de isolamento colocadas pela polícia e havia policial atrás dela na imagem exibida. Após a reportagem, ocorreu a chamada para o primeiro *stand up* que ocorreu da delegacia, o mesmo local de onde repórter Fernanda Balsalobre gravou a sua passagem de vídeo:

Rita Lisaukas – Chamada do Stand up 1: “nós ‘vamo’ agora ao 9º Distrito Policial na zona norte de São Paulo onde estão concentradas as investigações do caso. Ao vivo o repórter Emerson Tchalian tem mais informações. Boa noite, Tchalian! A madrasta da Isabella, Anna Carolina Jatobá já está depondo?”

Imagens: apresentadora na bancada dividida entre Rita no estúdio e Tchalian em frente ao distrito policial.

Stand up1 - Emérson Tchalian: “boa noite Rita! Boa noite Augusto! Está sim. O interrogatório de Anna Carolina Jatobá começou por volta das oito horas da noite, portanto, já dura mais de uma hora. Começou logo após o fim do interrogatório de Alexandre Nardoni. Anna Carolina está respondendo a todas as perguntas, mas a informação que a gente tem é que ela chora e chora muito. O interrogatório de Alexandre durou oito horas e neste período, Anna ficou em uma sala separada e pegou no sono duas vezes. Alexandre continua aqui na delegacia, no 9º Distrito Policial, mas está agora em uma sala separada. Na sala do interrogatório estão sete pessoas. O delegado titular, Calixto Kalil Filho, a delegada assistente, Renata Pontes, o promotor Francisco Cembranelli, dois advogados de defesa, um escrivão, e é claro, Anna Carolina Jatobá. A previsão é que o interrogatório de Anna se estenda por toda a madrugada e daqui a pouco nos voltamos aqui do 9º Distrito Policial na zona norte de São Paulo com mais informações. Eu volto ao estúdio”.

Imagens: à noite do repórter com dois policiais em seu lado esquerdo ao fundo; pessoas sentadas nas cadeiras conversando; luzes de câmeras de outras emissoras ligadas; equipamentos de televisão; policiais que vigiam o local separado pelas grades de proteção; fachada da delegacia; mesmas pessoas novamente; repórter.

Depois da entrada ao vivo de Tchalian, a segunda reportagem trouxe detalhes da morte de Isabella explicados por meio de grafismo televisual - uma técnica recorrente - narrados por Marcelo Rezende. Da bancada, Xavier apresentou a cabeça: “e os laudos examinados pela polícia esclareceram que fontes importantes do crime como o que causou a morte de Isabella”.

No *offl* foram exibidos os detalhes da conclusão da polícia num tempo médio de oito segundos para cada explicação com o desenho congelado na tela, considerado bastante em televisão para uma imagem parada. Há grafismo televisual em meio plano de um homem escrito: “Não há terceiro plano” (oito segundos); o fundo amarelo e as gotas de sangue em vermelho escrito “Sangue encontrado no apartamento era de Isabella” (oito segundos).

Nesse sentido, o grafismo, na RTVN, é distinto dos telejornais anteriores. O recurso de desenho foi usado pela emissora ao mostrar Isabella sentada no chão e sendo esganada, escrito: “Isabella foi esganada durante três minutos e sofreu parada respiratória” (17 segundos); a toalha e a fralda sujas de sangue escrito: “Fralda e toalha tinham sangue de Isabella” (11 segundos); e o desenho em cinza de Alexandre jogando Isabella pela janela, com a frase: “Isabella já estava desmaiada quando foi jogada” (oito segundos). Também foi exibido o desenho de Isabella caindo com a frase “Causa da morte: politraumatismo” (sete segundos).

O grafismo televisual muito utilizado na reportagem dessa fase, porém, as imagens dos desenhos ficavam paradas na tela por mais de cinco segundos, e como já comentamos anteriormente, esse tempo é considerado muito para uma imagem ficar parada em quadro na televisão. Rita lembrou que mesmo que fosse comprovada a culpa do pai e da madrasta de Isabella, o caso pode demorar mais de três anos só para começar a ser julgado. O *offl* tratou da possibilidade de o júri do casal ser popular e da pena de 12 a 30 anos de prisão. Para cobrir o *off* ocorreu repetição das imagens do prédio, da perícia e do casal. O presidente da Comissão de Direito Criminalista/Ordem dos Advogados do Brasil, José Fernando da Costa, foi entrevistado numa tentativa de contraponto a comoção das pessoas: “a sociedade está revoltada, mas o Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça, hoje, decidem com muita tranquilidade que o clamor público não é requisito de prisão preventiva”.

A quarta reportagem referiu-se à visita da mãe ao cemitério sem nenhum registro. As imagens e o texto revelavam que pessoas desconhecidas e os avôs prestaram homenagens à criança. Todas essas imagens eram aéreas. Patrícia Biasi fez a passagem em frente à casa dos pais de Ana Carolina:

Passagem – Patrícia Biasi: “ao contrário do que aconteceu nas proximidades do 9º Distrito Policial e de onde mora a família Nardoni, na casa da mãe de Isabella, o movimento foi tranqüilo durante todo o dia, apesar do clima de muita tristeza. Até o início da noite, Ana Carolina Oliveira não tinha voltado para casa”.

Imagem: à noite, repórter em frente à casa dos avôs maternos sem pessoas na rua.

No *off2*, com apelo para a linguagem emotiva, ela relatou a homenagem da mãe no *Orkut* com a reprodução parcial da mensagem: “a morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. O texto é tradução de um poema escrito por um padre inglês, em 1810”. Nesse *off*, o caráter emocional personificado¹¹ revelou a dor da mãe que, mesmo em momento difícil, consegue buscar palavras que demonstrem o amor e o sofrimento que ela estava sentido com a falta da filha.

Na busca pelo diferencial na construção do acontecimento midiático do “Caso Isabella”, o RTVN fez outra construção abordando o caso de um pai que sofreu com morte da filha por padrasto na quinta reportagem. Esse caso foi divulgado apenas pela emissora. A tentativa de construção do RTVN foi de adoção de uma postura mais crítica em relação à cobertura do “Caso Isabella” por outras emissoras, inclusive, com a entrevista do taxista que tinha transportado há dois meses a madrasta de Isabella e ouviu queixas dela sobre a enteada. No *off1* continha que: “o taxista ainda se emociona ao visitar o túmulo da filha. Ela foi asfixiada pelo padrasto quando tinha quatro anos, em 1992. O crime foi presenciado pela mãe. Os dois foram condenados pela justiça”.

A imagem do taxista era desfocada e fechada nos olhos dele e de costas junto ao túmulo da filha. A imagem começou mais fechada e, depois, aberta para outros túmulos no cemitério, retornando ao rosto dele sem foco. A repórter perguntou: “como você se sente hoje em vir a esse cemitério? Ele respondeu: “eu sinto um pouquinho de saudades”. A passagem de Cintia Gasques em frente ao táxi revelou: “o fato de ter uma história parecida com a da menina Isabella, levou o taxista procurar a polícia para prestar depoimento. Há dois meses, ele fez uma corrida para a madrasta, Anna Jatobá”.

¹¹ Um dos valores-notícia definidos por Traquina (2005).

No *off2*, Cintia abordou que em uma conversa informal durante o trajeto, o taxista contou o que havia acontecido com a filha dele, o que teria incentivado Anna a comentar da enteada. As imagens eram do táxi percorrendo as ruas:

Sonora2 - sem identificar fonte: “ela contou que tinha ciúmes da menina. Comentava que ele não dava atenção para ela e nem para as crianças. Só dava atenção para ela”.

Repórter: “só para a Isabella?”

Entrevistado: “só para a Isabella”.

Imagem: dentro do taxi sem identificar o entrevistado.

Off3: “segundo o taxista, a madrasta de Isabella disse que resolveria o problema”.

Imagem: é mais fechada no taxista mesmo sem identificá-lo.

Sonora3: “ela não agüentava mais e disse que um dia ia tomar uma decisão, mas também nem esperava essa decisão”.

Imagem: dentro do táxi.

O RTVN especulou em torno do caso com a história do taxista, o que acabou sendo uma estratégia diferente na abordagem do acontecimento e a revelação de experiência (QUÉRÉ, 2005). A entrevista sem revelar a fonte foi uma maneira de manter o acontecimento no ar e, conseqüentemente, torná-lo repetitivo. Xavier abordou a atenção que o “Caso Isabella” despertou na opinião pública e lançou o questionamento: “mas como explicar para pais e crianças que vêm, nesse caso, uma violência contra a família? Veja agora, uma outra situação como essa, mas que teve um final feliz”.

No mesmo modelo de construção do acontecimento, o telejornal prosseguiu com a exibição dos relatos de Maria e Tainá na sexta reportagem: “uma história de amor que começou há dois anos. Tainá vivia nas ruas, vendia balas, pedia esmolas, e quando voltava para casa, à mãe usuária de drogas, retribuía da pior maneira possível”. A história que poderia ter o mesmo desfecho de Isabella outra tentativa de abordagem diferenciada ao mesmo tema que se tornou repetitivo no telejornal na construção do “Caso Isabella”.

A finalização da segunda fase do caso abordou no *off1* da sétima reportagem que “Alexandre e a madrasta de Isabella viveram crises freqüentes de ciúmes. Em depoimento à polícia, Anna Jatobá admitiu ter desentendimentos com a mãe de Isabella, por conta de ciúmes do marido. Mas para este psicólogo, o sentimento não serve de justificativa para atos violentos ou até crimes”.

Mais uma vez, repetiu-se a mesma imagem de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá descendo a escada da casa de Antônio Nardoni. Ainda foram exibidas outras imagens deles entrando em um veículo; de policiais em frente ao 9º Distrito Policial; da viatura saindo do distrito, cercada por policiais e jornalistas; da fachada do portal do Morumbi identificando o 89º Distrito P; à noite, da porta que dá acesso à delegacia; do rosto do entrevistado, abrindo nele mesmo, e depois, para o repórter.

A reportagem seguiu com a entrevista de Ailton Amélio da Silva explicando que: “se a pessoa tem muito ciúmes e até um desequilíbrio psicológico, a soma dos dois é que leva ao crime”. Esse viés era uma tentativa de compreensão (QUÉRÉ, 2005) do caso a partir de especialistas do campo da psicologia.

4.5.3 Terceira Fase: Reportagens e *Stand up*

A terceira fase do caso no RTVN ocorreu com a oitava reportagem, o telejornal atribuiu à polícia a repercussão do acontecimento. Xavier: “continua a ocupação da polícia na vontade de aparecer. A repercussão do Caso Isabella proporcionou cenas e emoções de todo o tipo em frente à casa dos Nardoni e também do 9º Distrito Policial. Muita gente confundiu tragédia com espetáculo”. Aqui, como no JR e JSBT aparece à referência ao espetáculo como marca do acontecimento.

O apresentador tenta creditar à polícia algo que o próprio telejornal estava contribuindo. No *offl* dessa reportagem foi informada a confusão desde a manhã com a saída do casal. A passagem de Rodrigo Cabral contou que “ninguém se deixou vencer pelo cansaço, pelo contrário, à medida que o tempo foi passando, o número de curiosos aumentou em frente à delegacia. Pessoas de todas as idades que não se cansam de pedir justiça no caso da menina Isabella”. A imagem era do repórter em frente ao distrito policial, de policiais e muitas pessoas com cartazes, pedindo justiça. A responsabilidade pela mobilização foi atribuída à polícia, reforçando incoerência de interpretação. Rita chamou o segundo *stand up*:

Rita Lisaukas: “*e vamos voltar ao vivo no 9º Distrito Policial onde o repórter Émerson Tchalian tem as últimas informações sobre o caso Isabella. Tchalian, a Anna Carolina Jatobá continua depondo?*”

Imagem: *apresentador na bancada; tela dividida entre apresentador e repórter.*

Stand up2 – Émerson Tchalian: “*continua sim Rita. O interrogatório já dura quase duas horas e Alexandre também permanece aqui no 9º Distrito Policial. Amanhã, depõem aqui*

mesmo nono distrito, o pai de Alexandre, Antônio Nardoni, e a irmã, Cristiane Nardoni. Os depoimentos acontecem às quatro horas da tarde. E os laudos, as informações dos laudos do Instituto de Criminalística começam a dar mais detalhes sobre a morte de Isabella. Os peritos encontraram sangue de Isabella dentro do carro, na cadeirinha do bebê, no assoalho, e também no acento e eles também encontraram sangue no hall de entrada do prédio. Os pais Alexandre, e Carolina, teriam usado uma fralda e um pano para limpar a menina. A informação que a gente recebe também, de acordo com os peritos, é que o pai e a madrasta estavam no apartamento no momento em que ela foi jogada do sexto andar. Voltamos aos estúdios do RedeTV News”.

Imagem: repórter em frente ao distrito policial em área cercada.

Augusto Xavier: outros acontecimentos.

Tchalian repetiu o que tinha dito dos laudos e que o depoimento de Anna continuava sem mais detalhes. O apresentador Augusto Xavier informou outros acontecimentos para depois encerrar o telejornal. O não término do programa com o “Caso Isabella” fez com que a estratégia fosse diferenciada.

4.6 JORNAL DO SBT

O micro-perfil do “Caso Isabella” no Jornal do SBT (JSBT)¹² já revela, **na primeira fase**, o acontecimento midiático na manchete com exibição de imagens do casal. Do início ao final do programa foram em torno de 12 minutos de construção do acontecimento midiático. Da manchete, os apresentadores Chyntia Benini e Carlos Nascimento iniciaram a segunda fase de midiaticização no telejornal, chamando o primeiro *stand up* de Ana Volpi.

Na seqüência, ocorreram a primeira reportagem, o segundo *stand up*, e as chamadas com as respectivas segunda e terceira reportagens, e o terceiro *stand up*. Ao total, a **segunda fase** teve três *stand ups* e três reportagens com intensificação da continuidade do acontecimento midiático. A quebra contínua ocorreu com a abordagem de outros acontecimentos pelo JSBT. A retomada ao “Caso Isabella”, aconteceu na **terceira fase** com o quarto *stand up*, mas devido às gravações terem sido feitas com um único aparelho receptor não foi possível gravá-lo. O Quadro 9 revela as fases do acontecimento no JSBT.

¹² O Jornal do SBT (JSBT) é exibido em horário variado a partir da meia-noite. A apresentação é de Carlos Nascimento e Cynthia Benini. A estréia do telejornal aconteceu em 20 de maio de 1991, quando era comandado por Lilian Witte Fibe.

Quadro 9 - Fases do acontecimento no Jornal do SBT

JSBT
PRIMEIRA FASE Manchete = indiciamento do casal.
SEGUNDA FASE Chamadas para o primeiro <i>stand up</i> = depoimentos. Primeira reportagem = detalhes dos depoimentos e dos laudos e entrevistas, por telefone, com Alexandre Jatobá e Cristiane Nardoni. Segundo <i>stand up</i> = tentativa de entrevista com a mãe de Ana Carolina de Oliveira, que não se concretizou. Cabeças e segunda reportagem = deslocamento do casal até a delegacia e mobilização das pessoas. Cabeças e terceira reportagem = homenagens no dia do aniversário de Isabella. Chamada do terceiro <i>stand up</i> = detalhes dos laudos.
TERCEIRA FASE Chamada do quarto <i>stand up</i> = não foi possível gravá-la.

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida, iremos nos deter às descrições e analogias da construção do acontecimento midiático no JSBT. Para isso, estabelecemos o roteiro das fases que nos permitem fazer referências às questões e às proposições que orientam essa investigação.

4.6.1 Primeira Fase: Manchete

Carlos Nascimento e Cynthia Benini manchetearam o “Caso Isabella” e começaram o telejornal com o indiciamento do casal na primeira fase. A imagem era dos dois apresentadores na bancada. Antes de ler a manchete, Nascimento lembrou que o telejornal estava ao vivo e com todas as informações do caso. Num primeiro momento, durante a manchete, foram exibidas imagens dos apresentadores em bancada, mas assim que eles iam lendo as informações surgiam imagens do casal.

Carlos Nascimento: “boa noite! O Jornal do SBT está ao vivo com todas as informações do Caso Isabella”.

Imagem: fechada nos dois apresentadores.

Cynthia Benini: “o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá deixou de ser suspeito”.

Imagens: Alexandre e Anna saindo de casa protegidos por policiais e abraçados pelos advogados.

Nascimento: “eles agora são acusados do crime”.

Imagem: Alexandre em primeiro plano no meio de dois policiais.

Repórter- Ana Volpi: “os policiais ainda estão ouvindo o depoimento de Anna Carolina Jatobá”.

Cynthia: “no dia em que seria aniversário da menina Isabella, tristeza”.

Imagens: Isabella na escola com outros colegas; imagem dos colegas desfocada e a dela com um retângulo destacando a sua imagem; Isabella e colegas em apresentação na escola; professora enxuga lágrima.

Vinheta.

Outras manchetes.

Vinheta.

De forma autorreferente, a manchete do JSBT foi anunciada: “[...]. O *Jornal do SBT* está ao vivo com todas as informações do Caso Isabella [...]”. Cynthia Benini informou: “o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá deixou de ser suspeito”, e Nascimento: “eles agora são acusados do crime”.

O JN informou que o casal foi indiciado, uma função de inquérito policial, que é diferente de dizer: “acusados”, uma função de promotoria. Ora, na medida em que a instituição desloca do indiciamento para acusação, ela assume esse lugar de promotoria. Essa é a diferença na forma de dizer. O JN mantém o discurso jurídico policial, portanto, informativo representacional. O JSBT produz um deslocamento, onde a instituição se evoca em um lugar diverso do representacional.

A manchete já indica o desenrolar da narrativa: o dispositivo que articula acontecimento e acontecimento midiático neste dia. O mesmo acontece em outros telejornais com o processo de indiciamento, protestos sociais e manifestações de luto social.

Já no começo do JSBT, um diferencial na construção da manchete que também contou com informações da repórter Ana Volpi, que a completou dizendo “os policiais ainda estão ouvindo o depoimento de Anna Carolina Jatobá”. Ela entrou ao vivo na manchete direto da delegacia. A continuidade do caso foi quebrada com o anúncio de outras manchetes da escalada.

4.6.2 Segunda Fase: *Stand ups* e Reportagens

Assim que é exibida a vinheta do telejornal, já na segunda fase, Nascimento chamou o primeiro *stand up* de Ana Volpi novamente direto da delegacia, tendo na tela a imagem do

apresentador e da repórter, que informou sobre o que a madrasta fez durante o dia enquanto Nardoni depunha. Conforme segue:

Cynthia Benini – Cabeça 1- stand up1: “Ana Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni são culpados do assassinato de Isabella Nardoni. É essa a conclusão da polícia”.

Imagens: os dois apresentadores na bancada.

Nascimento – Cabeça 2 e chamada stand up1: “os dois já foram indiciados em inquérito, mas Anna Carolina Jatobá ainda presta depoimento no 9º Distrito Policial. Vamos agora ao vivo falar com a repórter Ana Volpi que está em frente à delegacia. Ana, boa noite! Quando é que vai terminar o depoimento?”

Imagens: recorte do rosto de Nascimento ao lado do recorte do rosto da repórter.

Stand up1 – Ana Volpi: “boa noite, Nascimento! A previsão é que o depoimento termine às 4 horas da manhã. Ela começou a ser ouvida pelos policiais às 8 horas da noite, depois de Alexandre Nardoni. Durante o dia Anna Carolina ficou em uma sala. Ela comeu normalmente e chegou a dormir. Neste momento, quem está na sala é Alexandre Nardoni acompanhado pelos policiais. A informação é que ele está assistindo televisão. A polícia usou algumas estratégias para ouvir o casal”.

Imagens: em frente à delegacia.

Na chamada há um duplo deslocamento. Não são acusados, mas culpados (a culpa abrandada), e, depois, se diz que são indiciados. Emendado ao primeiro *stand up* estava o *off1* da primeira reportagem que revelou a estratégia policial de comover o pai da menina com fotos desde o nascimento até os últimos dias de vida. Isso também ocorreu com a madrasta. *Off1:* “na sala onde ela estava uma tevê ficou ligada o tempo todo no noticiário sobre o caso”.

A construção do acontecimento midiático foi reforçada por *links* sequenciais entre apresentadores e a repórter, que começou a participar do processo desde a manchete, e assim que Ana Volpi fez a sua inserção ao vivo no telejornal tem emendado a ela a primeira reportagem, sem a quebra usual com a leitura de cabeças da reportagem pelos apresentadores. A estratégia técnico-discursiva do JSBT trouxe nesse modelo diferencial de midiatização do acontecimento a sensação de que tudo estava ocorrendo *just in time*, ou seja, naquele exato momento, dando a entender que o telespectador não estava tendo perdas de atualização do acontecimento. Isso na verdade foi uma estratégia possibilitada pela tecnologia aliada à técnica, porém, o acontecimento foi “destrinchado” sem algo novo a ser dito de fato, pois o gancho principal de indiciamento e depoimentos já tinha sido divulgado.

A estratégia técnico-discursiva do telejornal na primeira reportagem consistiu também na abordagem de um momento não explorado pelos telejornais – a exibição pela polícia de álbuns de família de Isabella - as fotos não foram mostradas na reportagem e repetiu-se a fotografia aberta do rosto da menina sorrindo até fechar mais próximo no próprio rosto dela. Prevalece a personalização¹³ de Isabella de maneira mais intensa e da madrasta enquanto aguardava a sua vez de depor. O grafismo televisual serviu para ilustrar o depoimento de Alexandre Nardoni com as posições na sala do escrivão, da delegada, do assistente, do promotor, do próprio Alexandre Nardoni e dos advogados. Outro desenho mostrado foi de Anna Jatobá sentada em frente à tevê que exibia informações do caso, o que acabou por ser um diferencial em meio às operações técnicas.

O repórter Celito Esteves abordou na sua passagem – operação técnica em telejornalismo que consiste no repórter no local do ocorrido informando algo que não possui imagem ou que seja de extrema relevância - o depoimento composto por 50 perguntas baseadas nos laudos do Instituto Medido Legal (IML) e do Instituto de Criminalística. Esteves fez a passagem na delegacia à noite, o mesmo lugar que Ana Volpi gravou passagem e fez *stand ups*.

A primeira sonora – operação técnica que consiste na entrevista - do diretor de Polícia Civil, Aldo Galeano, trazia que: “o caso já está praticamente solucionado. As autoridades vão discutir as qualificadoras”. A declaração do delegado foi técnica envolvendo as ações na área jurídica.

O *off3* reiterou a inexistência de dúvidas da polícia de que o pai matou a filha. Nesse *off*, recorreu-se às mesmas imagens da entrevista do diretor da Polícia Civil; aérea de muitos policiais conduzindo Alexandre Nardoni até ao distrito policial e de uma fotografia do rosto de Isabella. Mais uma vez, o recurso do desenho foi usado para mostrar a janela de onde a menina foi arremessada, do sexto andar e da sacada do edifício *London*. Outras imagens eram de manchas de sangue sendo periciadas com equipamento, das fachadas do IML e do instituto de criminalística; de Alexandre entrando abaixado na viatura com escudos da polícia; da fotografia de Isabella e toda a cronologia do crime em desenhos e fotografias. Nesse conjunto, percebe-se a instituição policial: “O caso já está praticamente solucionado. As autoridades vão discutir as qualificadoras”, que entrou num espaço discursivo de “soluções imediatas”, sem a passagem pelas várias fases do processo de julgamento.

¹³ Um dos valores-notícia definidos por Traquina (2005).

A midiaticização priorizou a compreensão da cena do crime com a exploração de desenhos e da compreensão do momento que envolveu o mistério do acontecimento midiático. Outra estratégia de distinção do telejornal foi dar espaço para o pai da madrasta, Alexandre Jatobá, e para a irmã de Alexandre Nardoni, Cristiane. Ambos por telefone. Jatobá disse que tudo o que estava sendo divulgado na mídia não era verdade e que eles eram inocentes. A imagem era do rosto do pai de Anna e dela caminhando em frente da casa, após a liberdade da prisão temporária.

Por telefone – Alexandre Jatobá – Pai de Anna Carolina Jatobá: “alguns meios de comunicação como a imprensa escrita, têm veiculado no dia de hoje, que a nossa Isabella teria derrubado o Cauã e por conta disso houve um surto em minha filha. Isso é uma coisa irresponsável, sobretudo de uma irresponsabilidade cruel, cruel senhor jornalística. Porque veja bem, o nosso neto encontra-se em perfeitas condições, não tem nenhum arranhão”.

Imagens: recorte do rosto de Alexandre Jatobá; Anna Carolina caminhando na frente de casa.

No *off4*, Cristiane por telefone contava: “a reação da minha mãe foi de muita comoção. A gente tá muito triste, o que mais a gente faz é pedir a Deus para que nos ajude a mostrar quem realmente fez isso com a Isabella, quem foi esse monstro. Porque nós temos certeza da inocência deles”. No *off5*, Cristiane pediu respeito à família. Os depoimentos de Alexandre Jatobá e Cristiane, representando a família sustentaram a versão fantasiosa iniciada na noite do crime por Alexandre Nardoni, o que era um fator desencadeador da mobilização de curiosos, de pessoas indignadas e, especialmente, da mídia.

A preocupação do JSBT em trazer as falas do pai da madrasta e da irmã de Nardoni evidencia o contraponto um pouco mais ampliado, mesmo que assumindo e compartilhando discursos da própria polícia, indiciando o casal e divulgado a inexistência de dúvidas quanto à autoria do crime. A segunda entrada ao vivo de Ana Volpi, também na segunda fase do caso no JSBT, trouxe a informação da conversa com a mãe de Ana Carolina Oliveira, que não quis gravar entrevista. A jornalista também faz auto-referência à equipe do telejornal ao dizer que:

Stand up2 – Ana Volpi – São Paulo: “e agora à noite a nossa equipe de reportagem conversou por telefone com a avó materna de Isabella, mãe de Ana Carolina Oliveira, ela não quis gravar entrevista, mas informou que a filha ainda não voltou ao trabalho e que neste momento está na casa de amigos. Rosa também não quis comentar o indiciamento do pai de Isabella e da madrasta. Nascimento!”. (grifo nosso)

Imagens: recorte do rosto de Nascimento ao lado do recorte do rosto da repórter.

Nascimento: “obrigado, Ana Volpi!”

Imagens: atrás dele na bancada no canto esquerdo é de uma tela com o rosto de Isabella.

A repórter temporalizou o acontecimento midiático informando ao telespectador que a tentativa de entrevistar a mãe de Isabella tinha sido “agora à noite”, o que significa que ela pontuou que se tratava de um passado recente tendo em vista que o telejornal estava no ar por volta da meia noite. O “a nossa equipe de reportagem” reforça a característica de autorreferenciar do JSBT, sobretudo, os profissionais que nela trabalham com o intuito de garantir a credibilidade da informação repassada.

A segunda reportagem da segunda fase foi construída sob aspecto da comoção das pessoas que foi um dos recursos bastante explorados para a repetição do acontecimento no telejornal. Nascimento: “gritos, manifestação e até agressão. Uma multidão esperava os depoimentos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá nesta sexta-feira”. A imagem era do apresentador na bancada. Atrás dele em seu canto esquerdo uma tela com imagem do rosto de Isabella. Cynthia: “na casa do pai de Alexandre Nardoni, a imprensa e os curiosos até invadiram a garagem”. Atrás da imagem de Cynthia existiam duas telas com várias imagens sendo exibidas distintas de telejornais.

No *off2*, a repórter pergunta ao profissional autônomo, Sérgio de Oliveira, de onde vem tanta disposição para ficar de pé durante horas? As imagens exibidas eram de pessoas fotografando e gravando com celulares e máquinas, um aspecto “histórico” da sociedade midiaticizada. E ele respondeu: “tô aqui, talvez assim, para levantar a moral, entendeu. Para evitar de isso acontecer novamente com outra criança”.

No *off3* da segunda reportagem constava que: “parecia um espetáculo. O melhor lugar era de quem estava sempre nas alturas. Trabalhando, espiando pela janela, ou na laje que aqui virou camarote ao preço de R\$ 700,00 e fonte de renda para a dona do salão que hoje deixou de ser de beleza”. A cabeleireira Jerry Magalhães foi entrevistada e o *off4* abordou a estrutura montada para a imprensa com tenda e banheiros químicos. A entrevista com o delegado do Grupo de Operações Especiais, Luiz Antônio Pinheiro, apontava que: “nosso intuito é exatamente evitar qualquer tipo de bagunça”. A repórter dá conotação de entretenimento ao acontecimento midiático, chamando o casal de personagens principais da história:

Off5: “mas quando o carro que trouxe os personagens principais dessa história se aproximou. Não teve jeito. Ameaças e mais insultos. Alexandre Nardoni é o primeiro a descer. Anna Carolina vem depois. Passam a tempo de ouvir mais gritos”. **Imagens:** aéreas

da viatura que levou Alexandre e Anna, fechada na viatura e da saída do carro de Alexandre e Anna”.

Imagens: *aérea da viatura que levou Alexandre e Anna; fechada na viatura e saída do carro de Alexandre e Anna.*

Passagem – Bianca Vasconcellos: *“18 de abril não foi uma data escolhida por acaso. Hoje, Isabella completaria seis anos. A estratégia do delegado foi tentar sensibilizar o casal durante o depoimento num dia que seria de festa para a família”.*

Imagens: *repórter em frente à delegacia de dia.*

Off6: *“nesta data querida (áudio original). **O circo armado** (grifo nosso). A data não passou em branco. Foi lembrada com balões, algodão doce, bolo e fantasias de gosto duvidoso. Mas o que esperar de quem se convidou, para o que não era exatamente uma festa. Imagens: fantasiado de árabe com bolo na mão; balões, algodão doce, bolo e fantasiado de Roberto Carlos com fotografia de Isabella na mão escrito em preto “Luto”; pessoas gritando nome de Isabella”.*

Imagens: *fantasiado de árabe com bolo na mão; balões, algodão doce, bolo e fantasiado de Roberto Carlos com fotografia de Isabella na mão escrito em preto “Luto” e pessoas gritando nome de Isabella.*

Com a exibição da reportagem de Bianca Vasconcellos, observamos que ela também atribuiu o acontecimento a um espetáculo que, para ela, teve Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá como personagens principais. O acontecimento para além da informação jornalística foi reforçado pelo tratamento dado na reportagem, destacando a mobilização de pessoas fantasiadas que se direcionaram até o distrito policial para comemorar um aniversário impossível de ser comemorado. A construção da narrativa indica que o acontecimento midiático está desenhado por um ápice de informação deslocado para o julgamento, a acusação, as passionalidades e o luto.

Em seguida, Cynthia repetiu o que Bianca já tinha informado: “Isabella Nardoni teria completado seis anos nesta sexta-feira, dando início à terceira reportagem. Nascimento complementa: “a data foi lembrada pela família e pelos amigos de escola, e até por quem não conhecia a menina”. O *off1* foi trabalhado com caráter emotivo, dramático e personificado: “Isa para os colegas. Oliveira para as professoras. Isabella Nardoni também era sonhadora. Tão nova, já queria ser uma grande bailarina”.

No *off2* da reportagem Luiz Bacci repete: “nesta sexta-feira, Isabella completaria seis anos”. Bacci faz a sua passagem no mesmo tom de comoção na sala de aula, enquanto alunos

e professores rezavam: “Isabella estudou neste colégio, na zona norte de São Paulo, durante um ano. Em 2006, o aniversário foi como de uma criança qualquer. Hoje, os coleguinhas lembram a data diferente. Invés de parabéns, orações e músicas religiosas”. A imagem ao final da passagem era dos colegas rezando. A entrevista com a diretora, Elenice dos Santos, contava as perguntas das crianças sobre o aniversário de Isabella. O *off3* falava sobre o cemitério com a visita dos familiares, e o *off4*, era da mensagem na íntegra de Ana Carolina na internet, mas com uma trilha musical fúnebre. As imagens exibidas foram da página da mãe no *Orkut* com algumas palavras do poema grifadas; fotografias de Isabella sozinha e com a mãe; imagens da menina em movimento nas apresentações na escola fantasiada e música fúnebre ao fundo. A mesma mensagem está reproduzida na página 69.

Dando continuidade ao acontecimento midiático, Nascimento anunciou pela terceira vez na segunda fase o *stand up*: “vamos agora **voltar ao vivo** na delegacia no centro de São Paulo e perguntar a Ana Volpi sobre novas informações da perícia. Foram reveladas hoje?” (grifo nosso):

Stand up3 - Ana Volpi: “foram sim, Nascimento. O Jornal do SBT apurou que foi encontrado sangue dentro do carro de Alexandre Nardoni (grifo nosso). Os peritos também concluíram que o rastro de sangue no apartamento indica que Isabella foi carregada e jogada pela janela. E também há a informação que havia sangue no chinelo de Alexandre Nardoni na noite do crime. O sangue é de Isabella. A perícia também concluiu que a marca no pescoço de Isabella é do tamanho da mão da madrastra Anna Carolina Jatobá. Daqui a pouco nós voltamos ao vivo aqui no 9º Distrito Policial com mais informações. Nascimento”.

No terceiro *stand up*, realizou-se a autorreferencialidade do JSBT com destaque mais uma vez para a apuração da equipe para dar credibilidade à informação e repetiram-se dados dos laudos periciais abordados numa das reportagens.

4.6.3 Terceira Fase: *Stand up*

A terceira fase do JSBT a respeito do “Caso Isabella” concretizou-se com a quarta entrada ao vivo da repórter, a qual não foi gravada porque as captações foram realizadas com um único aparelho receptor. Em seguida, o telejornal foi encerrado.

4.7 ANÁLISES TRANSVERSAIS

A transversalidade inicial que observamos entre os seis telejornais analisados refere-se à primeira fase do acontecimento midiático na manchete. De forma unânime, Jornal Nacional (JN), Jornal da Globo (JG), Jornal da Record (JR), Jornal da Band (JB), RedeTV News (RTVN) e Jornal do SBT (JSBT) manchetearam o “Caso Isabella”. Nenhum dos telejornais deixou de midiaticizar o assunto como o principal da edição de 18 de abril de 2008, o que revela o poder de construção do acontecimento midiático tido como o mais importante pelos programas.

A manchete dividida em formato de jogral ocorreu no JN, JSBT e RTVN fazendo com que a mesma tivesse sentido apenas com a junção de frases. No JSBT, além dos apresentadores também teve a participação da repórter na fase da manchete. No JB, a manchete foi dada apenas por um dos apresentadores, e no JG, antes da manchete um dos apresentadores fez um comentário sobre o assunto para que a outra apresentadora desse a manchete. Usualmente, o formato do JR é de divisão da manchete entre os dois apresentadores, porém, como as gravações foram obtidas por um único aparelho receptor, não conseguimos gravá-la.

O começar da edição de cada um dos telejornais já revelam operações de repetição ou redundância e de diferença nas construções do acontecimento midiático. Nessa primeira fase ocorreu a autorreferencialidade no JN, quando William Bonner mancheteou: “nossos repórteres mostram como o trabalho da polícia levou a este desfecho”. No JG, Christiane Pelajo apresentou que: “nossos repórteres têm acesso ao laudo dos peritos do Instituto de Criminalista de São Paulo e eles concluíram que havia sangue de Isabella Nardoni em três pontos do carro do pai e as marcas no pescoço da menina são compatíveis com as mãos de Anna Carolina Jatobá”. E no JSBT, Carlos Nascimento disse: “boa noite! O *Jornal do SBT* está ao vivo com todas as informações do Caso Isabella”.

Assim que a manchete - primeira fase – foi dada existe um processo descontínuo do acontecimento, pois naturalmente existiam outros acontecimentos para serem midiaticizados. Após as vinhetas, iniciou-se a segunda fase com os apresentadores informando o “Caso Isabella” como o primeiro acontecimento da edição. Na segunda fase, duas operações técnicas compuseram as construções dos telejornais: *stand up* e reportagem.

O *stand up* aconteceu no JN com o indiciamento e depoimento do casal, e no JSBT, sobre os depoimentos de Anna Carolina Jatobá que acontecia naquele momento, e de Alexandre Nardoni, que já tinha terminado. Embora a operação técnica fosse repetida nos dois telejornais, o conteúdo foi diverso, o que resulta numa diferença de construção. O JN

trabalhou com a informação mais atualizada, e o JSBT, com o depoimento, que já tinha acontecido de Nardoni, e de Anna Carolina Jatobá, que estava em andamento.

No JG, JR, JB e RTVN, as construções iniciais foram por meio da reportagem. Esse procedimento permitiu que se acentuassem as diferenciações em cada telejornal, sobretudo, de conteúdos informativos. O JG exibiu reportagem do indiciamento do casal com base em laudos periciais. O JR, a reportagem do deslocamento do casal até a delegacia e a mobilização das pessoas. No JB, a reportagem foi acerca do deslocamento do casal até a delegacia, e no RTVN, do indiciamento do casal.

4.7.1 Fases

As fases do acontecimento nos telejornais foram distribuídas entre primeira, segunda, terceira e quarta. A maior concentração da construção do acontecimento ocorreu na segunda fase, significando que uma operação técnica foi emendada a outra, fazendo com que o caso estivesse mais tempo no ar de maneira contínua. Quando eram divulgados outros acontecimentos, ocorria o descontínuo do acontecimento.

O JG deveria ter sido elaborado em três fases, mas por problemas técnicos de áudio, o primeiro *stand up*, que era para ter sido exibido na segunda fase, ocorreu na terceira. O adiamento da entrada ao vivo da repórter forçou um novo *stand up* e, conseqüentemente, uma nova fase no JG - a quarta - que acentuou a repetição tanto da operação técnica quanto da informação. No primeiro *stand up*, Carla Modena informou que continuava o depoimento de Anna Carolina Jatobá, que existia a possibilidade de acareação com Alexandre Nardoni, e que muitos curiosos estiveram no local. No segundo *stand up*, ela tratou da previsão de término do depoimento da madrastra, da acareação e do indiciamento.

O JN, JG e JB tiveram duas reportagens na segunda fase. O JR três reportagens e um *stand up*. O RTVN sete reportagens e um *stand up*, e o JSBT, três *stand ups* e três reportagens. O mapeamento das operações técnicas nos telejornais ocorre no quadro abaixo (Quadro 10), possibilitando a compreensão das fases, os critérios das subdivisões na sua totalidade, e o revelar do micro-perfil dos programas.

Quadro 10 - Fases do acontecimento nos telejornais

	JN↓	JG↓	JR↓	JB↓	RTVN ↓	JSBT↓	
PRIMEIRA FASE	M	M ¹⁴	M ¹⁵	M	M	M	
DESCONTÍNUO							
SEGUNDA FASE	CH/S1 C/R1 C/R2	C1C2/R1 CH/S1 ¹⁶ C/R2	C1C2/R1 C1C2/R2 C1C2/R3 CH/S1	C/R1 R2 CH/S1	C/R1 CH/S1 C/R2 C/R3 C/R4 C/R5 C/R6 C/R7 ¹⁷	CH1CH2/S1 R1 S2 C1C2/R2 C1C2/R3 CH/S3	C O N T Í N U O
DESCONTÍNUO							
TERCEIRA FASE	C/R3 C/R4 CH/S2	CH ¹⁸ /S1	C1C2/R4 ¹⁹	CH/S2 C/R3	C/R8 CH/S2	CH/S4 ²⁰	C O N T Í N U O
		DESCONTÍNUO					
QUARTA FASE	CH/S2						

Fonte: Elaborado pela autora

Legendas: M= Manchete; CH = Chamada; C = Cabeça; S=*Stand up*; R = Reportagem.

Na terceira fase, os telejornais retomaram o “Caso Isabella” perto do encerramento sendo um dos acontecimentos do penúltimo ou último bloco no RTVN, no JB e no JG, ou para terminar o programa, como aconteceu no JN e no JR, como tema final abordado. A dúvida fica se o JSBT encerrou ou não a edição com o caso em questão. Como fizemos a gravação com único aparelho receptor, não conseguimos ter o quarto *stand up* anunciado, o qual pode ter acontecido em qualquer momento do último bloco, inclusive, como tema final.

¹⁴ William Waack começou o JG com informação sobre o indiciamento do casal, seguido de comentário a respeito da comoção em torno caso que, segundo ele, foi por causa do horror da vítima ser de quem deveria protegê-la. Depois, foi dada a manchete com foco nos laudos periciais.

¹⁵ O assunto foi manchete no JR, porém, devido à gravação ter sido feita com um único aparelho receptor, não foi possível gravá-la.

¹⁶ O JG iniciou a segunda fase com chamada da repórter para o primeiro *stand up*. Por problemas técnicos, não foi possível a realização do mesmo. Na sequência do telejornal foi dada a segunda reportagem. Após finalização da reportagem, aconteceu o *stand up*.

¹⁷ Não foi possível gravar a cabeça da sétima reportagem do RDTV porque a captação foi feita com único aparelho receptor.

¹⁸ A chamada do *stand up* não foi gravada pelo motivo já citado – gravação com único aparelho receptor.

¹⁹ Não foram gravadas as cabeças da quinta reportagem porque a gravação se deu com único aparelho receptor.

²⁰ O último *stand up* do JSBT não foi gravado porque a gravação foi com um único aparelho receptor.

4.7.2 Autorreferência

A autorreferência esteve presente na terceira fase do JN quando Fátima Bernardes disse: “os repórteres Maurício Ferraz e César Tralli conseguiram obter detalhes exclusivos dos laudos”. Tralli também contribuiu com esse processo ao citar em seu *off* que “os laudos do Instituto de Criminalística são assinados por quatro peritos e, segundo fontes consultadas pelo *Jornal Nacional*, esses laudos indicam que Alexandre Nardoni, o pai de Isabella, jogou a menina pela janela do sexto andar”. Fátima destacou a apuração dos repórteres do JN e Tralli reforçou as fontes consultadas pelo telejornal, enfatizando a credibilidade do dispositivo. Ao final do JN, os apresentadores convidaram para que apurações **exclusivas dos seus repórteres** (grifo nosso) fossem conferidas no JG.

Já na manchete do JG – primeira fase – Christiane Pelajo anunciou: “o grande destaque hoje do Jornal da Globo é o laudo que traz detalhes surpreendentes sobre a morte de Isabella. Novas peças. Nossos repórteres têm acesso ao laudo dos peritos do Instituto de Criminalista de São Paulo [...]”. Na segunda fase, William Waack: foi a partir do conjunto de laudos técnicos **obtidos com exclusividade por nossos repórteres** que a polícia resolveu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato da menina Isabella Nardoni que hoje faria 6 anos de idade”.(grifo nosso)

No JR, a autorreferencialidade surge de outro modo: já na primeira fase o repórter Lúcio Sturm mostra a cobertura do telejornal do “Caso Isabella” e de outros veículos sem identificá-los. Também na segunda fase do JR, Celso Freitas de maneira autorreferente informou que: “as cenas que você vai ver agora são exclusivas da Rede Record, mostram muito diálogos e detalhes que nem a polícia conhece”.

A autorreferencialidade foi para além do telejornal, envolvendo a emissora como um todo. Tratava-se de reportagem feita pelas imagens do cidadão Messias de Souza Valdeci, que registrou o momento mais próximo da cena do crime, com imagens exclusivas da mãe e da irmã de Alexandre Nardoni. Por um lado, essa construção foi um diferencial no telejornal. Por outro, a operação técnica do *off* repetido nove vezes com quebra pelo áudio original da avó e da tia de Isabella Nardoni, de um outro parente e mais de um policial revela a redundância de conteúdo que teve como foco explorar o desespero vivenciado por elas naquela noite.

No JSBT, a autorreferencialidade já começou na primeira fase com a manchete. “[...] O Jornal do SBT está ao vivo com todas as informações do Caso Isabella [...]”. Na segunda fase, com o *stand up* de Ana Volpi também configurou-se a autorreferencialidade: “[...] E agora à noite **a nossa equipe de reportagem** conversou por telefone com a avó materna de

Isabella, mãe de Ana Carolina Oliveira, ela não quis gravar entrevista [...]”. No terceiro *stand up* do JSBT, Ana Volpi retoma a autorreferencialidade dizendo: “[...] O Jornal do SBT apurou que foi encontrado sangue dentro do carro de Alexandre Nardoni”.

No JR, a autorreferencialidade surge de outro modo: já na primeira fase o repórter Lúcio Sturm mostra a cobertura do telejornal do “Caso Isabella” e de outros veículos sem identificá-los. Além disso, Sturm optou em sua reportagem pela construção textual e de imagem do acontecimento como se fosse um espetáculo. “*Off2*: **algodão doce, sorvete, pipoca**. O distrito policial se preparou para o **espetáculo**. Banheiros químicos, cadeiras de plástico em frente à entrada principal, e grades de proteção”. (grifo nosso)

Por outro lado, é feito o registro: “o distrito policial se preparou para o **espetáculo** [...]”, de que o acontecimento se transforma em um acontecimento midiático, pois protagonistas diversos se colocam em cena, “como se” num set de filmagem. Nessa reportagem encontramos a diluição do acontecimento em entretenimento, comprometendo a objetividade da informação jornalística.

Ao exemplo do que fez o JR, o JSBT trabalhou o acontecimento na perspectiva do espetáculo que teve Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá como personagens principais. No *off3* da segunda reportagem constava que: “parecia um espetáculo. O melhor lugar era de quem estava sempre nas alturas [...]”.

4.7.3 Outras Operações Diferenciais

O JB não faz autorreferência na construção do acontecimento midiático e a repetição da operação técnica do *stand up* teve uma preocupação em situar o telespectador com informações atualizadas. No primeiro *stand up*, Márcio Campos informou sobre os intervalos nos depoimentos, e no segundo, possível prisão do casal e continuidade dos depoimentos. O apresentador Ricardo Boechat teve papel importante no processo de dar a informação atualizada para o telespectador, evitando a redundância: “[...] Márcio, o pai de Isabella, Alexandre Nardoni ainda está depondo. Ele pode ter a prisão dele decretada novamente ao fim desse depoimento?”. A atuação do apresentador em bancada foi diferentemente de outros veículos que os repórteres entraram ao vivo para dizer que o depoimento continuava. Boechat já antecipou que continuava o depoimento e procurou que o repórter desse uma nova informação.

O RTVN também não construiu o acontecimento midiático na perspectiva autorreferencial. Já na primeira fase, percebe-se uma tentativa de crítica à mobilização em

torno do “Caso Isabella”, principalmente, dos curiosos. Augusto Xavier: “polícia decide indiciar pai e madrasta por homicídio”. Rita Lisauskas: “a decisão leva milhares para as ruas”. Xavier: “movimentação teve momentos de revolta e de dor”. Rita: “mas também mostrou imagens constrangedoras e apelativas”.

Todos os telejornais deram na manchete – primeira fase – da construção do acontecimento o indiciamento do casal, o que configura o jogo de proximidade temporal ao acontecimento. No entanto, a partir da segunda fase as diferenças de construção começam a se configurar. Na primeira fase do JN, a construção voltou-se para o depoimento e deslocamento do casal; do JG, o indiciamento e o deslocamento do casal; JR, o deslocamento e o registro mais próximo à cena do crime feita por cinegrafista amador; o JB, indiciamento e mobilização das pessoas de madrugada em frente à casa do pai de Alexandre Nardoni; o RTVN, o deslocamento do casal e os laudos periciais; o RTVN, o deslocamento do casal e o depoimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento desta pesquisa buscamos compreender as relações técnico-discursivas com o acontecimento midiático. A pergunta que nos acompanhou nessa etapa foi em que medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância, e diferença – são reproduzidos e transformados nos processos de construção do acontecimento midiático? Nosso ponto de partida era a proposição de que pode ter sido estabelecido um modelo redundante ou repetitivo nos telejornais, eliminando uma possível diferença na construção do acontecimento midiático.

Isso ocorre, quando observamos as incidências das operações técnicas no discurso telejornalístico, com o acontecimento midiático se repetindo em todas as manchetes dos telejornais e com a construção por operações técnicas que se repetiam como o *stand up* e a reportagem. Para chegarmos a essa conclusão tínhamos como objetivo mapear uma coleção de operações técnico-discursivas do telejornalismo, a partir do material exibido de 18 de abril de 2008 com análises empíricas e transversais.

O segundo momento realizado centrou-se nas relações entre operações técnico-discursivas e acontecimento midiático. Para verificarmos essas perspectivas nos perguntamos como as operações técnico-discursivas de redundância ou repetição e da diferença incidem sobre a construção do acontecimento midiático? A proposição era de que as operações técnico-discursivas do telejornalismo, ao comprometer o discurso da diferença, romperam com os valores da objetividade jornalística. A melhor compreensão dessa situação é quando nos atemos à temporalização do acontecimento midiático que ficou presente desde o início até o final dos telejornais, acentuando a repetição de operações técnicas.

O terceiro momento é o das relações entre operações técnico-discursivas e circulação. A pergunta era o que há de singular nas operações técnico-discursivas nos telejornais, considerando o invariante referencial “Caso Isabella”? A nossa proposição era de que homogeneidade das operações técnico-discursivas indica um tipo de institucionalização da linguagem, resultante da circulação do acontecimento midiático. Nosso objetivo foi identificar analogias e diferenças nas operações técnico-discursivas comparando os seis telejornais, a partir de um invariante referencial.

Nessa etapa, verificamos um maior potencial de diferença, sobretudo, ao fazermos relações entre os telejornais analisados. O Jornal Nacional com a repórter ao vivo e reportagem dos detalhes exclusivos dos laudos com a característica de autorreferencialidade para a apuração da equipe do programa. O Jornal da Globo ao dar seqüência a estratégia

iniciada pelo *Jornal Nacional* de autorreferencialidade para apuração e exploração do grafismo televisual nos laudos. O diferencial no Jornal da Globo ocorreu por causa do problema técnico de áudio ou forçou a operação técnica repetitiva do *stand up* com a informação jornalística sem mais novidades em frente à delegacia a não ser que o depoimento prosseguia? Para obtermos respostas mais exatas talvez tenhamos que explorar com mais precisão a diferença na construção do acontecimento midiático do “Caso Isabella”.

O movimento teórico-empírico possibilitou que amadurecêssemos a pesquisa sobre repetição ou redundância e reconhecêssemos a possível diferença mesmo que ela dependesse de mais estudos. Tivemos o movimento teórico que buscou aproximação com o diferenciar do acontecimento midiático e o de entender a problemática intra-midiática com a circulação, o que revelou mais condições de distinção entre os diversos telejornais. E o que dá conta disso é justamente a circulação. O Jornal da Record pontuou essa questão ao exibir material do cinegrafista amador, que se inseriu no processo de construção do acontecimento ao transformar o social em midiático.

Em contrapartida, o Jornal da Band já situava o telespectador pelo próprio apresentador de que a inserção ao vivo do repórter era uma tentativa de especular as possibilidades futuras para o casal indiciado. O “depoimento continua” era fala do apresentador, tentando fazer com que a apuração do repórter fosse para além da informação de que o depoimento continuava, tentando trazer algo novo como se espera de uma entrada ao vivo durante a exibição de um telejornal.

A continuidade do acontecimento já na manchete promoveu a interação entre os próprios apresentadores que dividiram a construção e fizeram com que ela somente tivesse completude pela fala de ambos. Essas matrizes são sensibilizadas no sentido de buscar a diferença embora tenhamos mantido o intra nos telejornais como suporte para análise da diferença ou da repetição no ponto de vista do formato.

Nas análises empíricas compreendemos que mesmo diante da existência da estruturação dos telejornais a partir dos formatos ou das arquiteturas compartilhadas, pode haver o espaço para distinção. Essas questões foram indiciais em nossa pesquisa e devem ser encaminhadas para explorações futuras. Além disso, precisamos compreender com maior particularização a diferença em cada telejornal. Por outro lado, essas questões afloraram no processo de pesquisa porque a repetição ou redundância funcionou como marcador de espaço no tempo de dizer e de tematização do acontecimento.

Em quê medida isso afeta o construir do acontecimento? O acontecimento deixa de estar no social e passa ao midiático já realizado pelas operações técnicas e, inclusive, pelo

processo de circulação. O acontecimento social retorna as próprias lógicas de produção, transformando-se pela processualidade midiática e pelas lógicas do espetáculo abordadas pelo Jornal da Record. O Jornal do SBT também fez construções com a lógica do espetáculo. A operação técnica do *stand up* foi usada quatro vezes com informações sobre os depoimentos, detalhes dos depoimentos e dos laudos, entrevistas com familiares do casal e repetição dos detalhes dos laudos.

Numa tentativa de olhar crítico à cobertura e à mobilização das pessoas por causa do “Caso Isabella”, o RedeTV News já na manchete demonstrou a tentativa de construção diferenciada. No entanto, o telejornal acabou sufocado pela construção, fazendo com que o diferencial ficasse próximo das demais construções, com a esfera social comprometida por lógicas de espetáculo, da instituição policial se atoricizando, e principalmente, as pessoas como atores e produtores.

O cinegrafista amador que vendeu suas imagens mais próximas à cena do crime para a Rede Record, uma instituição midiática, foi o cidadão que mais se envolveu nesse processo. Nesse sentido, há uma série de casos que se transformam por processualidades midiáticas. Numa terceira dimensão entre os telejornais, comparando, a diferença reaparece também evidente nas relações inter-midiáticas, pois observamos que para uma arquitetura de repetição há uma série de nuances, um conjunto de outras operações de linguagem como a de autorreferencialidade. A questão em jogo é a de aprofundarmos a diferença nos formatos que se repetem nos telejornais, buscarmos a genealogia desse formato e estabilização nos telejornais, o que até então não foi desenvolvido suficientemente.

A repetição ou redundância funcionou como marcador para a construção técnica diferenciada nos telejornais, ou seja, uma mesma informação passou pela manchete, *stand up* e reportagem, numa tentativa de mostrar como se fosse o novo com formatos diferentes. Essa compreensão possui duas perspectivas – linguagem que poderia ser textual ou de áudio e de imagens ou de vídeo. A repetição ou redundância textual funcionou como entrave e impedimento para informação jornalística objetiva baseada no novo e inédito a ser propagado pelo acontecimento midiático.

O repetir ou redundar das imagens, principalmente das fotografias de Isabella comprometeu um conceito chave em televisão que é justamente o de encaixe entre vídeo e áudio. A incidência dessa prática fez com que o fazer do ofício do telejornalismo apresentasse rupturas dos padrões e normas canônicas, levando o acontecimento midiático para um prolongamento contínuo desde o início do telejornal com o seu anúncio na manchete até o encerramento de cada programa. Para percebermos essa perspectiva, é necessário

compreendermos a lógica do próprio telejornalismo: se naturalmente repetimos uma imagem, o risco de redundância da informação é intenso, tendo em vista que elas são conjunturais.

Algumas operações técnicas que se diferenciaram como a reportagem e o *stand up* tiveram o tratamento pelo repetir ou redundar do acontecimento. A começar pelo tempo, pois geralmente em telejornalismo, uma reportagem bastante explorada tem uma média de dois minutos no Brasil. No “Caso Isabella” além de reportagens com tempo superior a média máxima de dois minutos, a construção ateu-se no desmembramento do acontecimento pelo entorno, o que aumentou significativamente as chances do repetir ou redundar. Um exemplo dessa questão foi quando o repórter do Jornal da Record exibiu em reportagem o lucro de moradores que alugaram espaços de suas casas ou locais de trabalho para emissoras que fizeram a cobertura do caso próximo à delegacia. No mesmo telejornal, o gancho da comemoração nas ruas do aniversário de Isabella atribuindo a construção ao tema espetáculo, por causa da infra-estrutura montada pela polícia e pela mobilização das pessoas que saíram às ruas fantasiadas.

O Jornal Nacional teve na operação técnica do *stand up* o marcador da repetição e da redundância não apenas pela técnica, mas pelo conteúdo apresentado ao telespectador. Do início ao final do telejornal o depoimento continuava. A singularidade buscou a exclusividade da emissora com o acesso aos laudos, que acabaram na esfera da repetição do acontecimento com a exploração dos detalhes revelados pela equipe do *Jornal Nacional*.

O Jornal da Globo também se valeu do *stand up* para ser o diferencial da cobertura. A imagem da repórter sempre em frente à delegacia e a informação da continuidade do depoimento reforçaram a repetição ou redundância do acontecimento midiático. Mais que o Jornal Nacional, o Jornal da Globo trabalhou com os laudos periciais exibidos em detalhes pelo grafismo televisual. O problema técnico de áudio forçou o telejornal até a quarta fase, lembrando que tivemos como critério para a definição das fases a continuidade e descontinuidade do acontecimento midiático. Na quarta fase, o segundo *stand up* sobre a continuidade do depoimento da madrasta.

Consensualmente, todos os telejornais trabalharam com as características de acontecimento¹. A primeira característica identificada nos telejornais estudados sobre o “Caso Isabella” é a revelação de um campo problemático, por causa da violência contra criança dentro de casa provocada pelo pai e pela madrasta. A origem do acontecimento é social

¹ Ver referencial teórico no Capítulo 2 – Aportes Teóricos e Conceituais.

intensificada pela desestruturação de uma família com predominância das características de inversão, infração e imprevisibilidade.

O grau de experiência ocorre com a entrevista feita pelo Jornal da Band com Massataka Ota, pai de Ives, assassinado aos oito anos porque reconheceu o seqüestrador, que era ex-segurança da família. O “Caso Ives²” serviu de exemplo para a compreensão do presente. O poder hermenêutico de revelar a natureza humana e a personalização central foi da criança, Isabella, e da mãe, na Ana Carolina de Oliveira. Isabella era midiaticizada com uma rotina feliz exposta em fotografias e vídeos de apresentações na escola. A mãe era midiaticizada com o sentimento de quem sofre a dor ao perder a filha em circunstância jamais imaginada.

No dia 18 de abril, Ana Carolina não concedeu entrevista, porém, divulgou mensagem no *Orkut* que os telejornais a reproduziram parcialmente ou totalmente. Uma característica marcante de reprodução do acontecimento hibridizando formatos com a transposição do virtual para o televisivo. Não podemos afirmar quando se dá o ponto zero (RODRIGUES, 1993) de significação do caso, porém, o primeiro registro foi de Messias de Souza Valdeci, que não ligou a luz da câmera, evidenciando que sabia ou suspeitava como proceder nos registros para serem midiaticizados.

Num primeiro momento de análise tínhamos compreendido que a repetição ou a redundância era responsável pelo apagamento da diferença no sentido de novo e de inédito do acontecimento. Verdadeiramente, no que se refere à informação jornalística, essa diferença deixou a desejar, pois se esperava que toda vez que ocorriam inserções ao vivo pelo *stand up*, que tivesse algo realmente novo a dizer, e não, que continuava o depoimento.

No entanto, ao revermos insistentemente as gravações e mais conscientes do que estávamos pesquisando a partir do referencial teórico, compreendemos que a repetição ou redundância poderia estar a serviço da diferença. A adoção do tema na manchete foi consensual, marcando a primeira fase do acontecimento. Posterior a ela, quebrava-se a continuidade ao assunto com outros acontecimentos. Após a vinhetas dos telejornais existiam duas possibilidades *stand up* – Jornal Nacional e Jornal do SBT - ou reportagem, Jornal da Band, Jornal da Record, RedeTV News e Jornal da Globo. A adoção de uma dessas operações técnicas marcou o início da segunda fase do acontecimento nos telejornais.

A fase era quebrada com outros acontecimentos. A retomada do “Caso Isabella” ocorreu na terceira fase com reportagens ou *stand up* para encerrar a cobertura. Por problemas técnicos, ocorreu a quarta fase do acontecimento midiático no Jornal da Globo exibida apenas

² Essa também foi uma denominação da mídia.

com um *stand up*. O Jornal Nacional fez uma espécie de balanceamento entre segunda e terceira fase com duas reportagens e um *stand up* em cada uma delas.

Nos outros telejornais, o acontecimento foi construído com mais reportagens e entradas ao vivo na segunda fase, intensificando a continuidade. De maneira consensual, o “Caso Isabella” foi manchete e assunto final dos telejornais nas últimas fases que ocorreram ao encerrar os telejornais ou como um dos temas finais. O Jornal Nacional destinou cerca de 14m15s ao tema; Jornal da Globo, 7m88s; Jornal da Record, 10m55s; Jornal da Band, 7min 58s, RedeTV News, 12m10s e Jornal do SBT, 12m20s. Esse tempo é aproximado e considerado muito em se tratando de informação jornalística para a televisão, o que intensifica a contradição com a objetividade telejornalística.

E afinal, qual a diferença que esperávamos na cobertura do “Caso Isabella”? Acreditamos que deveria ser aquela construída envolvendo processos de interações, de linguagem e de operações técnicas. A diferença deveria ser para além de operações técnicas distintas, dando conta de uma construção que não fosse um mosaico de repetição ou redundância.

REFERÊNCIAS

- BABO-LANÇA, Isabel. **Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional**. Conferência proferida no 1º Colóquio de Imagem e Sociabilidade, Belo Horizonte, 2008. Paper.
- BARBERO, Jesús Martín. Razón técnica e razón política: espacios/tiempos no pensados. **Revista ALAIC**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 22-37, jul./dez. 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. Trabalho apresentado no 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/christa_berger.pdf>. Acesso em: 29 set. 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006a.
- BRAGA, José Luiz. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. Trabalho apresentado no 15º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Bauru, 2006b. GT Comunicação e Sociabilidade.
- CAIAFA, Janice. Comunicação da diferença. **Revista fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 47-56, jul./dez. 2004.
- CAIAFA, Janice. Poéticas e poderes na comunicação. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Org.). **O olhar estético na comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 47-56.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Debates, 49).
- DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.
- FAUSTO NETO, Antônio. **O impeachment da televisão: como se cassa um presidente**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização:** prática social, prática de sentido. Trabalho apresentado no 15º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, UNESP-Bauru, 2006. GT Políticas e Estratégias de Comunicação.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mudanças da medusa? A enunciação midiaticizada e sua incompletude.** Trabalho apresentado no Seminário PROSUL, São Leopoldo, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 110-123, 2008.

FERREIRA, Jairo Getúlio. Los laberintos sobrepuestos: una hipótesis sobre el método en la investigación empírica. **Conjecturas**, Colômbia, v. 2, p. 1-15, 2010.

FERREIRA, Jairo Getúlio; VIZER, Eduardo (Org.). **Mídia e movimentos sociais:** linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

GOMES, Mayra. **Jornalismo e filosofia.** São Paulo: Escrituras, 2004.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de teoria da comunicação.** 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

GONZÁLEZ REQUENA, Jesús. **El discurso televisivo:** espectáculo de la posmodernidad. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

KLEIN, Otavio José. **A mediatização no telejornalismo em rede:** as reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os indígenas caingangues no Rio Grande do Sul. 2008. 263 f. Tese (Doutorado) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão:** normas práticas. Porto Alegre: Sagra, 1995. (Comunicação viva, 4).

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal:** da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação.** 25. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

PRADO, Flávio. **Ponto eletrônico:** dicas para fazer telejornalismo com qualidade. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos:** revista de comunicação, cultura e educação, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

REBELO, José. Apresentação. **Trajectos**: revista de comunicação, cultura e educação, Lisboa, n. 6, p. 55-58, 2005.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos**: revista de comunicação, cultura e educação, Lisboa, n. 8/9, p. 17-27, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993. p. 27-33.

SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. **Trajectos**: revista de comunicação, cultura e educação, Lisboa, n. 6, p. 77-83, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Diana Paula de. **Mídia e criminalidade**: o tratamento dos casos Abílio Diniz e Daniela Perez pela imprensa e suas implicações no direito penal brasileiro. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/doutorado/teses_2009.html#3>. Acesso em: 15 jan. 2011.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Dê tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura dos gêneros. **Anuário UNESCO/Metodista de Comunicação Regional**, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 13, p. 97-111, jan./dez. 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Notícias e serviços**: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. 2001. 339 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, SP, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1995.

VERÓN, Eliseo. De la imagen semiológica a la discursividad: el tiempo de una fotografía. In: VEYRAT-MASSON, Isabelle; DAYAN, Daniel. **Espacio público en imágenes**. Barcelona: Gedisa, 1997a. p. 1-34.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la comunicación**, Lima, n. 48, p. 28-37, 1997b.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

ANEXO A – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal Nacional de 18/04/08

Vinheta.

Manchete - William Bonner: “decisão da polícia de São Paulo”.

Imagem: fechada em Bonner.

Fátima Bernardes: “indiciar o pai e a madrasta de Isabella pelo assassinato”.

Imagem: fechada em Fátima.

Bonner: “nossos repórteres mostram como o trabalho da polícia levou a este desfecho”.

Imagem: fechada em Bonner.

Fátima: “a operação montada para que os dois prestassem depoimento na delegacia”.

Imagem: fechada em Fátima e de Alexandre Nardoni saindo da viatura da polícia na delegacia.

Bonner: “e as homenagens à Isabella no dia em que teria completado seis anos”.

Imagem: fechada em Bonner.

Outras manchetes.

Cabeça - Bonner: “boa noite! Esta sexta-feira foi decisiva para a conclusão do inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni. A polícia decidiu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato. O casal prestou novos depoimentos em uma delegacia de São Paulo. E é para lá que nos vamos ao vivo com a repórter Carla Modena. Boa noite, Carla!”

Imagens: fechada em Bonner e dívida entre ele e a repórter.

Stand up1 – Carla Modena: “boa noite Bonner! Terminou há pouco o interrogatório de Alexandre Nardoni que durou oito horas. Ele foi indiciado por homicídio doloso, quando há a intenção de matar. E começou agora há pouco, o interrogatório de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella. Não há previsão para o término. A expectativa é que entre pela madrugada, e a polícia já adiantou que ela também vai sair daqui já indiciada pela morte da Isabella. Bonner”.

Imagens: repórter em frente da delegacia; cartaz de pessoa que estava em frente à delegacia, dizendo: “Isabella, o Brasil clama por justiça”.

Reportagem 1 – Cabeça - Bonner: “a ida de Alexandre Nardoni e Anna Jatobá para a delegacia foi tumultuada e atrasada por falta de segurança. Muita gente estava em frente à

casa da família na zona norte de São Paulo. Jornalistas e curiosos. E o casal só saiu depois de receber proteção da polícia”.

Imagem: fechada em Bonner.

Off1: “a casa da família Nardoni amanheceu cercada por uma multidão. Policiais, jornalistas e curiosos estavam a postos. Os seguranças particulares também. Na madrugada motoqueiros passaram fazendo arruaça. Deram de cara com a polícia. Numa rua próxima, dois pichadores foram detidos. Quando a viatura saiu, a palavra justiça foi completada. Pedidos apareciam também em cartazes e faixas. A saída de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá era aguardada com ansiedade. Dois dos advogados de defesa chegaram cedo. Ao ver pedaços de pedra na entrada da casa, um deles protestou”.

Imagens: muitas pessoas em frente a casa; policiais; jornalistas; curiosos; seguranças contratados pela família; motoqueiros de madrugada; algemados pela polícia e revistados contra uma parede; dois pichadores detidos; viatura da polícia saindo; rapaz completando a palavra justiça na parede; parede com cartaz escrito: “Amor a Isabella. Queremos justiça”. Faixa segurada por pessoas em cima de um muro; casa do pai de Alexandre Nardoni; pessoas em frente da casa com cartazes; advogados chegando ao portão; pedras na garagem.

Sonora1- advogado – Ricardo Martins: “existem leis regulamentares neste país. Nós devemos observá-las. Jamais fazermos um julgamento antecipado. Até que se prove ao contrário”.

Imagens: advogado em meio aos cinegrafistas e jornalistas.

Off2: “ao primeiro movimento do carro que levaria o casal à delegacia, a garagem foi invadida. O veículo teve que voltar. Foi pedido reforço policial e começou uma longa discussão sobre a maneira mais segura de fazer o transporte. Ao mesmo tempo no distrito que concentra as investigações, chegavam o delegado Calixto Kalil Filho, responsável pelo inquérito, o promotor de Justiça, Francisco Cembranelli, e o advogado de defesa, Marco Pólo Levorin”.

Imagens: carro da família em marcha ré da garagem para a rua; garagem invadida por fotógrafos, jornalistas e curiosos; carro retorna à garagem; advogados pedem reforço policial; no distrito policial, chegam o delegado Calixto Kalil Filho, o promotor de Justiça, Francisco Cembranelli, e o advogado de defesa, Marco Pólo Levorin.

Sonora2 – Marco Pólo Levorin – Advogado de defesa: “a expectativa nossa é de um depoimento tranqüilo, né que possam transmitir tudo aquilo que já foi falado, quando do acontecimento dos fatos. Nós estamos tranqüilos”.

Imagem: entrevistado.

Off3: “a delegada que cuida das investigações só conseguiu chegar com escolta. Por volta das onze horas, um grupo de policiais saiu da casa da família Nardoni. Logo atrás vieram Alexandre e Anna Carolina Jatobá. Eles desceram a escada abraçados aos advogados. A madrasta de Isabella chorava. O casal teve que ser protegido com escudos a caminho do carro do Grupo de Operações Especiais. Pedras foram jogadas. Uma garrafa de plástico atingiu o veículo. Pessoas concentradas em frente à casa Nardoni protestavam. Escoltados por carros da polícia, o casal seguiu para a delegacia. Ao chegar, novo tumulto e correria. O primeiro a entrar foi Alexandre, cercado por policiais com coletes à prova de balas. Ele olhou para a multidão. Depois foi a vez de Anna Carolina Jatobá. No carro em que eles chegaram, as marcas do protesto na hora em que saíram de casa. Um policial ficou ferido no rosto. O advogado Antônio Nardoni, pai de Alexandre, apareceu em seguida. Pessoas cantaram parabéns para Isabella que completaria hoje seis anos de idade. O nono distrito estava protegido por um número de policial civil e militar maior que o habitual. Só entrava na rua quem tinha autorização. Agentes de trânsito monitoravam os cruzamentos próximos. Os jornalistas foram mantidos no outro lado da rua. Se instalaram em pontos estratégicos para acompanhar toda a movimentação. A entrada desta casa virou estúdio de uma emissora de rádio. Havia até banheiros químicos e uma tenda de plástico. Entre os curiosos, gente que percorreu longas distâncias”.

Imagens: delegada chegando com escolta policial; grupo de policiais saindo da casa da família Nardoni com escudos; de uma laje, Alexandre e Anna Carolina Jatobá saindo da casa, abraçados aos advogados; madrasta chorando, cercada de escudos, cinegrafistas e fotógrafos; aérea de Anna entrando no carro e, em seguida, Alexandre protegidos por escudos; outra viatura da polícia à frente; pedras jogadas e garrafa de plástico contra o carro da polícia, totalmente cercado pelas pessoas; aérea da viatura pelas ruas de São Paulo até a delegacia, escoltada por outras viaturas e motocicletas da polícia; tumulto na chegada e policiais correndo; Alexandre Nardoni cercado por policiais com coletes a prova de balas; muitas pessoas em volta e gritando; Nardoni olha para a multidão; círculo destaca o rosto de Anna Carolina Jatobá ao sair do carro e se dirigir à delegacia; aérea de muitos policiais protegendo o casal; carro em que eles foram transportados, a marca do protesto; policial ferido no rosto;

Antônio Nardoni escoltado por dois policiais; pessoas batendo palmas e cantando parabéns à Isabella; aérea do 9º distrito protegido por policiais civis e militares; fechada na placa indicando a Rua Camarés, abrindo para a rua; agente de trânsito monitorando cruzamento; cinegrafistas e jornalistas; sacada de prédio vizinho à delegacia; fotógrafo em cima de veículo; estúdio de emissora de rádio montada na entrada de uma casa; banheiros químicos; tenda de plástico; curiosos.

Enquete1: “quatrocentos quilômetros”.

Imagem: meio plano na entrevistada.

Enquete2: “que se faça justiça e pegue quem foi que fez realmente isso com essa menina, né, que era um anjinho, uma criança”.

Imagem: meio plano na entrevistada.

Passagem1 – José Roberto Burnier – São Paulo: “apesar da investigação já estar terminando, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, serão chamados de novo pela polícia. É que os delegados querem fazer no início da semana que vem a reconstituição do crime e para isso eles precisam do casal. Será o último passo antes da conclusão do inquérito”.

Imagem: meio plano no repórter.

Reportagem 2 – Cabeça - Fátima: “por causa dos depoimentos de Alexandre e Anna Jatobá, todas as atividades da delegacia que concentra as investigações do crime foram suspensas, e seis horas depois do interrogatório, o pai de Isabella foi indiciado”.

Imagem: fechada em Fátima.

Off1: “quando Alexandre Nardoni e Anna Carolina entraram, os advogados já esperavam na delegacia. Assim que chegou, o casal foi separado. Ana Carolina foi isolada em uma sala nos fundos da delegacia. Alexandre foi levado para o outro lado do corredor. Na sala, estavam o delegado Calixto Kalil Filho, a delegada Renata Pontes, um escrivão, o promotor de Justiça Francisco Cembranelli, e os advogados de defesa. Antônio Nardoni, pai de Alexandre foi impedido de acompanhar o interrogatório e foi embora”.

Imagens: aérea do casal ao sair do carro e se dirigir até a delegacia, escoltado pela polícia. Alexandre à frente e Anna Carolina atrás; aérea do prédio da delegacia; desenho das posições

em que se encontravam o delegado, a delegada, um escrivão, o promotor e os advogados de defesa; carro de Antônio Nardoni, dirigido por ele, saindo da delegacia.

Passagem2 – César Galvão: “no começo do depoimento, Alexandre Nardoni ouviu dos delegados um relatório minucioso sobre as investigações, nos últimos vinte dias, em torno da morte de Isabella, a filha dele. Tomou conhecimento das provas e dos laudos do IML e do Instituto de Criminalística. Um dos delegados lembrou Alexandre que hoje Isabella faria seis anos. Depois começaram as perguntas sobre o crime. Alexandre poderia ficar calado, mas por orientação dos advogados respondeu a mais de cinquenta questões”.

Imagem: meio plano do repórter em frente à delegacia.

Off2: “a polícia pediu que Alexandre Nardoni contasse em detalhes tudo o que fez no sábado, no dia do crime. Queria saber a que horas saiu do prédio. O que foi fazer no supermercado em Guarulhos, onde a família foi filmada pelas câmaras do circuito interno. O que ele comprou? Quanto tempo ficaram lá? Para onde foram ao sair do supermercado? Os delegados também perguntaram sobre uma eventual discussão entre Alexandre e Anna Carolina Jatobá na casa dos pais dela, e se o casal havia repreendido Isabella na volta ao apartamento? Só depois da segunda hora do interrogatório Alexandre Nardoni começou a responder as perguntas específicas sobre o assassinato da filha dele. O depoimento já durava seis horas. Ainda não havia acabado, quando a polícia tomou uma decisão: indiciar Alexandre Nardoni pelo assassinato de Isabella. A polícia diz não ter dúvidas da participação dele e da mulher no crime”.

Imagens: aérea da delegacia com fotografia do rosto de Alexandre sobreposta e escrita: Interrogatório de Alexandre com as perguntas: O que fez no dia do crime? Horário? O Que fez no supermercado? O que comprou? Quanto tempo ficou lá? Para onde foram depois? Discutiu com Anna Carolina? Repreendeu Isabella? Janela da delegacia com persianas fechadas; Alexandre na noite do crime em frente ao prédio apontando para cima ao lado de um policial; fechada na tela rasgada e aberta para o edifício *London*; janela da delegacia; delegado na janela; diretor de polícia indo falar com jornalistas com policiais atrás dele.

Sonora 3 – Aldo Galeano – Diretor de polícia: “vão ser todos indiciados, os dois. Daí, nos vamos analisar as qualificadoras, as condutas, a prisão nos vamos estudar. Não é o momento oportuno. Nós temos que analisar documentos”.

Imagem: fechada no diretor cercado por cinegrafistas e policiais.

Off3: “quando o marido ainda era interrogado, Anna Carolina apareceu na janela ao telefone, mas quando percebeu que estava tendo a imagem gravada se escondeu”.

Imagem: Anna Carolina na janela ao telefone se escondendo.

Nota simples - Bonner: “ainda nesta edição você vai ver o que levou a polícia à decisão de indiciar Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá por assassinato e as homenagens à Isabella no dia em que ela completaria seis anos”.

Imagem: fechada em Bonner na bancada.

Outros acontecimentos.

Reportagem 3 - Bonner – Cabeça: “hoje com o assassinato de Isabella Nardoni, parentes, amigos e desconhecidos tocados pela tragédia tiveram motivo a mais para lembrá-la. A menina completaria seis anos neste 18 de abril”.

Imagem: fechada em Bonner na bancada.

Off1: “na escolinha em que Isabella estudou, os colegas cantaram para lembrar o dia do aniversário dela. Os avôs maternos rezaram no cemitério onde a neta está enterrada”.

Imagem: colegas na escolhinha sentados no chão cantando; avôs no cemitério.

Passagem3 – César Menezes: “Ana Carolina Oliveira veio visitar o túmulo da filha às oito da manhã. Neste momento, o cemitério foi fechado e a mãe de Isabella pode ficar a sós para fazer a sua homenagem. Depois que ela saiu e os portões foram reabertos, as visitas continuaram”.

Imagens: repórter no cemitério, mostrando atrás pessoas em volta da lápide; abre para pessoas colocando flores na lápide.

Off2: “pessoas comuns comovidas com a história da menina que elas só conhecem por fotografias”.

Imagens: mulher colocando flores na lápide e outras em volta; fechada no rosto de mulher chorando; fechada em outra mulher colocando flores na lápide.

Enquete1: “o que eu trouxe hoje foi para simbolizar a alegria que ela era”.

Imagem: entrevistada com lápide ao fundo e pessoas em volta.

Off3: “Denise trouxe uma bonequinha. Essa menina que também se chama Isabella e tem seis anos desenhou um rosto de menina sorrindo”.

Imagens: bonequinha colocada na lápide; menina chamada Isabella vendo desenho na mão e colocando sobre a lápide.

Enquete2: “eu fiz um desenho bem bonito para ela”.

Imagem: menina.

Off4: “as homenagens começaram na noite de ontem. Isabella foi lembrada várias vezes numa missa. A mãe se emocionou. Na página de relacionamentos que tem na internet, Ana Carolina divulgou uma mensagem inspirada num poema inglês no começo do século passado, foi mais uma homenagem em memória da filha. ‘A morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável. O que é esta morte senão um acidente desprezível. Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da visão? Estou simplesmente a sua espera, como num intervalo, bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem!’ ”.

Imagens: Bispo; Padre Marcelo Rossi; fechada no rosto da mãe chorando; fotografias de Ana Carolina com a filha sorrindo; do rosto de Isabella sorrindo; de Isabella e a mãe fantasiadas de caipiras; fotografia de Isabella e imagem da página na internet com três imagens delas sobrepostas com poema escrito na tela.

Reportagem 4 – Cabeça - Fátima: “as provas recolhidas pela perícia no prédio dos Nardoni foram fundamentais para o indiciamento do pai de Isabella por homicídio. Os repórteres Maurício Ferraz e César Tralli conseguiram obter detalhes exclusivos dos laudos. As informações técnicas dos peritos levaram a polícia concluir que o casal está diretamente envolvido na morte da criança”.

Imagem: Fátima na bancada.

Off1: “foi uma noite interminável no Instituto de Criminalística de São Paulo. Peritos passaram a madrugada visitando os laudos para orientar o interrogatório. Tudo cercado de sigilo para surpreender com provas técnicas a madrasta e o pai de Isabella durante os

depoimentos à polícia. Uma pane nos computadores atrasou os trabalhos, mas de manhã, os peritos deram a missão por concluída. São três laudos: um sobre o corpo da menina, outro da Criminalística sobre a imagem apreendida no prédio da frente que mostra o carro dos Nardoni entrando na garagem. A cena é importante para se estabelecer quanto tempo se passou entre a chegada da família e a queda de Isabella, e o mais complexo, o laudo sobre o cenário do crime feito pelo Núcleo de Crimes contra a Pessoa. Algumas informações novas vindas da perícia, não foi encontrado sangue de Isabella na roupa da madrasta, nem na roupa do pai. Havia sangue da menina na sola do calçado de Anna Carolina. O rastro de sangue de Isabella ia da porta de entrada do apartamento até o quarto dos meninos de onde ela foi jogada pela janela”.

Imagens: aberta no corredor do Instituto de Criminalística, fechando até uma porta interna do Instituto; fachada do Instituto de Criminalística; Alexandre e Anna chegando à delegacia; Alexandre através de janela, esperando Anna Carolina depor; fachada do Instituto de Criminalística; desenho de frente e costa escrito “Laudo do IML”; carro de Alexandre na garagem em três ângulos – frente e duas laterais com a frase: “Laudo sobre imagem do carro”; fotografia do quarto do irmão de Isabella, escrito “Laudo sobre o cenário do crime”; desenho camisa de Alexandre escrito “Não havia sangue de Isabella, nem na roupa da madrasta, nem na roupa do pai”; desenho de calçado de Anna Carolina, escrito “Havia sangue de Isabella na sola do calçado da madrasta”; recurso em movimento da porta de entrada até o quarto dos meninos em preto e branco com o sangue em vermelho.

Passagem4 – César Tralli – Repórter: “os laudos do Instituto de Criminalística são assinados por quatro peritos e, segundo fontes consultadas pelo Jornal Nacional, esses laudos indicam que Alexandre Nardoni, o pai de Isabella jogou a menina pela janela do sexto andar. De acordo com a perícia, há um conjunto de provas técnicas que levam a essa conclusão. De acordo também com fontes da polícia que tiveram acesso aos laudos, havia sangue no encosto do banco do carro, sangue de Isabella. Sangue também da menina no assoalho do veículo e na lateral da cadeirinha de bebê. Sangue também no hall de entrada do apartamento. Segundo essas mesmas fontes, foi usado uma fralda para transportar a menina da garagem do prédio até o apartamento e lá dentro foi usada uma toalha para limpar o sangue do ferimento da testa de Isabella. O sangue pingou de uma distância entre 1m20 e 1m30 centímetros e é compatível com a altura do pai, carregando a criança no colo. Ainda segundo essas mesmas fontes, o pai e a madrasta estavam no apartamento quando Isabella foi jogada, e as marcas de esganaduras no pescoço da criança são compatíveis com as mãos de Anna Carolina Jatobá, a madrasta”.

Imagem: Tralli no Instituto de Criminalística.

Chamada - Bonner: “Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá ainda estão na delegacia. Nós vamos voltar ao vivo em São Paulo com a repórter Carla Modena”.

Imagem: Bonner e Carla dividida na tela.

Stand up2: “Bonner! Ana Carolina Jatobá continua depondo, e agora, é Alexandre Nardoni que aguarda na mesma sala onde a mulher ficou durante oito horas. Você vê ai nas imagens. A polícia disse que está usando a técnica de incentivar os dois a falar bastante. Segundo o delegado, Alexandre caiu em contradição várias vezes. As informações desencontradas dizem respeito principal aos horários dos acontecimentos no dia do crime. Outra informação de quem acompanhou o depoimento é de que Alexandre demonstrou frieza. Os advogados de defesa ainda não se pronunciaram sobre o indiciamento, e amanhã serão ouvidos aqui nesta mesma delegacia, o pai e a irmã de Alexandre Nardoni. Fátima!”

Imagens: Carla na delegacia; Alexandre na sala esperando Anna Carolina Jatobá; de uma laje, repórteres e cinegrafistas em frente à delegacia, abrindo para a fachada da delegacia.

Fátima: “obrigada Carla! Outras notícias no *Jornal da Globo* que vai trazer todos os detalhes dos laudos dos peritos da polícia de São Paulo. O *Jornal da Globo* começa logo depois de Dicas de um sedutor. Uma boa noite para você!”

Imagem: apresentadora na bancada.

Bonner: boa noite!

Imagem: apresentador na bancada.

Tempo total: 14min15s

ANEXO B – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Globo de 18/04/08

Vinheta.**Christiane Pelajo:** “boa noite!”**Imagem:** apresentadora em bancada.**William Waack:** “boa noite!”**Imagem:** apresentadora em bancada.

Comentário - Waack: “a polícia paulista acredita ter resolvido o crime o qual foi vítima a menina Isabella Nardoni que hoje faria seis anos. Indiciou por homicídio o pai e a madrasta da vítima. É difícil entender o que leva alguém a matar uma criança. Mas é fácil entender a imensa comoção em torno do caso Isabella. É o horror que toma conta de todos nós de imaginar que uma criança conforme suspeita a polícia vira a vítima de quem ela mais depende e gosta”.

Imagem: apresentador em bancada.

Manchete - Christiane: “e o grande destaque hoje do *Jornal da Globo* é o laudo que traz detalhes surpreendentes sobre a morte de Isabella”.

Imagens: apresentadora em bancada.

Christiane: “novas peças. Nossos repórteres têm acesso ao laudo dos peritos do Instituto de Criminalista de São Paulo e eles concluíram que havia sangue de Isabella Nardoni em três pontos do carro do pai e as marcas no pescoço da menina são compatíveis com as mãos de Anna Carolina Jatobá”.

Imagens: superintendência da Polícia Técnico-científica; fachada edifício *London*; foto de corpo inteiro de Isabella; recortes do carro em dois ângulos; foto diferente fechada no rosto de Isabella sorrindo; Anna Jatobá correndo para fugir das câmeras e fotógrafos.

Vinheta.**Outras manchetes.****Vinheta.**

Reportagem 1 - Waack - Cabeça 1: “foi a partir do conjunto de laudos técnicos obtidos com exclusividade por nossos repórteres que a polícia resolveu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato da menina Isabella Nardoni que hoje faria 6 anos de idade”.

Imagem: apresentador em bancada.

Christiane - Cabeça 2: “a polícia tinha informações sobre manchas de sangue no carro da família que preferiu esconder até hoje. Dia em que o pai e a madrasta foram depor. Foi uma maneira de confundir a defesa do casal. A reportagem é de Maurício Ferraz”.

Imagem: apresentador em bancada.

Off1: “os laudos dos peritos do Instituto Médico Legal e Instituto de Criminalística de São Paulo são peças técnicas, resultado das várias visitas dos peritos ao local do crime e do exame do corpo de Isabella Nardoni. O trabalho foi registrado em três conjuntos de laudo. Um deles trata da imagem do carro dos Nardoni gravada pelas câmeras do prédio da frente. Mas, ao contrário dos que os peritos pretendiam, não foi possível precisar à hora em que o casal chegou. O outro é sobre o corpo da menina e traz a causa da morte. Politraumatismo, várias fraturas. Quadro agravado pela asfixia que Isabella sofreu dentro do apartamento. E o laudo mais complexo é aquele que retrata a cena do crime o que inclui o carro dos Nardoni. Os peritos concluíram que havia sangue dela no encosto de cabeça do banco dianteiro atrás do motorista, no assoalho entre as duas fileiras de banco e na lateral da cadeirinha do bebê no banco de traz”.

Imagens: sacada do prédio; peritos; garagem; peritos no jardim com boneca, simulando momento em que Isabella foi encontrada caída; fotografia do carro da família com laudo sobre sua imagem em três ângulos frente e laterais; desenho de Isabella de costas e de frente escrito “Laudo do IML”; desenho da menina caída, escrito “Causa da morte: politraumatismo”; desenho do tronco e da cabeça, mais mãos esganando Isabella, escrito “Causa da morte: Politraumatismo”; foto do quarto; desenho carro do lado do motorista com recortes do encosto do lado do motorista com sangue, assoalho entre as duas fileiras dos bancos e recorte da lateral da cadeirinha do bebê no banco de traz. Desenho carro escrito “Não foi possível precisar a hora em que o casal chegou.”

Passagem1 – Maurício Ferraz: “o sangue de Isabella no carro da família era uma prova pericial que a polícia guardava em sigilo durante à investigação, peritos chegaram a dizer que os vestígios não eram suficientes para fazer o exame e que não tinham certeza nem se quer se o material era sangue. Mas se tratava de uma estratégia. A defesa só teve acesso a essa informação durante o interrogatório de Alexandre Nardoni, o pai de Isabella”.

Imagem: repórter à noite sem identificar local.

Off2: “os peritos fizeram ainda uma simulação. Um homem com a mesma altura de Alexandre jogou uma boneca pelo buraco de uma rede de proteção. A rede deixou marcas na camiseta que o outro homem usava. Marcas do mesmo tipo foram encontradas na camiseta de Alexandre Nardoni. No quarto de onde Isabella foi jogada havia três pegadas. Todas de Alexandre Nardoni. Pela simulação da perícia. Ele subiu na cama das crianças e se desequilibrou. Os peritos também afirmam que a única forma de entrar no prédio sem ser visto seria escalando o muro. Mas eles não acharam sinal algum de invasão e descartam a possibilidade de uma terceira pessoa na cena do crime, além do casal. Os pingos de sangue de Isabella faziam um caminho da porta de entrada do apartamento até o quarto de onde Isabella foi arremessada. Quando o sangue pingou, Isabella estava a uma distância entre 1m20 e 1m30 do chão. Os peritos consideraram que a menina ferida, era carregada por alguém que tem a altura compatível com a de Alexandre Nardoni, o pai. Os peritos afirmam ainda que a fralda suja de sangue de Isabella encontrada no apartamento já havia sido usada dentro do carro. Tanto a fralda como a toalha suja de sangue foram lavadas no mesmo dia, mas o sangue deixou vestígio. Os peritos concluíram também que as marcas deixadas no pescoço de Isabella são compatíveis com o tamanho das mãos de Ana Jatobá, a madrasta”.

Imagens: desenho de boneca sendo arremessada pela janela e Alexandre no térreo do edifício ao lado de um policial, apontando para cima; foto do quarto de onde Isabella foi jogada, aproximando as pegadas sob o colchão; imagem de baixo para cima do prédio, portão de entrada e muro; viatura da polícia em frente ao portão de entrada do prédio; movimento de baixo para cima do edifício; recurso gráfico dentro do apartamento com pingos de sangue em vermelho, reconstituindo o momento em que Isabella era carregada, pingando sangue da entrada até o seu quarto. Desenho de homem segurando Isabella com a medida da altura da testa da menina até o chão com 1m20 e 1m30. Laudo dos peritos com desenho escrito “Fralda com sangue tinha sido usada no carro”; mesma imagem do laudo escrito “Fralda e toalha foram lavadas”. Fotografia de Isabella de corpo inteiro; fusão dessa fotografia com outra de rosto sorrindo. Anna Carolina Jatobá na delegacia ao lado de advogado e policial.

Christiane: “e vamos agora até a delegacia onde Anna Carolina Jatobá está depondo. Quem acompanha é a repórter Carla Modena. Boa noite Carla!”

Imagem: apresentadora em bancada.

Stand up1 – não realizado: por dez segundos, a repórter fala, mas o áudio não funciona.

Christiane: “nós estamos com um problema com o áudio da repórter Carla Modena São Paulo. Daqui a pouco nós podemos voltar então com as informações ao vivo”.

Imagem: apresentadora em bancada.

Reportagem 2 - Cabeça: “e Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá já estão há mais de 12 horas na delegacia”.

Imagem: apresentadora em bancada.

Off1: “eram onze horas da manhã quando o casal Nardoni saiu de casa. À frente Anna Carolina Jatobá chorava muito. Logo atrás Alexandre observava a multidão enfurecida. Pedras e garrafas plásticas foram atiradas, e o carro atingido por tapas e socos. Aquela altura a delegacia do Carandiru na zona norte de São Paulo já estava cercada por uma multidão de jornalistas, curiosos”.

Imagens: dois policiais descem a escada da casa dois pais de Alexandre à frente de Anna Jatobá, que chora e é abraçada pelo advogado; Alexandre desce a escada atrás de Anna, abraçado pelo advogado e olhando para a multidão; pedras e garrafas jogadas no portão e viatura da polícia cercada por multidão; tapas e socos no carro em que o casal foi conduzido até a delegacia; imagem aérea da delegacia do Carandiru mostrava os jornalistas aos redores e mais curiosos. Tinham pessoas na laje do edifício em frente à delegacia. Jornalistas e curiosos em cima de muros; cinegrafistas em cima de uma laje.

Enquete1 – sem identificar a entrevistada como ocorre em enquete: “a gente quer saber mesmo os culpados”.

Imagem: mulher.

Off2: “e os mais irritados. Moradores vizinhos à delegacia”.

Imagens: homem, mulher e cachorro na janela de casa, observando a multidão.

Enquete2– sem identificar o entrevistado: “são 17 dias que a gente não dorme. É um inferno. Que acabe isso para a gente ter sossego”.

Imagem: homem.

Off3: “quando o casal Nardoni apareceu, a multidão protestou. O pai de Alexandre Nardoni chegou em seguida. Queria ouvir o que o filho diria à polícia, mas só o que ouviu foi a ordem

dos delegados para que fosse embora. Alexandre e Anna Carolina foram separados assim que chegaram à delegacia. Anna ficou em uma sala nos fundos, enquanto isso Alexandre se preparava para dar explicações aos investigadores em outra sala, mas a frente e do lado oposto. Ali, um dos delegados do caso apresentava resultados da perícia. Mostraria fotos de Isabella Nardoni que completaria hoje 6 anos de idade e só depois começou o interrogatório. A polícia queria saber em detalhes o que Alexandre Nardoni no dia do crime? A que horas saíram do prédio? O que fez no supermercado naquela noite? Discutiu com a mulher na volta da casa dos pais dela? O casal repreendeu Isabella no apartamento? Por volta das cinco e meia da tarde, enquanto esperava, Anna Carolina apareceu na janela ao telefone. Quando percebeu a câmera se escondeu”.

Imagens: Alexandre é o primeiro a sair da viatura. Anna sai em seguida; pai de Alexandre chega à delegacia com dois policiais; imagem aérea da janela onde Anna aguardava para depor com recorte do rosto dela sobreposta cercado em vermelho. Da mesma forma, mostrou onde Alexandre estava depondo; policiais da perícia e viatura; Alexandre em frente ao prédio, olhando para cima ao lado de um policial; desenho do andar em que a família morava com foco na janela; câmera do supermercado com Alexandre empurrando carinho com Isabella e Irma dentro dele. Anna segue atrás deles; desenho do prédio dos pais de Anna Jatobá; fotografia de Isabella dançando fantasiada; Anna na janela ao telefone e se escondendo.

Passagem2: Janaína Lepri: “já era noite quando o depoimento de Alexandre Nardoni terminou. Foram oito horas de interrogatório. Ele ainda estava sendo ouvido, quando a polícia anunciou que ia denunciar o casal por homicídio. Os delegados acreditam que eles são culpados pela morte de Isabella, e vão pedir ao Ministério Público que os denuncie à Justiça. Anna Carolina Jatobá ainda não havia sido ouvida, quando a decisão foi tomada”.

Imagem: à noite da repórter em frente às grades que separava a área dos jornalistas e o acesso à delegacia.

Sonora1 – Aldo Galiano Júnior – Delegado: “vão ser todos indiciados, os dois. Daí, nos vamos analisar as qualificadoras, as condutas, a prisão nos vamos estudar. Não é o momento oportuno. Nós temos que analisar documentos”.

Imagem: fechada no diretor cercado por cinegrafistas.

Off4: “Anna Carolina Jatobá começou a ser interrogada às oito da noite. Ela responde a perguntas muito parecidas como as que foram feitas a Alexandre, que agora espera o fim do

depoimento da mulher. Se houver contradições entre os dois, eles poderão ficar frente a frente numa acareação”.

Imagens: janela fechada; Anna de outro ângulo de uma janela aberta com pessoas em sua volta; frente delegacia à noite.

Christiane: “e nos vamos trazer novas informações sobre o caso Isabella ainda nesta edição”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Outros acontecimentos.

Stand up1 – Ao vivo - Carla Modena: “Anna Carolina Jatobá continua depondo há quase quatro horas, enquanto isso Alexandre Nardoni na sala dos investigadores, aguarda o fim do depoimento da mulher, conversando com policiais e assistindo televisão. De acordo com a secretaria de Segurança Pública, não está descartada a hipótese de acareação entre os dois. Policiais que acompanharam o depoimento dele disseram que Alexandre Nardoni demonstrou frieza. Muitos curiosos vieram à delegacia hoje acompanhar o movimento. Muita gente permanece aqui aguardando a saída do casal. Christiane”.

Imagens: fachada da delegacia e pessoas que permaneceram no local.

Christiane: “obrigada Carla, nos voltamos ainda nesta edição do *Jornal da Globo*, com novas informações sobre o caso Isabella”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Outros acontecimentos.

Waack: “o pai e a madrasta da menina Isabella ainda estão na delegacia em São Paulo e de lá fala ao vivo a repórter Carla Modena. Carla!”

Imagem: apresentador na bancada.

Stand up2: “William a Secretaria de Segurança Pública prevê que o depoimento de Anna Carolina Jatobá termine entre 2 e 3 da manhã. Depois disso não está descartada a hipótese de acareação. A polícia está usando a estratégia de incentivar o casal a falar para ver se eles caem em contradição. Muitas das perguntas feitas a Alexandre Nardoni, estão sendo repetidas agora a Anna Carolina e os dois vão sair daqui indiciados por homicídio doloso – quando há a intenção de matar. Christiane!”

Imagem: repórter em frente à delegacia.

Christiane: “obrigada Carla!”

Imagem: apresentadora em bancada.

Outros acontecimentos.

Tempo total: 7min88s

ANEXO C – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Record de 18/04/08

Vinheta.

Manchete: não foi possível gravá-la porque as gravações foram feitas com um único aparelho receptor.

Reportagem1 - Cabeça1 - Adriana Araújo: “o depoimento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá exigiu um esquema especial montado pela polícia”.

Imagens: apresentadora na bancada. Ao fundo em seu lado esquerdo uma fotografia de Isabella sorrindo sobreposta a um fundo com conjunto de cores, parecendo um arco-íris.

Cabeça2 - Celso Freitas: “a área da delegacia que centraliza as investigações foi cercada, e a rua em frente, fechada para o trânsito. Uma multidão foi ver de perto como seria o dia do casal”.

Imagens: apresentador na bancada, aparecendo ao fundo à redação do telejornal.

Off1: “o resultado de um interrogatório é sempre imprevisível. Mas do lado de fora da delegacia aconteceu o que já se imaginava. Uma multidão de jornalistas e curiosos”.

Imagens: de policiais e viaturas; rapaz vendo monitor de imagens; multidão com movimento de câmera para o muro com pessoas, segurando cartazes; policiais e viatura; carro de imprensa e jornalistas; cinegrafistas em laje; mulheres em frente ao distrito; gritos; policiais ao lado de viatura.

Enquete1: “vim para cá de Santa Catarina. É curiosidade, né. Eu vi tanta gente olhando. Acho bonito assim. A gente vê o que precisa fazer né”.

Imagem: entrevistado.

Off2: “algodão doce, sorvete, pipoca. O distrito policial se preparou para o espetáculo. Banheiros químicos, cadeiras de plástico em frente à entrada principal, e grades de proteção”.

Imagens: algodão doce, sorvete, pipoca; policial isolando local; banheiros químicos; cadeiras de plástico com pessoas sentadas; grades de proteção.

Sonora1 – Luiz Antônio Pinheiro – Superintendente do GOE: “o que nos fizemos aqui não é um circo como disseram. Na realidade é um trabalho bem profissional, foi pensado, planejado para ter condição de cada um desempenhar o seu papel”.

Imagem: entrevistado.

Off3: “no chão um batalhão de policiais. No alto, um batalhão de fotógrafos e cinegrafistas”.

Imagens: aérea de policiais; helicóptero; cinegrafistas e fotógrafos em laje.

Sonora2: “vocês estão cobrindo esse depoimento com quantos fotógrafos?”

Imagem: entrevistado.

Sérgio Castro – Fotógrafo: “quatro. Um em cada ponto disponível”.

Off4: “valia também foto de celular e como num show todos buscavam o melhor ângulo. Mães trouxeram filhos com cartazes. Muitos vieram protestar, principalmente na chegada dos personagens principais. Alexandre e Anna Carolina. Quem tinha comércio no bairro aproveitou a ocasião”.

Imagens: pessoas fotografando com celular em cima de muro, com pessoas em volta dele; cinegrafista no alto de uma laje; fotógrafo em janela; crianças, mostrando desenho de menina em cartaz; mulheres com cartazes; Alexandre e Anna saindo de viatura cercado por policiais e acompanhados de advogados; pessoas gritando justiça e gesticulando com os braços; balcão de um estabelecimento comercial e clientes.

Passagem1 – Lúcio Sturm: “a Jerry é cabeleireira. Ela tem um salão bem em frente à delegacia. Dois anos atrás, construiu uma sala comercial na parte de cima para alugar. Só ontem, apareceram cinco clientes. Quatro emissoras de televisão e um jornal. Coube todo mundo?”

Imagem: repórter em uma laje ao lado de Jerry.

Sonora3 – Jerry Magalhães – Cabeleireira: “coube todo mundo”.

Imagem: entrevistada.

Repórter: “como você fez para alugar?”

Jerry: “eu não esperava alugar, mas as emissoras de televisão me procuraram e fizeram ofertas, e eu acabei alugando”.

Off5: “o movimento de clientes caiu por causa do tumulto na delegacia, mas o faturamento hoje compensou os dias parados”.

Imagens: lavatório vazio no salão; algumas clientes; fotógrafos e cinegrafistas, disputando espaço em sacadas e lajes.

Reportagem 2 – Cabeça1 – Freitas: “as cenas que você vai ver agora são exclusivas da Rede Record, mostram muito diálogos e detalhes que nem a polícia conhece”.

Imagem: apresentador em bancada.

Adriana - Cabeça2: “são trechos de uma gravação de dez minutos feita logo após a queda de Isabella Nardoni”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Off1: “a câmera é ligada minutos depois de Isabella ser levada pelo resgate. Na primeira cena estão a mãe de Alexandre Nardoni, dona Aparecida e a irmã Cristiane. A melhor amiga dela, Natália e um parente identificado como Júnior. A avó está desesperada”.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci: “mata esse assassino. Covardia. Eles vão pegar. Se pegar, eu quero ele na minha mão”.

Imagens: sem enquadramento; noite e algumas luzes; círculo em torno do rosto de Aparecida, mãe de Alexandre Nardoni. Outro círculo apontando Cristiane, a irmã de Alexandre, e a melhor amiga dela, atrás de Aparecida, Natália. Círculo em Júnior de costas, identificado como parente; Cristiane atrás de Júnior que tenta segurar Aparecida; rua em frente ao prédio com algumas pessoas; PM conversando com Cristiane e tentando acalmá-la; de cima para baixo prédio. A luz do quarto de onde Isabella foi jogada estava acesa; pessoas e viatura com giroflex ligado; Cristiane de costas, amiga e mãe juntas; garagem do prédio; várias pessoas na rua; sexto andar de cima para baixo; pessoas na rua.

Off2: “elas caminham em direção a entrada do prédio”.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci: “tem que matar. Que m ... de edifício que não tem segurança”.

Imagem: Aparecida, Natália e Cristiane caminham em direção a entrada do prédio;

Off3: “há pelo menos nove carros de polícia no local. Um PM que não é visto na imagem conversa com Cristiane, irmã de Alexandre”.

Imagem: viaturas com o giroflex ligado.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci – Policial: “todo mundo pegou ela e levou para Santa Casa. Só isso”.

Cristiane: “não, meu pai disse: Ela morreu. Não, não é assim”.

Policial: “ninguém vai dar essa notícia por telefone”.

Cristiane: “meu pai me ligou moço”.

Imagem: círculo identifica Cristiane.

Off4: “pouco depois, alguém não identificado pergunta para o policial, se já encontraram o assassino”.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci - Não identificado: “conseguiram pegar?”

Policial: “a gente ta fazendo varredura no prédio, em tudo. Garagem”.

Não identificado: “mas não achou ainda?”

Policial: “por enquanto não. É que é muito andar e o síndico não tem chaves de todos”.

Off5: “o policial busca informações e um amigo da família se apresenta”.

Áudio original da gravação feita por Messias de Souza Valdeci - Policial: “quem que é parente? Uma que está mais calma para falar comigo?”

Eu: “Rafael”.

Policial: “chega aí Rafael, chega aí para falar comigo”.

Imagem: Rafael se aproxima.

Off6: “enquanto isso tudo indica que dona Aparecida tenta falar com o filho por telefone na frente de um policial militar”.

Imagem: círculo mostra Aparecida tentando falar com Alexandre por telefone e círculo mostra que isso foi feito na frente de um PM.

Áudio original da gravação feita por Messias: “meu filho, eu preciso falar com você”.

Off7: “ela parece lamentar a dor que o filho pode estar sentindo”.

Áudio original da gravação feita por Messias: “olha eu faço qualquer coisa. Meu filho. Meu filho”.

Imagem: mesma imagem anterior.

Off8: “Cristiane, irmã de Alexandre Nardoni e madrinha de Isabella, lembra os últimos momentos que passou ao lado da menina naquele sábado”.

Áudio original da gravação feita por Messias: “Choro”.

Off9: “era uma menininha. Ela foi de tarde lá. Tava tão feliz. Me abraçou, me beijou”.

Áudio original da gravação feita por Messias: “choro”.

Passagem2 – Thaís Furlan: “este é o registro mais próximo da hora do crime. São imagens exclusivas que nem a polícia viu. A gravação tem dez minutos e foi feita por um cinegrafista amador. Ele carregava a câmera embaixo do braço, não acendeu a luz do equipamento, nem anunciou a gravação”.

Imagem: repórter à noite em frente portão do edifício *London*.

Áudio original da gravação feita por Messias: “se pegar eu quero ele na minha mão”.

Reportagem3 – Cabeça1 - Adriana: “Isabella Nardoni completaria hoje seis anos de idade. Desde a morte da menina, a família da mãe dela se mantém discreta, calada. Hoje, Ana Carolina Oliveira foi ao cemitério de manhã bem cedo”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Freitas: “à tarde foi à vez dos avôs prestarem uma homenagem à neta”.

Imagem: apresentador na bancada.

Off1: “os avôs maternos, o tio e os amigos da família foram ao cemitério onde Isabella está enterrada, na zona norte de São Paulo. Ficaram por alguns minutos e não deram declarações. Ao longo do dia, pessoas que não conheceram a menina fizeram homenagens. Como esta mulher, solidária a dor da mãe de Isabella”.

Imagens: avôs maternos, tio e amigos em volta da lápide no cemitério; pessoas em volta; avôs maternos e tio caminhando pelo cemitério; mulher colocando flores junto à lápide; mais duas abaixadas rezando e chorando com os filhos.

Sonora1 – Eunice Queiroz – Doméstica: “a gente não ta na pele dela, mas a gente se põe no lugar dela”.

Imagem: fechada na entrevistada.

Off2: “hoje, quando Isabella faria seis anos. A família pretendia dar uma festa e tinha contratado um Buffet”.

Imagens: comprovante da contratação do Buffet; balões, mesa e brinquedos.

Passagem3 – Cristiana Gomes – Repórter: “para os amigos da escolhinha de Isabella foi difícil entender um aniversário sem bolo, nem parabéns. Hoje não é dia de comemorações, mas pode ser uma data para boas lembranças”.

Imagem: em uma sala da escolhinha com professores atrás.

Off3: “eles fizeram uma oração e cantaram músicas que Isabella gostava”.

Áudio original: “sentir o que Jesus sentia”.

Imagens: crianças sentadas no chão rezando; professores e alunos cantando.

Off4: “nesta página que a mãe de Isabella mantém na internet, ela fez mudanças. Ana Carolina Oliveira diz que não tem filhos, e escreve as seguintes palavras: ‘A morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Fale de mim da maneira que sempre fez. Não mude o tom. Não use nenhum ar solene de dor. Ria como sempre fizemos das piadas que desfrutamos juntos. Deixe que meu nome seja uma palavra comum em casa como foi. Faça com que seja falado sem esforço, sem fantasma, ou sombra. A vida continua a ter o significado que sempre teve. O que é esta morte senão um acidente desprezível. Estou simplesmente à sua espera, como num intervalo bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem”’.

Imagens: página do Orkut; trechos do poema destacados.

Chamada - Adriana: “e nos vamos saber como está a movimentação na casa da família Nardoni. A repórter Thaís Furlan está no local na zona norte de São Paulo”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Stand up1 – Thaís Furlan – Repórter: “este trecho da rua foi interditado pela polícia militar. O acesso está restrito a moradores e jornalistas. A medida foi tomada para evitar novos tumultos, ou aglomeração de pessoas, de curiosos como aconteceu durante toda a manhã. Os seguranças contratados pela família Nardoni continuam na frente da residência. Isso porque a expectativa é que o casal retorne para cá, logo após o depoimento de hoje. De São Paulo, Thaís Furlan”.

Imagens: repórter na rua em frente à casa do pai de Alexandre; policial e entrada da garagem; três seguranças na frente da residência.

Reportagem4 - Cabeça: “não foi possível gravá-la porque as gravações foram feitas com um único aparelho receptor”.

Enquete1 - Belo Horizonte – MG: “chocou né o Brasil inteiro”.

Imagem: entrevistado sem identificar nome.

Enquete2 - França – SP: “foi bem que perturbador isso na nossa sociedade”.

Imagem: entrevistado sem identificar nome.

Enquete3 - Rio de Janeiro – RJ: “isso afeta a todos nós”.

Imagem: entrevistado sem identificar nome.

Off1: “uma menina, cinco anos, olhar expressivo, sorriso fácil. Ficamos todos assombrados. Isabella entrou na vida de cada um de nós”.

Imagens: cinco fotografias de Isabella, sendo três com a mãe, passando na tela em movimento; luzes acesas à noite mostrando as janelas do quarto do apartamento no sexto andar no edifício *London*; movimento de câmera do sexto andar até o térreo no portão de entrada.

Enquete4: “imagina só. Filho da gente. O quê que a gente pode pensar”.

Imagens: fechada no homem, mas mostrando rosto de um dos filhos e pessoas passando na rua; aberta mostrando filhos abraçados a ele.

Enquete5: “uma monstruosidade né. Menininha tinha toda uma vida pela frente. Joga ela pela janela.

Imagem: fechada no entrevistado”.

Off2: “o pai e a madrasta sob suspeita. O amor mais forte que existe entre pais e filhos quebrado”.

Imagens: Alexandre e Anna chegando à delegacia; fotografia de Isabella no colo de Anna que estava ao lado de Alexandre na festa de aniversário dela, e outra, de Alexandre caminhando com a filha. Ele segurava a bicicleta que ela andava.

Sonora1 - Ângela Herrera – Terapeuta: “é como se isso nunca pudesse acontecer, ou seja, de uma mãe e um pai ter um grau de agressão como esse, então eu acho que isso é assustador. É o grau mais avançado de descontrole”.

Imagem: fechada na entrevistada.

Repórter: “é o extremo da violência?”

Entrevistada: “é o extremo”.

Imagem: fechada na entrevistada.

Off3: “a busca da verdade levantou muitas dúvidas. Debates na tevê e nas ruas. O noticiário invadiu o almoço, dominou as conversas”.

Imagens: da grade em frente à delegacia, policias e curiosos; perito fotografando na sala onde Isabella foi jogada; tela mostrando debate; pessoas na rua em frente à delegacia; mesa com pessoas almoçando em restaurante; mulher e homem conversando.

Áudio original de Aparecida – Mulher não identificada: “ele pegando a menininha, colocando no carrinho, pegou na mão. Meu super família”.

Homem: “Que tinha carinho, né?”

Passagem4 – Adriana Araújo: “nos últimos dias, essa cena se repetiu muitas vezes na delegacia, no Instituto Médico Legal. Toda a imprensa de plantão em busca de novas informações sobre o crime e basta olhar ao redor, onde estão os jornalistas estão também muitas outras pessoas. Paulistanos que interromperam a rotina para tentar chegar mais perto da história de Isabella”.

Imagens: fechada em carro de imprensa com fotógrafo se apoiando para fazer a imagem; aberta a partir do ponto do fotógrafo para mostrar outros fotógrafos e cinegrafistas, e ainda, os curiosos até a repórter; viaturas da polícia saindo; mais jornalistas; pessoas correndo.

Enquete6: “eu tinha uma consulta aqui perto e daí eu vi toda a movimentação e já suspeitava”.

Imagem: fechada na entrevistada.

Off4: “uma multidão movida pela curiosidade? Claro que sim! E mais que isso, nas ruas, vi tristeza, tensão e perplexidade”.

Imagens: pessoas na frente da delegacia e veículos passando; homem triste, mulher tensa e homem perplexo.

Enquete7: “um pouco de rancor né”.

Imagem: fechada no entrevistado.

Enquete8: “choca. Revolta um pouco né”.

Imagem: fechada no entrevistado.

Off5: “sentimentos que levaram a precipitações. A cada aparição de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. A polícia ouviu mais de 50 testemunhas, recolheu provas científicas e indiciou o casal, mas o Brasil, país de histórias de tantos crimes, também coleciona histórias de acusações apressadas e inocentes injustiçados. A sociedade sabe que precisa esperar a voz dos tribunais e repensar”.

Imagens: policiais do GOE fechando porta de viatura após Alexandre e Anna entrarem; policiais a frente, e ao fundo, Alexandre e Anna caminhando um do lado do outro; Alexandre sendo levado pelo braço por policial e advogado, escutando os gritos de “Assassino”; pessoas se empurrando; advogado saindo do carro ao chegar à casa de Antônio Nardoni; andar do apartamento e perito medindo altura da janela; de cima de laje de viatura saindo com sirene ligada e fotógrafos fazendo imagens em volta dela; viatura sai pela rua; Alexandre e Anna; janela com tela rasgada.

Sonora2 - Ângela Herrera – Terapeuta: “a comunidade toda, o país todo ta sensibilizado porque acho que a vida hoje não tem muito valor. A nossa vida hoje não tem valor, então, acho que essa situação foi o extremo para mostrar como que nós tamo cuidando da vida e como é importante cuidar das famílias”.

Imagem: fechada na entrevistada.

Off6: “nada trará Isabella de volta. Ela nos trouxe uma verdade esquecida: a vida não é, não pode ser descartável. Ao chorar por Isabella, choramos também por nós”.

Imagens: aérea do túmulo de Isabella cheio de flores e sem pessoas em volta. Aberta e depois fechada; duas fotografias de rosto de Isabella; senhora chorando.

Enquete9: “não dá para aceitar. Desculpa fia”.

Imagens: senhora chorando; senhora caminhando de costas, enxugando lágrimas e abraçada por uma outra mulher.

Freitas: “o *Jornal da Record* de hoje termina aqui. Você fica agora com *Tudo a ver*”.

Adriana: “e logo depois com a novela “Amor e intrigas”. Obrigada pela companhia. Uma boa noite para você”.

Freitas: “boa noite!”

Imagens: dois apresentadores em bancada.

Tempo total: 10min 55s

ANEXO D – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal da Band de 18/04/08

Vinheta.

Manchete - Ricardo Boechat: “a polícia indicia o pai de Isabella pelo assassinato da filha”.

Imagens: Alexandre Nardoni descendo escadas da casa de seu pai escoltado pela polícia e entrando em viatura, protegido por escudos.

Outras manchetes.

Boechat: “e o *Jornal da Band* volta em instantes”.

Vinheta.

Imagem: bancada mostrando os dois apresentadores.

Ricardo Boechat: “boa noite!” **Cabeça:** “a polícia indiciou hoje o pai de Isabella Nardoni pelo assassinato da filha. A madrasta também será acusada pelo crime”.

Imagem: meio plano de Boechat.

Reportagem1- off1: “por volta das seis da tarde, o diretor das delegacias de polícia da capital paulista, anunciou o indiciamento do pai de Isabella pelo assassinato da menina, e afirmou que Anna Carolina Jatobá também será indiciada depois de ouvida pela polícia”.

Imagens: policiais entrando na delegacia; diretor e policiais ao redor; de policia e viatura em frente à delegacia; jornalistas e curiosos.

Sonora1 – Aldo Galiano – Diretor: “vão ser todos indiciados, os dois. Daí nos vamos analisar as qualificadoras, as condutas, a prisão, nos vamos estudar. Não é momento oportuno. Nós temos que analisar documentos”.

Imagem: entrevistado cercado de jornalistas.

Passagem1 – Rodrigo Hidalgo: “a polícia vai agora individualizar a conduta. Definir a participação de cada um dos acusados e determinar os artigos agravantes do homicídio. Dois deles devem ser motivo fútil e impossibilidade de defesa da vítima”.

Imagem: repórter à noite sem identificar o local.

Reportagem2- off1: “durante toda a madrugada muitas pessoas já esperavam a saída de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Seguranças foram contratados para proteger a

família. Mesmo assim, a casa ficou cheia de cartazes de protestos. O advogado da família tentou acalmar as pessoas”.

Imagens: aberta de pessoas em frente à casa de Antônio Nardoni; fechada no rosto de mulher; carro passando; seguranças que falam ao telefone; cartazes pendurados nos portões da casa, pedindo justiça e paz; advogado cercado de câmeras.

Sonora2- Ricardo Martins – Advogado: “respeitem essa família. Esses cartazes ofensivos. É humilhante”.

Imagem: cartazes com pedido de paz.

Off2: “por volta de dez da manhã, o casal tentou deixar a casa, mas o tumulto era grande e ele desistiu. Reforço policial teve de ser chamado. A polícia fez um cordão de isolamento e o GOE – Grupo de Operações Especiais protegeu o casal com escudos. A madrasta de Isabella apareceu bastante aflita e chorando. Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá chegaram à delegacia para prestar depoimento por volta das onze e meia. Na rua, muitas pessoas com cartazes gritavam: ‘assassinos’. A rua foi isolada. A imprensa ficou em local restrito. Até banheiro químico foi levado para as pessoas que queriam acompanhar o depoimento. Lugares estratégicos foram disputados. O primeiro a depor foi Alexandre Nardoni acompanhado de três advogados. Amanhã será a vez do pai e da irmã de Alexandre prestar depoimento. Os laudos foram entregues para a polícia na madrugada. O instituto de criminalista concluiu que não havia uma terceira pessoa na cena do crime. Que uma toalha e uma fralda foram usadas para limpar os ferimentos de Isabella antes dela ser jogada do apartamento, que os fragmentos de nylon encontrados na camiseta de Alexandre Nardoni eram da tela de proteção por onde Isabella foi jogada, e que o sangue achado no apartamento era mesmo da menina. O laudo do IML afirma que antes dela ser jogada, ela sofreu uma tentativa de esganadura. Isabella ocorreu em decorrência da queda por politraumatismo. Com o impacto, ela teve uma asfixia agravada e uma embolia pulmonar, quando a circulação de sangue no pulmão é interrompida. Rodrigo Hidalgo de São Paulo para o Jornal da Band”.

Imagens: portão da garagem sendo aberto; vários cinegrafistas e curiosos; aérea de tumulto; carro entrando novamente na garagem; pessoas gritando “assassinos”; aérea mostrando policiais, isolando o acesso a casa; GOE protegendo casal com escudos; madrasta à frente chorando; viaturas pelas ruas; Alexandre Nardoni escoltado por policiais saindo da viatura, Anna Carolina sai atrás dele; pessoas com cartazes gritando na rua: “assassinos”; rua isolada; banheiros químicos; pessoas; câmeras em laje; Alexandre Nardoni entrando na delegacia

escortado por vários policiais; Cristiane e Antônio Nardoni na sacada de casa; peritos na janela e sacada do edifício; jardim, quando peritos faziam a simulação da queda; tela de proteção rasgada em desenho; colchão; fotografia de Isabella; viatura da polícia; boneca caída no jardim; grades do edifício; recurso gráfico percorre as grades do edifício até a imagem de boneca que simula Isabella caída no jardim.

Chamada *Stand up1* - Boechat: “o repórter Márcio tem novas informações sobre o assassinato da menina Isabella. Márcio o depoimento de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella já começou?”

Imagem: fechada em Boechat e depois tela dividida com rosto dele e do repórter.

***Stand up1* – Márcio Campos:** “olha Boechat, ainda não começou e não tem previsão para início. Agora há pouco, os delegados resolveram fazer uma parada no interrogatório de Alexandre. Já são sete horas e 25 minutos de perguntas e respostas, porém, o cansaço foi maior. Os dois delegados, o promotor e os três advogados pararam conjuntamente com o indiciado para um lanche. A expectativa é que dentro de 30 minutos eles retornem para a sala da delegada e recomecem o interrogatório que não tem hora para terminar. O depoimento de Anna Carolina também deve durar o mesmo tempo. Após o interrogatório dela, a delegada deve fazer uma acareação entre Alexandre e Anna Carolina”.

Imagem: repórter e aérea de frente à delegacia.

Ticiano Villas Boas: “e ainda nesta edição do jornal, mais informações sobre o caso Isabella”.

Imagem: apresentadora em bancada.

Outros acontecimentos.

Chamada - Boechat: “vamos conversar com Márcio Campos que está na zona norte de São Paulo, na delegacia que concentra as investigações sobre o assassinato da menina Isabella. Márcio, o pai de Isabella, Alexandre Nardoni ainda está depondo. Ele pode ter a prisão dele decretada novamente ao fim desse depoimento?”

Imagens: fechada em Boechat; dividida tela entre Boechat e Campos.

Stand up2 - Campos: “olha Boechat se ele e a madrasta confessarem que cometeram algum crime. A polícia pode sim decretar a prisão e a justiça decretar a prisão do casal. Há uma tentativa de jurisprudência nesse caso. Existe uma análise por parte da polícia. Se após os interrogatórios, a polícia pediria novamente uma prisão temporária. Ainda há uma dúvida porque eles já passaram por uma prisão temporária, e o Tribunal de Justiça ainda não julgou a liminar que os colocou de volta na rua. O depoimento, o interrogatório de Alexandre começou exatamente agora, depois de sete horas e vinte e cinco minutos, todos pararam para um lanche, e agora, retornaram para a sala da delegada, onde permanecem interrogando Alexandre Nardoni. Esse interrogatório ainda não tem horário para terminar. De São Paulo, Márcio Campos para o Jornal da Band”.

Imagens: repórter; do alto de uma laje em frente à delegacia; entrada da delegacia com policiais fazendo a segurança; repórter.

Reportagem 3- Boechat: “a pequena Isabella Nardoni faria aniversário hoje. Esse é motivo de mais emoção para familiares e amigos da menina”.

Imagem: plano fechado em Boechat.

Off1: “no dia em que Isabella completaria seis anos, a família foi ao cemitério. Os avôs maternos ficaram muito comovidos. Flores e até brinquedos foram deixados no túmulo da menina”.

Imagens: fotografia de Isabella sorrindo com flor no cabelo; pessoas no cemitério; avôs no cemitério; flores e brinquedos no túmulo.

Sonora1 – Denise Malafaia – Educadora: “somente isso que pedi: que ela descanse em paz”.

Imagem: entrevistada.

Off2: “a primeira escola em que Isabella estudou, os amigos organizaram uma oração. No colégio onde estava matriculada, os funcionários não conseguiram conter a emoção.

Imagens: fechada em menina rezando; crianças rezando sentadas no chão da sala; aberta da fachada do colégio; fotos de Isabella em cartaz com colegas”.

Sonora2 – Leonora Lisboa Homem – Educadora: “ela vinha, beijava, abraçava”.

Imagens: professora chorando e depois subindo escada.

Off3: “na casa de Ana Carolina Oliveira, o movimento foi grande o dia todo. Eles receberam a visita de amigos que chegavam e partiam sem falar nada”.

Imagens: rapaz entrando e subindo escadas da casa.

Passagem2 – Fernanda Bak: “a mãe da menina nem dormiu em casa hoje. Passou o dia do aniversário da filha reclusa. Só saiu no início da manhã para visitar o túmulo de Isabella”.

Imagem: em frente à casa da mãe de Isabella.

Off4: “a única manifestação de Ana Carolina Oliveira aconteceu pela internet. Neste site de relacionamentos ela publicou um texto em homenagem à filha, dizendo que Isabella será eterna e que a morte não é tudo, não é o final. E os recados na página já ultrapassam cem mil. Quem presta apoio de perto a Ana Carolina é Massataka Ota. Ele também perdeu o filho, Ives Ota, que tinha oito anos, quando foi assassinado”.

Imagens: fotografia do rosto de Isabella sorrindo em frente piscina; outra fotografia de Isabella; página do *Orkut* grifada a frase “a antiga vida que vivemos, permanece intocada, imutável”; “A morte não é tudo. Não é o final”; Massataka Ota; fotografia de Ives.

Sonora3- Massataka Ota – Pai de Ives Ota: “que justiça nossa não deixa impune. Que quem fez tem que pagar”.

Imagem: entrevistado.

Off5: “ontem ele estava ao lado de Ana Carolina, em uma missa, na zona sul de São Paulo. Muita gente saiu da igreja emocionada”.

Imagens: Ana Carolina com camiseta com fotografia da filha; pessoas na missa;

Sonora4- Ana Paula Klenkisty – Auxiliar fiscal: “ela veio nos dar força mesmo. Acho que realmente a Isabella era um anjo que estava na vida dela”.

Imagens: entrevistada e fotografia de Isabella com mensagem.

Off6: “o que todo mundo espera é uma resposta. Tainá de três anos, vizinha da família Oliveira, observa curiosa ao lado do avô, o movimento na rua, onde costumava brincar com Isabella. Você brincava com Isabella?”

Imagem: de Isabella com uma mensagem e de avô com criança no colo.

Sonora5 – Tainá – 3 anos: “brincava. Ela ta com o papai do céu”.

Imagem: criança no colo do avô e rua.

Outros acontecimentos.

Tempo total: 7min58s

ANEXO E – Transcrição de áudio e vídeo do RedeTV News de 18/04/08

Vinheta.

Manchete - Augusto Xavier: “polícia decide indiciar pai e madrasta por homicídio”.

Imagens: apresentador na bancada; Anna Carolina saindo da casa do pai de Alexandre abraçada por advogado e protegida por escudo.

Rita Lisauskas: “a decisão leva milhares para as ruas”.

Imagens: apresentadora na bancada; de cima de uma laje da viatura da polícia cercada por curiosos, policiais e jornalistas.

Xavier: “movimentação teve momentos de revolta e de dor”.

Imagens: apresentador na bancada; pessoas protestando e gesticulando os braços para cima.

Rita: “mas também mostrou imagens constrangedoras e apelativas”.

Imagens: apresentadora na bancada; homem fantasiado de árabe com pessoas à volta gesticulando e gritando; pessoa segurando um bolo de aniversário.

Outras manchetes.

Xavier – O RedeTV News volta já.

Imagens: apresentador na bancada;

Vinheta.

Reportagem1- Cabeça – Xavier: “o Caso Isabella: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá são oficialmente suspeitos pelo crime. No dia dos mais longos depoimentos do pai e da madrasta, a polícia decidiu indiciar o casal por homicídio”.

Imagens: apresentador na bancada.

Reportagem 1 - Sonora1 – Aldo Galeano – Delegado-chefe: “vão ser todos indiciados, os dois. Daí, nós vamos analisar as qualificadoras, as condutas, a prisão nós vamos estudar. Não é o momento oportuno. Nós temos que analisar documentos”.

Imagens: entrevistado cercado de repórteres em coletiva em frente à delegacia. Ao lado de Galeano aparece o superintendente do GOE e outros policiais; Luiz Antônio Pinheiro.

Sonora2 - Repórter sem ser identificada: “como é que está o depoimento?”

Galeano: “o depoimento está indo bem, mas sobre os fatos, não vamos falar nada”.

Imagens: entrevistado e policiais ao seu redor.

Passagem – Fernanda Balsalobre: “Alexandre Nardoni foi interrogado primeiro na companhia dos advogados de defesa. O depoimento durou mais de seis horas. Logo depois, foi a vez de Anna Carolina Jatobá ser ouvida separadamente. A chegada do casal ao 9º Distrito policial foi complicada e acompanhada por uma multidão”.

Imagens: à noite, da repórter em frente grades de isolamento colocadas pela polícia em frente ao distrito policial; policial atrás dela ao fundo.

Off1: “às dez e vinte e oito, o carro da família tentou sair, mas muitas pessoas cercaram o veículo e eles voltaram para a garagem. Foi preciso chamar equipes do Grupo de Operações Especiais da Polícia Civil para fazer a escolta. Pouco tempo depois, Anna Carolina Jatobá apareceu ao lado do advogado e desceu as escadas até o carro, chorando muito, logo atrás, Alexandre Nardoni também entrou no veículo debaixo de muitas vaias. O comboio seguiu até a delegacia em menos de dez minutos. Na chegada, Alexandre desceu primeiro. Olhou para jornalistas e para a multidão e, em seguida, Anna Carolina Jatobá, seguiu cabisbaixa”.

Imagens: carro do pai de Alexandre tentando sair de casa; aérea de várias pessoas em volta; carro retorna à garagem; policiais e viatura do GOE tentando dar marcha ré; aérea da viatura do GOE com policiais e curiosos a volta; lateral de dois policiais descendo a escada do pai de Alexandre, seguidos por Anna Carolina chorando com o seu advogado. Alexandre com o seu advogado desce atrás; Anna se abaixa para entrar na viatura debaixo de um escudo; policiais e Alexandre entrando no carro; aérea da viatura cercada se deslocando até à delegacia; vários policiais; Alexandre cercado de policiais e olhando para a multidão; Anna Carolina cabisbaixa.

Chamada stand up1 - Rita: “nós vamos agora ao 9º Distrito Policial na zona norte de São Paulo onde estão concentradas as investigações do caso. Ao vivo o repórter Emerson Tchalian tem mais informações. Boa noite, Tchalian! A madrasta da Isabella, Anna Carolina Jatobá já está depondo?”

Imagens: apresentadora na bancada; divida de Rita no estúdio e Tchalian em frente ao distrito policial.

Standu up1 - Emérson Tchalian – Repórter: “boa noite Rita! Boa noite Augusto! Está sim. O interrogatório de Anna Carolina Jatobá começou por volta das oito horas da noite, portanto, já dura mais de uma hora. Começou logo após o fim do interrogatório de Alexandre Nardoni. Anna Carolina está respondendo a todas as perguntas, mas a informação que a gente tem é

que ela chora e chora muito. O interrogatório de Alexandre durou oito horas e neste período, Anna ficou em uma sala separada e pegou no sono duas vezes. Alexandre continua aqui na delegacia, no 9º Distrito Policial, mas está agora em uma sala separada. Na sala do interrogatório estão sete pessoas. O delegado titular, Calixto Kalil Filho, a delegada assistente, Renata Pontes, o promotor Francisco Cembranelli, dois advogados de defesa, um escrivão, e é claro, Anna Carolina Jatobá. A previsão é que o interrogatório de Anna se estenda por toda a madrugada e daqui a pouco nos voltamos aqui do 9º Distrito Policial na zona norte de São Paulo com mais informações. Eu volto aos estúdios”.

Imagens: à noite do repórter com dois policiais em seu lado esquerdo ao fundo; abre para pessoas sentadas nas cadeiras conversando; luzes de câmeras de outras emissoras ligadas; equipamentos de televisão; policiais que vigiam o local separado pelas grades de proteção; fachada da delegacia; mesmas pessoas novamente; repórter.

Reportagem2 – Cabeça - Xavier: “e os laudos examinados pela polícia esclareceram que fontes importantes do crime como o que causou a morte de Isabella”.

Imagem: apresentador na bancada.

Off1: “a polícia descartou definitivamente a hipótese de uma terceira pessoa ter entrado no apartamento na noite do crime. Também está confirmado que as gotas de sangue encontradas lá dentro são mesmo de Isabella, o que levou os peritos a outra certeza. Ela foi espancada e esganada dentro do apartamento. O assassino apertou o pescoço da menina durante três minutos, o que resultou numa parada respiratória. Ela ficou em estado letárgico como se estivesse morta, respirava muito lentamente. Uma fralda e uma toalha teriam sido usadas em seguida para limpar o sangue de um ferimento na testa de Isabella que teria sido provocado num choque com a maçaneta da porta. Desmaiada, Isabella foi jogada pela janela. Na queda, sofreu vários traumatismos, o que acabaria causando a morte da menina”.

Imagens: arte gráfica em meio plano de um homem escrito “Não há terceiro plano”; fundo amarelo e gotas de sangue em vermelho escrito “Sangue no apartamento era de Isabella”; desenho de Isabella sentada no chão e sendo esganada, escrito “Isabella foi esganada durante três minutos e sofreu parada respiratória”; toalha e fralda sujas de sangue escrito “Fralda e toalha tinham sangue de Isabella”; desenho em cinza de Alexandre jogando Isabella pela janela escrito “Isabella já estava desmaiada quando foi jogada”. Desenho de Isabella caindo escrito “Causa da morte: politraumatismo”.

Cabeça - Rita: “mesmo se for comprovado que o pai e a madrasta de Isabella são culpados, o caso pode demorar mais de três anos só para começar a ser julgado”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Reportagem3-off1: “Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá podem ir a júri popular por homicídio doloso por intenção de matar e qualificado por motivo fútil. A pena pode ser de doze a trinta anos de prisão com um agravante: o crime foi contra uma criança. Existem alguns atenuantes como não terem antecedentes criminais e serem réus primários. Até uma possível confissão. A hipótese de homicídio culposo sem intenção de matar é praticamente descartada, pois a polícia afirma que a morte de Isabella não foi um acidente. Até o julgamento, o casal pode permanecer em liberdade”.

Imagens: Alexandre e Anna Carolina saindo com os advogados da delegacia à noite, cercados por policiais, fotógrafos e cinegrafistas; flashes de máquinas fotográficas; Anna Carolina caminhando pela rua sozinha uns dias após a morte de Isabella; peritos no jardim do *London* na noite do crime; viatura saindo da delegacia com o casal cercada por jornalistas e policiais; fotografia de Isabella fazendo com a mão um “V”; Alexandre e Anna saindo da casa de Antônio em outro dia que não era do depoimento do dia 18 de abril; fotografia do rosto de Isabella; fotografia de Isabella com a mãe, Ana Carolina Oliveira, na praia; imagem da janela do sexto andar onde mora o pai e a madrasta de Isabella com o perito, fazendo a investigação. Imagem começa fechada e abre até a metade do prédio; fechada de frente de viatura que transportou o casal; fechada na janela com o perito; saída da casa de Antônio de Alexandre e Anna Jatobá com a segurança dos policiais e os gritos das pessoas que estavam no local.

Sonora1 – José Fernando da Costa – Presidente da Comissão de Direito

Criminalista/OAB: “a sociedade está revoltada, mas o Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça, hoje, decidem com muita tranqüilidade que o clamor público não é requisito de prisão preventiva”.

Imagem: meio plano do entrevistado.

Off2: “os dois filhos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, hoje, sob os cuidados dos avôs ainda tem o futuro incerto”.

Imagens: a mesma de Alexandre e Anna saindo da casa de Antônio em um dia que não era o do depoimento; lateral de Alexandre empurrando o carrinho no supermercado, com Isabella e

os irmãos dentro dele. Anna Carolina caminhava ao lado de Alexandre. Na seqüência, imagem de costas deles na esteira rolante.

Passagem – Marcelo Medeiros: “o casal só perde a guarda dos filhos se for julgado culpado e condenado há mais de dois anos de prisão, mesmo assim só quando a decisão for definitiva sem a possibilidade de recurso”.

Imagem: repórter no centro em São Paulo.

Sonora2 – José Francisco Miranda Leão – Advogado: “em princípio a família tem preferência porque a entidade familiar é preservada neste momento por própria constituição”.

Imagem: meio plano no entrevistado.

Xavier – Cabeça: “com o cemitério fechado, longe da imprensa e de curiosos, a mãe de Isabella visitou o túmulo da garota, hoje cedo. Depois, dezenas de visitantes procuraram a sepultura que completaria seis anos hoje”.

Imagem: apresentador na bancada.

Reportagem4- off1: “várias pessoas visitaram a sepultura da garota e depositaram flores no local. A mãe de Isabella, Anna Carolina Oliveira, passou pelo cemitério logo que foi aberto, por volta das oito da manhã. Imagens de santos, terços e desenhos foram colocados no túmulo da menina. Os avôs maternos de Isabella voltaram para casa por volta de quatro e meia da tarde acompanhados por um tio da menina”.

Imagens: aérea dos avôs, tio e amigos de Isabella em círculo ao redor da lápide e rezando; outras pessoas ao redor da lápide após a família ter ir embora; mulher entrando na casa dos avôs maternos; avô materno chegando em casa a pé.

Passagem – Patrícia Biasi - São Paulo: “ao contrário do que aconteceu nas proximidades do 9º Distrito Policial e de onde mora a família Nardoni, na casa da mãe de Isabella, o movimento foi tranqüilo durante todo o dia, apesar do clima de muita tristeza. Até o início da noite, Ana Carolina Oliveira não tinha voltado para casa”.

Imagem: à noite, repórter em frente à casa dos avôs maternos sem pessoas na rua.

Off2: “a mãe de Isabella fez uma homenagem à filha no site de relacionamentos, Orkut. No texto, ela diz: ‘A morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada

aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos'. O texto é tradução de um poema escrito por um padre inglês em 1810”.

Imagens: página de Ana Carolina Oliveira no Orkut com as frases do poema destacadas; fotografias de Ana com a filha na piscina, das duas juntas fazendo poses, de Isabella no colo da mãe, e somente de Isabella em pé e outra do rosto dela.

Rita – Cabeça: “e o taxista que há dois meses transportou a madrasta de Isabella e ouviu queixas dela sobre a enteada foi hoje visitar o túmulo da própria filha que foi assassinada pelo padrasto”.

Imagem: apresentadora na bancada.

Reportagem5-off1: “o taxista ainda se emociona ao visitar o túmulo da filha. Ela foi asfixiada pelo padrasto quando tinha quatro anos, em 1992. O crime foi presenciado pela mãe. Os dois foram condenados pela justiça”.

Imagens: desfocada do rosto do taxista e fechada nos olhos dele; taxista junto ao túmulo da filha de costas. Imagem começa mais fechada e é aberta para outros túmulos no cemitério; desfocada no rosto do taxista.

Sonora1 – Sem identificar - Repórter: “como você se sente hoje em vir a esse cemitério?”

Entrevistado: “eu sinto um pouquinho de saudades”.

Imagens: de baixo para cima do taxista de costas e a repórter de lado entrevistando-o; árvores no cemitério e outros túmulos.

Passagem4 – Cíntia Gasques: “o fato de ter uma história parecida com a da menina Isabella, levou o taxista procurar a polícia para prestar depoimento. Há dois meses, ele fez uma corrida para a madrasta Anna Carolina Jatobá”.

Imagem: repórter na frente do veículo do taxista com ele de lado.

Off2: “em uma conversa informal durante o trajeto. O taxista contou o que havia acontecido com a filha dele, o que teria incentivado Anna Carolina a comentar da enteada Isabella”.

Imagens: de frente do táxi andando na rua.

Sonora2- Sem identificar- Entrevistado: “ela contou que tinha ciúmes da menina. Comentava que ele não dava atenção para ela e nem para as crianças. Só dava atenção para ela”.

Repórter: Só para a Isabella?

Entrevistado: “só para a Isabella”.

Imagem: dentro do táxi.

Off3: “segundo o taxista, a madrasta de Isabella disse que resolveria o problema”.

Imagem: mais fechada do taxista.

Sonora3- Sem identificar - Entrevistado: “ela não agüentava mais e disse que um dia ia tomar uma decisão, mas também nem esperava essa decisão”.

Imagem: dentro do táxi.

Reportagem6- Xavier: “a morte de Isabella tem chamado a atenção de toda a opinião pública, mas como explicar para pais e crianças que vêm nesse caso uma violência contra a família? Veja agora, uma outra situação como essa, mas que teve um final feliz”.

Imagem: apresentador na bancada.

Off1: “Maria e Tainá, uma história de amor que começou há dois anos. Tainá vivia nas ruas, vendia balas, pedia esmolos, e quando voltava para casa, a mãe usuária de drogas, retribuía da pior maneira possível”.

Observação: não gravada no total.

Reportagem 7- Cabeça: não foi possível gravá-la porque a gravação foi feita com um único aparelho receptor.

Off1: “Alexandre e a madrasta de Isabella viveram crises freqüentes de ciúmes. Em depoimento à polícia, Anna Jatobá admitiu ter desentendimentos com a mãe de Isabella, por conta de ciúmes do marido. Mas para este psicólogo, o sentimento não serve de justificativa para atos violentos ou até crimes”.

Imagens: a mesma imagem de Alexandre e Anna Carolina descendo a escada da casa de Antônio em outro dia que não do depoimento de 18 de abril; eles entrando em um veículo; policiais em frente ao 9º Distrito Policial; viatura saindo do distrito cercada por policiais e

jornalistas; fachada do “Portal do Morumbi 89 DP; à noite de porta que dá acesso à delegacia; rosto do entrevistado; aberta do entrevistado e do repórter.

Sonora1- Aílton Amélio da Silva: “se a pessoa tem muito ciúmes e até um desequilíbrio psicológico, a soma dos dois é que leva ao crime”.

Imagem: fechada no entrevistado.

Xavier: “daqui a pouco mais informações do caso Isabella”.

Imagem: apresentador em bancada.

Reprotagem 8 – Cabeça: “continua a ocupação da polícia na vontade de aparecer. A repercussão do caso Isabella proporcionou cenas e emoções de todo o tipo em frente à casa dos Nardoni e também do 9º Distrito Policial. Muita gente confundiu tragédia com espetáculo”.

Imagem: fechada no apresentador em bancada.

Off1: “a confusão começou logo de manhã. O casal Nardoni teve dificuldade para sair de casa porque uma multidão se aglomerou em frente ao local. Todo mundo queria ver o pai e a madrasta de Isabella. O carro com Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá tentou sair, mas teve que voltar para a garagem. Eles só conseguiram sair vinte minutos depois escoltados pela polícia. Várias viaturas garantiram o trajeto do casal Nardoni até o 9º Distrito Policial. Ao chegar lá, a recepção não poderia ter sido pior, além dos jornalistas separados em uma área demarcada, cerca de 300 pessoas aguardavam o casal, clamando por justiça, a multidão levou um bolo e cantou parabéns para Isabella que hoje completaria seis anos. Houve mais gritos, e novamente, Alexandre e Anna Jatobá foram xingados. Uma pedra foi jogada em uma viatura da polícia. Entre os presentes, vários tipos de curiosos. Desde moradores da região, até pessoas fantasiadas”.

Imagens: lateral de policias, Anna e Alexandre descendo as escadas da casa de Antônio Nardoni acompanhados dos advogados e protegidos pela polícia; aérea da viatura que transportaria o casal, cercada por multidão; carro dando ré na casa de Antônio, seguranças e câmeras; policias e escudos protegendo o casal; aérea do comboio que fez a segurança da viatura que levou o casal ao distrito policial; policiais, viaturas, câmeras, jornalistas, fotógrafos e curiosos; aérea demarcada para jornalistas, pessoas e cartaz pendurado em árvore dando parabéns à Isabella pelo aniversário e clamando por justiça; homem com bolo na mão e

fantasiado de árabe; pessoas cantando parabéns gesticulando os braços e com balões nas mãos; Alexandre saindo da viatura no distrito rodeado de policiais e o advogado; pessoas xingando o casal de “assassinos”; aérea de viatura da polícia cercada; homem com faixa escrito “paz”; moradora na janela; fantasiado.

Passagem – Rodrigo Cabral: “ninguém se deixou vencer pelo cansaço, pelo contrário, à medida que o tempo foi passando, o número de curiosos aumentou em frente à delegacia. Pessoas de todas as idades que não se cansam de pedir justiça no caso da menina Isabella”.

Imagens: à noite do repórter em frente ao distrito policial; policiais e muitas pessoas em volta; cartaz.

Chamada *stand up*2- Rita: “e vamos voltar ao vivo no 9º Distrito Policial onde o repórter Émerson Tchalian tem as últimas informações sobre o caso Isabella. Tchalian, a Anna Carolina Jatobá continua depondo?”

Imagens: apresentador na bancada; tela dividida entre apresentador e repórter.

Stand up2: “continua sim Rita. O interrogatório já dura quase duas horas e Alexandre também permanece aqui no 9º Distrito Policial. Amanhã, depõem aqui mesmo no distrito, o pai de Alexandre, Antônio Nardoni, e a irmã, Cristiane Nardoni. Os depoimentos acontecem às quatro horas da tarde. E os laudos, as informações dos laudos do Instituto de Criminalística começam a dar mais detalhes sobre a morte de Isabella. Os peritos encontraram sangue de Isabella dentro do carro, na cadeirinha do bebê, no assoalho, e também no acento e eles também encontraram sangue no hall de entrada do prédio. Os pais Alexandre, e Carolina, teriam usado uma fralda e um pano para limpar a menina. A informação que a gente recebe também, de acordo com os peritos, é que o pai e a madrasta estavam no apartamento no momento em que ela foi jogada do sexto andar. Voltamos aos estúdios do *RedeTV News*”.

Imagem: repórter em frente ao distrito policial em área cercada.

Outro acontecimento.

Tempo total: 12min20s

ANEXO F – Transcrição de áudio e vídeo do Jornal do SBT de 18/04/08

Vinheta.

Manchete - Carlos Nascimento: “boa noite! O Jornal do SBT está ao vivo com todas as informações do caso Isabella”.

Imagem: fechada nos dois apresentadores.

Cynthia Benini: “o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá deixou de ser suspeito”.

Imagem: Alexandre e Anna saindo de casa protegidos por policiais e abraçados pelos advogados.

Nascimento: “eles agora são acusados do crime”.

Imagem: Alexandre em primeiro plano no meio de dois policiais.

Repórter: “os policiais ainda estão ouvindo o depoimento de Anna Carolina Jatobá”.

Cynthia: “no dia em que seria aniversário da menina Isabella, tristeza”.

Imagens: Isabella na escola com outros colegas; imagem dos colegas desfocada e a dela com um retângulo destacando a sua imagem; Isabella e colegas faziam apresentação na escola; Professora enxuga lágrima.

Vinheta.**Outras manchetes.**

Chamada1- Stand up1 – Cynthia: “Ana Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni são culpados do assassinato de Isabella Nardoni. É essa a conclusão da polícia”.

Imagem: os dois apresentadores na bancada.

Chamada 2 - Stand up1 – Nascimento: “os dois já foram indiciados em inquérito, mas Anna Carolina Jatobá ainda presta depoimento no 9º Distrito Policial. Vamos agora ao vivo falar com a repórter Ana Volpi que está em frente à delegacia. Ana, boa noite! Quando é que vai terminar o depoimento?”

Imagem: recorte do rosto de Nascimento ao lado do recorte do rosto da repórter.

Stand up1 – Ana Volpi: “boa noite, Nascimento! A previsão é que o depoimento termine às 4 horas da manhã. Ela começou a ser ouvida pelos policiais às 8 horas da noite, depois de Alexandre Nardoni. Durante o dia Anna Carolina ficou em uma sala. Ela comeu normalmente e chegou a dormir. Neste momento, quem está na sala é Alexandre Nardoni acompanhado pelos policiais. A informação é que ele está assistindo televisão. A polícia usou algumas estratégias para ouvir o casal”.

Imagem: repórter em frente à delegacia.

Reportagem 1 - Off1: “fotos desde o nascimento até os últimos dias de vida. A polícia levou um álbum de Isabella para mostrar ao pai Alexandre Nardoni e para a madrasta Anna Carolina Jatobá, durante o depoimento dos dois nesta sexta-feira. Além do escrivão, do delegado Calixto Kalil Filho e da assistente dele, Renata Pontes, acompanharam o depoimento o promotor Francisco Cembranelli e os advogados do casal, que a todo momento se revezavam para não deixar Anna Carolina sozinha. Na sala onde ela estava, uma tevê ficou ligada o tempo todo no noticiário sobre o caso”.

Imagens: aberta no rosto de Isabella sorrindo até fechar no próprio rosto dela; depoimento do casal em forma de desenho; Alexandre no meio de policial e Anna; desenho mostra posições durante o depoimento: escrivão, delegada, assistente, promotor, Alexandre e advogados; desenho Anna sentada em frente à tevê; entrada de policiais no 9º DP.

Passagem1 – Celito Esteves: “a polícia preparou para o casal 50 perguntas com base nos laudos do IML e do Instituto de Criminalística. Ele se manteve firme durante o depoimento. Já a madrasta de Isabella, chorou várias vezes enquanto falava à polícia”.

Imagem: em frente ao *London*.

Off2: “a polícia também tentou vencê-los pelo cansaço. As perguntas foram repetidas exaustivamente. Alexandre entrou em contradição algumas vezes. Foram mais de seis horas cara a cara com a polícia. Antes que Anna Carolina Jatobá começasse a ser ouvida, a polícia deu a notícia, os dois foram indiciados”.

Imagens: policiais na rua, viatura, repetida imagem da entrada dos policiais no 9º DP; multidão e policiais; aberta na rua com policiais; tenda para jornalistas; grades cercando a rua; muitos policiais em frente à delegacia.

Sonora1 – Aldo Galeano – Diretor da Polícia Civil: “o caso já está praticamente solucionado. As autoridades vão discutir as qualificadoras”.

Imagem: entrevistado.

Off3: “os policiais não têm mais dúvidas e creditam o assassinato da menina ao pai, Alexandre Nardoni. Ele teria jogado Isabella da janela do apartamento no sexto andar, na noite de 29 de março. Ainda falta o conteúdo completo dos laudos do IML e do Instituto de

Criminalística de São Paulo para que a prisão dos dois seja pedida. Até agora o que a polícia sabe é que Isabella foi esganada e jogada viva. Ela morreu em decorrência da queda. A queda provocou politraumatismo com lesões nos órgãos internos da menina. Havia sangue de Isabella no quarto, na sala e no colchão. Havia vestígio de nylon na camisa do pai. Foram encontrados vestígios de sangue na roupa da madrasta. Havia pegadas de somente dois adultos no apartamento. Pai e madrasta. A marca encontrada no colchão é do chinelo que Alexandre Nardoni usava na noite do crime. Uma toalha e uma fralda foram usadas para limpar o sangue no rosto de Isabella. A altura da pessoa que jogou Isabella é a mesma de Alexandre Nardoni. O pai da madrasta de Isabella, Alexandre Jatobá não quis falar sobre o indiciamento da filha. Por telefone, ele negou uma das versões dadas para o espancamento de Isabella”.

Imagens: entrevista diretor da Polícia Civil; aérea de muitos policiais conduzindo Alexandre Nardoni até 9º DP; fotografia do rosto de Isabella; desenho da janela de onde a menina foi arremessada; desenho sexto andar do prédio; desenho da fachada do edifício *London*; manchas de sangue sendo periciadas com equipamento; fachadas do IML e instituto de criminalística; Alexandre entrando abaixado na viatura com escudos da polícia; fotografia de Isabella parada escrito “Morte: Isabella foi esganada, jogada viva”. “Causa da morte: queda, Politraumatismo: lesões por órgãos internos”; desenho de sangue escrito “Sangue: no quarto, na sala e no colchão”. Fotografia da rede escrito “Vestígios: vestígios de nylon na camisa do pai”. “Vestígios de sangue na roupa da madrasta”; fotografia das pegadas escrito “Pegadas: Alexandre e Anna Carolina Jatobá”. “No colchão: chinelo de Alexandre Nardoni”; desenho de sangue escrito “Toalha e fralda: usadas para limpar o rosto de Isabella”; desenho de homem escrito “Altura de quem jogou Isabella é a mesma de Alexandre Nardoni”.

Por telefone – Alexandre Jatobá – Pai de Anna Carolina Jatobá: “alguns meios de comunicação como a imprensa escrita, têm veiculado no dia de hoje, que a nossa Isabella teria derrubado o Cauã e por conta disso houve um surto em minha filha. Isso é uma coisa irresponsável, sobretudo de uma irresponsabilidade cruel, cruel senhor jornalística. Porque veja bem, o nosso neto encontra-se em perfeitas condições, não tem nenhum arranhão”.

Imagens: recorte do rosto de Alexandre Jatobá; Anna Carolina caminhando na frente de casa.

Off4: “já a irmã de Alexandre Nardoni, Cristiane Nardoni, contou como a família reagiu com a notícia do indiciamento”.

Imagens: Cristiane e Isabella Nardoni.

Por telefone – Cristiane Nardoni – Irmã de Alexandre Nardoni: “a reação da minha mãe foi de muita comoção. A gente ta muito triste, o que mais a gente faz é pedir a Deus para que nos ajude a mostrar quem realmente fez isso com a Isabella, quem foi esse monstro. Porque nós temos certeza da inocência deles”.

Imagens: Cristiane e Isabella Nardoni.

Off5: “e pediu respeito à família”.

Imagens: Cristiane e Isabella Nardoni.

Por telefone – Cristiane Nardoni – Irmã de Alexandre Nardoni: “as pessoas por mais que não acreditem tivessem um pouco de respeito com a família, assim, agressões, palavras de baixo calão, ofensas. Tudo isso não é justiça”.

Imagem: fechada nos rostos de Cristiane e Isabella Nardoni.

Stand up2 – Ana Volpi – São Paulo: “e agora à noite a nossa equipe de reportagem conversou por telefone com a avó materna de Isabella, mãe de Ana Carolina Oliveira, ela não quis gravar entrevista, mas informou que a filha ainda não voltou ao trabalho e que neste momento está na casa de amigos. Rosa também não quis comentar o indiciamento do pai de Isabella e da madrasta. Nascimento!”

Imagem: repórter em frente à delegacia.

Nascimento: “obrigado, Ana Volpi!”

Imagem: apresentador na bancada.

Reportagem 2 – Cabeça: “Nascimento: Gritos, manifestação e até agressão. Uma multidão esperava os depoimentos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá nesta sexta-feira”.

Imagens: Nascimento na bancada, tendo atrás dele em seu canto esquerda uma tela com imagem do rosto de Isabella.

Cynthia: “na casa do pai de Alexandre Nardoni, a imprensa e os curiosos até invadiram a garagem”.

Imagem: Cynthia na bancada em meio plano.

Off1: “o carro do casal teve que recuar e policiais do Grupo de Operações Especiais. A ordem era esperar reforço policial para daí sim, sobre a proteção de escudos de aço tomar o rumo da

delegacia. Anna Carolina abraçada pelo advogado chorava. No carro da polícia, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, percorreram as ruas estreitas do bairro da zona norte em alta velocidade. Deixavam para trás imagem de insultos, revolta que terminou em ato de vandalismo e na prisão de dois pichadores. Na delegacia, ninguém se mexia, as portas foram fechadas para boletins de ocorrência. No pátio, os homens de preto impediam a invasão. Uma grade ferro garantia a distância entre a polícia e a imprensa, e duas faixas separavam os jornalistas dos curiosos”.

Imagens: carro recuando para a garagem; policiais; policiais entrando no portão da casa com escudos de aço; Anna Jatobá chora abraçada pelo advogado; Alexandre Nardoni atrás entrando no carro; aérea da viatura no trajeto até a delegacia; cartazes e muro escrito justiça; pichadores sendo algemados e presos, conduzidos pela viatura; fechada na porta da delegacia e aberta com policiais em frente; grade separando os curiosos; curiosos e jornalistas.

Sonora1 – Risoleta Pereira – Dona-de-casa: “já lavei roupa, pus meu neto na escola, e agora, vou ficar aqui o dia inteiro”.

Imagem: entrevistada.

Off2: “de onde vem tanta disposição para ficar de pé durante horas”.

Imagens: pessoas fotografando e gravando com celulares e máquinas; câmeras das emissoras.

Sonora2 – Sérgio de Oliveira – Autônomo: “eu tô aqui, talvez assim, para levantar a moral, entendeu. Para evitar de isso acontecer novamente com outra criança”.

Imagem: entrevistado.

Off3: “parecia um espetáculo. O melhor lugar era de quem estava sempre nas alturas. Trabalhando, espiando pela janela, ou na laje que aqui virou camarote ao preço de R\$ 700,00 e fonte de renda para a dona do salão que hoje deixou de ser de beleza”.

Imagens: homem em cima de um muro com cartaz escrito justiça; cinegrafistas em laje; moradora na janela de sua casa; vários cinegrafistas em uma laje; salão de beleza alugado para emissoras; vários policiais.

Sonora3 – Jerry Magalhães – Cabeleireira: “alugando a minha sacada e a minha laje, foi uma forma que encontrei para minimizar o prejuízo”.

Imagem: entrevistada.

Off4: “dois banheiros foram instalados na rua. A imprensa ganhou uma tenda, mas nos bastidores, o custo da operação não foi divulgado pela Secretaria de Segurança Pública”.

Imagens: banheiros colocados na rua; tenda para jornalistas.

Sonora4- Luiz Antônio Pinheiro – Delegado do GOE: “nosso intuito é exatamente evitar qualquer tipo de bagunça”.

Imagem: entrevistado.

Off5: “mas quando o carro que trouxe os personagens principais dessa história se aproximou. Não teve jeito. Ameaças e mais insultos. Alexandre Nardoni é o primeiro a descer. Anna Carolina vem depois. Passam a tempo de ouvir mais gritos”.

Imagens: aérea da viatura que levou Alexandre e Anna; fechada na viatura; saída do carro de Alexandre e Anna.

Passagem3– Bianca Vasconcellos: “18 de abril não foi uma data escolhida por acaso. Hoje, Isabella completaria seis anos. A estratégia do delegado foi tentar sensibilizar o casal durante o depoimento num dia que seria de festa para a família”.

Imagem: repórter em frente à delegacia de dia.

Off6: “nesta data querida. O circo armado. A data não passou em branco. Foi lembrada com balões, algodão doce, bolo e fantasias de gosto duvidoso. Mas o que esperar de quem se convidou, o que não era exatamente uma festa”.

Imagens: fantasiado de árabe com bolo na mão; balões, algodão doce, bolo e fantasiado de Roberto Carlos com fotografia de Isabella na mão escrito em preto “Luto”; pessoas gritando nome de Isabella.

Reportagem3 – Cynthia- Cabeça1: “Isabella Nardoni teria completado seis anos nesta sexta-feira”.

Imagem: bancada em meio plano.

Nascimento: “a data foi lembrada pela família e pelos amigos de escola, e até por quem não conhecia a menina”.

Imagem: Nascimento em bancada com imagem no canto esquerdo ao fundo do rosto de Isabella na tela.

Off1: “Isa para os colegas. Oliveira para as professoras. Isabella Nardoni também era sonhadora. Tão nova já queria ser uma grande bailarina”.

Imagens: Isabella sentada; professores, colegas, mais imagens de Isabella com colegas, que estão desfocadas neles e com retângulo destacando ela.

Enquete1: “sempre alegre, sempre, sempre com o sorriso no rosto”.

Imagem: entrevistada.

Off2: “nesta sexta-feira, Isabella completaria seis anos”.

Imagens: de Isabella sentada com colegas. A imagem dela possuía destaque e a dos colegas era desfocada.

Passagem4 – Luiz Bacci: “Isabella estudou neste colégio, na zona norte de São Paulo, durante um ano. Em 2006, o aniversário foi como de uma criança qualquer. Hoje, os coleguinhas lembram a data diferente. Invés de parabéns, orações e músicas religiosas”.

Imagem: no final da passagem aparecem os colegas rezando.

Sonora1 – Elenice dos Santos – Diretora da escola: “as crianças ouviram na televisão que seria aniversário dela. Alguns até cobraram se a gente não ia fazer bolo. Aí falei que bolo não, mas que a gente poderia rezar para ela, cantar para ela que ela ficaria feliz vendo lá do céu”.

Imagem: entrevistada.

Off3: “o túmulo da menina foi visitado por centenas de pessoas. A mãe biológica Ana Carolina Oliveira entrou e saiu sem ser vista pelos jornalistas. Os avôs não quiserem dar declarações. A senhora pode falar um minuto ou não? Numa página de relacionamentos na internet foi um dia de homenagens”.

Imagens: criança rezando; pessoas em volta do túmulo; rosto da mãe de Isabella; entrada do cemitério; carro com avôs.

Off4: “a morte não é tudo, não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu. Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu. Você é você. E a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos, permanece intocada, imutável, o que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. Chame-me pelo antigo apelido familiar. Fale de mim da maneira que sempre fez. Não mude o tom. Não use nenhum ar solene ou de dor. Ria

como sempre fizemos das piadas que desfrutamos juntos. Brinque e sorria. Pense em mim. Reze por mim. Deixe que o meu nome seja uma palavra comum em casa, como foi. Faça com que seja falado sem esforço, sem fantasma ou sombra. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável, o que é esta morte se não um acidente desprezível. Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da visão. Estou simplesmente a sua espera, como num intervalo bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem”.

Imagens: página do *Orkut* com palavras grifadas do poema; fotografias de Isabella sozinha e com a mãe; imagens da menina em movimento nas apresentações na escola fantasiada; música fúnebre ao fundo.

Chamada *stand up* 3 - Nascimento: “vamos agora voltar ao vivo na delegacia no centro de São Paulo e perguntar a Ana Volpi sobre novas informações da perícia. Foram reveladas hoje?”

Imagem: recorte rosto de Nascimento e Ana Volpi.

***Stand up*3- Ana Volpi:** “foram sim Nascimento. O *Jornal do SBT* apurou que foi encontrado sangue dentro do carro de Alexandre Nardoni. Os peritos também concluíram que o rastro de sangue no apartamento indica que Isabella foi carregada e jogada pela janela. E também há a informação que havia sangue no chinelo de Alexandre Nardoni na noite do crime. O sangue é de Isabella. A perícia também concluiu que a marca no pescoço de Isabella é do tamanho da mão da madrasta Anna Carolina Jatobá. Daqui a pouco nós voltamos ao vivo aqui no 9º Distrito Policial com mais informações. Nascimento”.

***Stand up* 4:** não gravado.

Observação: gravação feita com um único aparelho receptor e não foi possível gravar o último *stand up*.

Nascimento: “obrigado!”

Imagem: Nascimento em bancada.

Tempo total: 12 min